INTRODUÇÃO

A história dos Sete Cumes nasce com o sonho de um norte americano chamado Dick Bass. Aos 51 anos Bass era um homem que se pode dizer bem sucedido. Era dono de um resort de ski em Utah, Snow Bird, além de vários outros negócios. Mas, ainda com muita energia, resolveu criar um desafio para si mesmo: escalar a montanha mais alta de cada continente. Estava criado o desafio dos Seven Summits! Mas em 1983 cumprir este desafio era muito mais complicado do que "apenas" escalar as montanhas. Não existia estrutura alguma para a escalada do Vinson na Antártica. Mais do que as dificuldades inerentes a esta montanha era quase impossível chegar ao seu campo base. A solução encontrada foi comprar um DC3, conseguir um bom piloto com extensa experiência no Ártico e voar até a base da montanha. Em 1983, com a ajuda de vários dos melhores escaladores da época Bass conseguiu chegar no cume de seis dos sete cumes. Mas o Everest se provaria mais difícil. Bass só consegue o cume do Everest em sua terceira tentativa.

Na época apenas cinco permissões para escalar o Everest eram dadas a cada ano e a fila para conseguir uma dessas permissões era de anos. A solução encontrada por Bass foi financiar a expedição norueguesa e com isso conseguir um lugar juntamente com Breashears que o guiou. Em 30 de abril de 1985 ele se torna o primeiro homem a escalar os Sete Cumes.

No ano seguinte seu principal competidor para o título do primeiro Sete Cumes, o canadense Patrick Morrow, escalada os Sete Cumes com a chamada lista do Messner que inclui a Pirâmide Carstensz e não o Kosciuszko.

Desde então ao redor de 350 pessoas escalaram os Sete Cumes (dado de 2011).

Este livro conta a história de vinte e cinco anos de minha vida e dos meus Sete Cumes.

Ao contrário do que aconteceu com Dick Bass, os meus Sete Cumes não foram o resultado de um plano que me levou de montanha a montanha e sim algo que aconteceu lentamente conforme minha paixão pelas montanhas cresceu e me fez pensar em voos mais altos e minha vida profissional como guia de montanha que naturalmente me fez procurar destinos desafiadores para levar meus clientes. Apenas após ter escalado quatro dos grande Sete que a ideia de completar este projeto apareceu e a partir de então eu a abracei com entusiasmo. Mas, mais do que "conquistar" a montanha mais alta de cada continente o que me motivou sempre foi meu amor por viagens e conhecer lugares remotos e diferentes. E que maneira mais prazerosa de conhecer estes lugares do que associar as viagens a escaladas de Altas Montanhas?

Espero que o leitor leia este livro com este mesmo espírito, o da descoberta de cada continente e de suas lindas montanhas.

CAPÍTULO UM - KOSCIUSKO

O ano de 1989 foi marcante para nosso planeta por várias razões. O mundo como era conhecido até então desapareceu para sempre. A até então poderosa União Soviética desintegrou-se, o Muro de Berlim caiu, a guerra fria acabou. Uma nova era se iniciou com o poder quase exclusivo dos Estados Unidos.

Para mim, este ano também foi marcante e as consequências dele chegam até hoje e são o ponto inicial deste relato. Neste ano deixei o Brasil sem planos de voltar. Deixei também minha profissão de médico pediatra e, embora na época não soubesse, nunca mais voltaria a praticar a medicina. Em 15 de março de 1989 sai do Brasil sem planos, com dinheiro suficiente para três anos de viagem e sem destino certo. Nunca antes ou depois estive tão livre, tão aberto para o que a vida me apresentasse. Foi, sem dúvida, o ano mais importante de minha vida. Mas para entender o porque disso tudo temos que voltar vários anos...

Desde muito cedo minhas viagens tornaram-se o acontecimento mais importante e o mais esperado do ano. As férias não eram apenas um período de descanso da escola, eram minha oportunidade de viver a vida em um ritmo muito mais acelerado, onde em cada dia acontecia o mesmo que em cada mês da minha vida normal. No começo foram viagens de carona pelo sul do país acompanhado de um de meus primos. Veio então, em dezembro de 1974, aos 17 anos, a primeira e inesquecível viagem para a Bolívia e Peru. Pouquíssimo dinheiro, nenhum plano, e dois meses de total liberdade e descobertas. Nesta viagem aconteceu algo importantíssimo para o que viria depois. Pela primeira vez vi e pisei em uma montanha nevada e algo forte dentro de mim nasceu. Nunca antes uma paisagem tinha mexido tanto comigo. Nos próximos anos, sempre nas férias da faculdade de medicina, viajei para países da América do Sul e sempre tive as montanhas nevadas por perto.

Nessas viagens encontrava os travelers, jovens de todas as partes do mundo que antes, durante ou depois da faculdade tiravam um ano para viajar pela América do Sul. A ideia de poder ter aquele tipo de experiência que tinha todos os anos, mas com 12 meses de duração, era simplesmente irresistível e me prometi que assim que fosse possível faria isso também. A oportunidade veio em 1983 quando acabei a residência médica em pediatria. Decidi que era o momento ideal. Não tinha ainda raízes, tinha conseguido guardar um pouco de dinheiro através de plantões que dava paralelamente à residência, o suficiente para dois anos de viagem com um orçamento extremamente apertado. Mas não importavam as condições, o que importava era viajar. Como nos últimos anos já tinha viajado bastante pela América do Sul voltei meus olhos para a Europa e para a Ásia. Após muita oposição da família e de amigos que estavam todos buscando se estabelecer no mercado de trabalho, direção oposta à minha, desembarquei em Paris em uma manhã fria de início da primavera. É difícil para mim descrever o que senti naqueles primeiros dias. Uma felicidade imensa misturada ao sentimento de que o mundo estava aberto para mim para eu fazer o que quisesse.

Após dez meses de viagem pela Europa estava pronto para mudar radicalmente de experiência. Esses meses tinham sido divertidos, mas não se igualavam em termos de

intensidade às minhas viagens pela Bolívia ou Peru. A Europa não apresentava surpresas, era apenas uma versão muito mais moderna do Brasil. Após dois dias gelados de uma escala na Moscou de dezembro desembarcava em outro planeta. Depois de sobrevoar uma interminável plantação de coqueirais aterrissei no aeroporto de Colombo, a capital de Sri Lanka. A lembrança que guardo daquele momento é de puro deslumbre. Ao meu redor uma infinidade de pessoas de rostos morenos sorridentes, todos vestidos com sarongues coloridos e rodeados de uma paisagem exuberantemente tropical. Começavam assim seis meses de viagem por Sri Lanka, Índia, Bangladesh e Nepal. Seis meses duros, o dinheiro quase tinha acabado e o que tinha mal dava para dormir nas piores espeluncas, comer nos mais baratos restaurantes populares onde os pratos feitos eram compostos de pilhas de arroz, lentilhas e alguns legumes regados fartamente pela mais forte pimenta que já havia comido. Mas, nestes meses pela primeira vez tive a oportunidade de fazer longas caminhadas pelo Himalaia e quando voltei ao Brasil sabia que de um jeito ou de outro eu tinha de voltar para lá.

No Brasil minha vida recomeçou onde eu havia deixado. Abri um consultório, consegui com facilidade empregos, afinal eu havia me formado e feito residência em uma das melhores faculdades de medicina do país. Comecei a me estabilizar economicamente e cursei o caminho normal de um recém formado. Muitas horas de trabalho, carro, moto, viagens de fim de semana quando não tinha plantão, e um mês de férias por ano. Nos primeiros anos até que a vida foi satisfatória, embora carecesse da intensidade dos anos de viagem. Mas, aos poucos, o imã que me puxava rumo a mais uma longa viagem foi ficando cada vez mais forte. Paralelamente a isso fui me desencantando pela medicina que praticava. Trabalhava na periferia de São Paulo onde a maior parte dos problemas eram de origem social e o que eu fazia como médico era, no máximo, paliativo. Associado a isso fui ficando cada vez mais frustrado com minha competência como pediatra. Como trabalhava muito, não tinha energia para estudar e aos poucos fui sentindo que não era o médico que queria ser e nem fazia o que tinha sonhado fazer. A gota d'água foi meu divórcio em 1988 após um relacionamento de quase 10 anos. Agora nada mais me prendia. Marquei a data, 15 de março de 1989 iria embora. Quanto ao destino não havia dúvidas, era o lugar que mais havia me marcado na longa viagem anterior: Nepal. A combinação de uma das paisagens mais impressionantes e bonitas do planeta com um dos povos mais simpáticos, de bem com a vida e sorridentes faz com que este país, desde minha primeira visita, tenha se tornado o lugar no mundo onde me sinto mais em casa e mais feliz.

Após alguns dias em Katmandu estava pronto para retornar às montanhas que tanto haviam me marcado. Escolhi o trek ao campo base do Everest caminhando desde o final da estrada em Jiri e gradualmente subindo até o coração dos Himalaias Nepaleses. Estava nervoso, era a primeira vez que viajava sozinho e não sabia como iria reagir à solidão. Como companheira levava Kamala, a flauta transversal que tinha

comprado em Paris na escalada de dois dias que fiz lá e que pretendia aprender a tocar, embora soubesse que não tinha aptidão musical alguma. Mas, este era o espírito desta viagem, estar aberto a todas as experiências sem medo e sem preconceitos. Tinha entrado em uma loja para comprar uma máquina fotográfica e quando sai dei de frente a uma loja de instrumentos musicais e a flauta prateada Yamaha logo captou minha atenção. Por que não? Tinha tempo, um antigo desejo e dinheiro. Sai de lá com a flauta, alguns livros de partituras fácies e um manual.

O trek que era planejado para durar 20 dias acabou se estendendo por 40 e ao final dele decidi que não mais tomaria transportes motorizados. Caminhar era tão bom, uma maneira lenta e calma de ver o mundo e decidi tornar-me um andarilho. Meu trek tinha me levado a uma região remota do leste do Nepal e 400 quilômetros me separavam de Katmandu. Após 5 dias de caminhada, seguindo a estrada, comecei a perceber que minha escolha não era tão fácil ou divertida como tinha imaginado. Ao final de 40 quilômetros diários não chegava em lugar nenhum e a noite me pegava sem lugar para dormir e após cinco noites precárias resolvi com muito pesar encerrar minha experiência.

Próximo à Katmandu, o caminhão no qual viajava passou por 3 estrangeiros que viajavam de bicicleta. Aí estava a resposta. Bicicleta também me daria a liberdade de locomoção que eu buscava sem depender de horários de ônibus lotados e ainda me daria a sensação de absorver cada quilômetro viajado como caminhando, mas me daria mais liberdade de escolher onde dormir já que poderia percorrer uma distância bem maior. Viajar de bicicleta era em 1989 ainda um conceito novo e achar tudo que eu precisava foi muito difícil. Algumas coisas consegui comprar, outras improvisar, mas ao final de duas semanas estava pronto para partir, apesar de ser maio, o mês mais quente na Índia, quando a temperatura chega a mais de 40 graus. Meu plano era atravessar metade da Índia e ir para a famosa Goa, último reduto dos hippies, para um pouco de praia. Mas, mais do chegar lá, o que me interessava era o caminho a ser percorrido. De minha viagem anterior em 1983 eu sabia o quanto a Índia poderia ser intensa e difícil, mas sempre intrigante.

Após cinco dias de pedal cheguei a Varanasi, a mais sagrada das cidades hindus, às margens da Ganga, como o sagrado Rio Ganges é conhecido na Índia. Nesses duros dias aprendi à força a consertar a bicicleta (até iniciar esta viagem não tinha a menor ideia de mecânica de bicicleta) e quase morri de desidratação com o calor infernal e a falta de água potável por onde havia passado. No final, estava bebendo o que encontrava pelo caminho pagando o preço com uma inevitável infecção intestinal.

Em Varanasi tive de rever meus planos. Não era a época para pedalar na Índia, pelo menos não nas regiões baixas da Índia. Nesta viagem, o mais fácil era mudar de planos. Estava sozinho, não precisava encontrar meios termos. Tinha dinheiro suficiente, com meu orçamento de US$ 10 por dia poderia viajar por quase 3 anos. E realmente não tinha planos sólidos, apenas ideias que poderiam mudar a qualquer

momento, bastava encontrar alguém que me falasse de alguma coisa interessante em algum outro lugar.

Os travelers seguem um fluxo, um roteiro não escrito e que se espalha de um ao outro. Nos tempos sem internet este era o método mais efetivo de conseguir informações. Mesmo hoje, ainda acho este o melhor método. Recentemente estive viajando na Mongólia e fui inúmeras vezes recebido com comida e bebidas por famílias de nômades de uma forma extremamente generosa. Depois fiquei sabendo que além da generosidade existe uma razão para esta hospitalidade. Esta é a maneira que os nômades ficam sabendo das condições dos pastos ao seu redor, de como está o clima, de como estão as preciosas chuvas. Ao receberem viajantes em seus gers (tendas nômades feitas de feltro) eles se inteiram do que precisam saber. Entre os viajantes de 1989 era o mesmo. As conversas nos restaurantes sempre seguiam um mesmo padrão. De que país você é? Quanto tempo está viajando? De onde vem? Para onde vai? E destas conversas nasciam ideias que mudavam planos....

Já há algum tempo vinha ouvindo falar da Caxemira e do Ladakh, duas regiões montanhosas do norte da Índia, uma muito parecida com Paquistão e Afeganistão e a outra com fortes raízes tibetanas. E à caminho tem Daramshala, onde vive Sua Santidade o Dalai Lama. Lá, tinha escutado, existia um monastério que promovia cursos introdutórios de filosofia budista tibetana, algo que me interessava muitíssimo. Mudei meus planos. Rumaria para lá. Mas, de Varanasi a Daramshala muitos quilômetros me esperavam com o fortíssimo calor, o trânsito caótico das estradas indianas e o pó de nove meses sem chuva. A lembrança que tenho desses dias é de puro sofrimento. Mas estava decidido a viajar de bicicleta e sabia que quando chegasse às montanhas tudo seria mais fácil.

Por muitos e muitos quilômetros nem sequer usei as marchas da bicicleta. A planície gangética é uma das regiões mais planas do planeta. Passei por Agra e revi o Taj Mahal com suas formas simples porém perfeitas, segui para Delhi e finalmente rumei para o norte e após mais muitos dias de calor, trânsito e pó finalmente avistei as tão esperadas montanhas nevadas do Himalaia Indiano.
Ao chegar a Mcleod Ganj, o pequeno vilarejo que serve de governo no exílio para os tibetanos após a invasão chinesa de 1951, fui surpreendido por um rosto conhecido na multidão que me olhava chegar na minha bicicleta que com os alforjes comumente era confundida com uma estranha motocicleta pelos indianos não acostumados a ver mountain bikes. Ele se aproximou curioso para ver o que a multidão olhava. Era o Saverio, um italiano com quem tinha feito parte do trek do Everest. Nos poucos dias que caminhamos juntos tínhamos nos tornado muito bons amigos, uma daquelas amizades nascidas de uma infinidade de coisas em comum. Assim como eu ele também estava em uma longa viagem pela Ásia, não tinha muitos planos nem data de voltar e era apaixonado por países de culturas diferentes. Quando nos despedimos

não sabíamos que iríamos nos reencontrar tão em breve e nem tampouco tantas outras vezes nos anos que se seguiriam.

Como ele já havia chegado há alguns dias tinha as informações sobre o curso que ele também planejava fazer. Fomos juntos para o monastério de Tushita onde acabamos dividindo um quarto. O curso foi uma das mais importantes experiências de minha vida. Embora minha família não fosse religiosa, fui à escolas católicas e ia à missa com alguma frequência e isso me deixou com uma grande ojeriza a qualquer coisa que estivesse associada a espiritualidade. Me considerava ateu convicto e desde a adolescência que não tinha interesse por espiritualidade. Mas, de alguma forma, o budismo me atraia talvez por minhas experiências anteriores com povos budistas que sempre se mostraram sorridentes e, pelo menos aparentemente, felizes.

O monastério de Tushita é ligado a uma fundação chamada Foundation for Preservation of Mahaiana Tradition (FPMT) criada nos anos setenta por dois lamas tibetanos e que tem, entre outros objetivos, ensinar de maneira bem prática a filosofia budista tibetana a estrangeiros. Nossa mestra foi a Rubina, uma australiana de quarenta e poucos anos, uma pessoa de personalidade marcante, um bom humor contagiante e didática maravilhosa. Éramos ao redor de 40 estudantes de todas as partes do mundo e nesses 10 dias que compartilhamos os ensinamentos da Rubina pude sentir que para a maioria de nós estes dias de alguma forma seriam marcantes para nossas vidas.

Após o curso eu e o Saverio decidimos ficar mais alguns dias no Tushita. Além de budismo outras coisas aconteciam em Daramshala. Sua Santidade o Dalai Lama iria dar uma audiência pública em alguns dias. Um suíço dava práticas gratuitas de Tai Chi pelas manhãs em uma linda clareira no meio de um pinheiral. Um indiano aulas de yoga. Um grupo de estrangeiros havia alugado uma enorme casa no meio de uma bonita floresta e lá davam, de tempos em tempos, festas abertas a todos. E os dias iam passando sem pressa e o momento de partir era sempre adiado. Meditávamos todos os dias, conversávamos sobre os acontecimentos que abalavam o mundo, embora para nós, isolados na tranquila Daramshala e em nosso mundo de viajantes sem rumo, essas notícias chegavam como se fossem acontecimentos de outro planeta.

Após um mês decidi que era hora de seguir viagem. No curso tinha conhecido a Jenny, uma australiana que assim como eu estava viajando de bicicleta e decidimos seguirmos juntos. Nossa primeira parada foi a deliciosa capital da Caxemira, Srinagar com seu lindo lago e as houses boats. Durante o período colonial britânico o marajá da Caxemira não permitia que estrangeiros possuíssem terras na capital e a solução encontrada pelos ingleses que no verão buscavam o clima muito mais ameno da Caxemira foi construir casas flutuantes que com o tempo foram sendo transformadas em charmosos hotéis. Um dia estávamos caminhando pela cidade quando vimos um casal com suas mountain bikes. Puxamos conversa e soubemos que

eles também estavam indo para o Ladakh. Após 20 minutos de conversa em inglês e quase já indo embora perguntei a eles de onde eram. Ele me respondeu que era brasileiro. Era o começo de uma longa e gostosa amizade que duraria até os dias de hoje. O Luiz é um fotógrafo apaixonado por viagens de bicicleta e em seu currículo já havia feito a travessia do Saara argelino sozinho, feito nada desprezível. Ele estava viajando com a Anabelle, uma jovem belga e dois dias depois nós quatro partimos por uma das estradas mais impressionantes do planeta saindo dos vales verdes da Caxemira para a paisagem lunar do platô tibetano do Ladakh, 600 km de sinuosa estrada de terra com vistas de montanhas nevadas e abismos colossais. Vistamos monastérios milenares, dormimos na casa de locais que nos receberam com muita hospitalidade e andamos em velocidades que tremo só de lembrar por estradas que hoje teria medo de percorrer mesmo de carro.

Após alguns dias de descanso na capital do Ladakh, Leh, e de mais uma vez por acaso encontrar com o Saverio, seguimos para um vale ainda mais remoto, o Zanskar onde a estrada terminava. Se não podíamos mais pedalar, a única solução era caminhar. Desmontamos as bicicletas, as colocamos em mulas e seguimos por 10 dias de trekking pela paisagem maravilhosa do Himalaia indiano até chegarmos a Manali. Lá me separei de meus queridos amigos e voltei para o Nepal para fazer um curso de guia de montanha com 40 dias de duração.

Apesar de ter saído do Brasil sem saber o que iria fazer no futuro, uma coisa sabia. Não queria mais o estilo de vida que tinha tido nos cinco anos que trabalhei como médico. Viajar teria de fazer parte da fórmula da minha nova vida e apesar de saber que ainda teria muito tempo de viagem pela frente já começava a pensar no que faria mais para frente quando chegasse o momento de iniciar a nova fase de minha vida. Tinha encontrado alguns guias de montanha e considerava esta uma possibilidade para o que viria.

Este curso foi uma das coisas mais fascinantes e ao mesmo tempo mais difíceis que fiz na minha vida. Fascinante pois finalmente estava escalando em neve e gelo, antigo desejo que nasceu das minhas primeiras viagens pela América do Sul. O curso culminou com a escalada do Cholu East, uma montanha nevada com 6200 metros de altitude. Difícil por várias razões. No trekking de aproximação, o campo escola ficava a 6 dias de caminhada da estrada mais próxima na região do Annapurna, repentinamente comecei a sentir uma dor muito forte no abdome. Pela localização e intensidade achei que era apendicite o que significaria possivelmente morte já que naquela época não havia possibilidade de comunicação com Katmandu, nem helicópteros nem resgate de forma alguma. Para meu alívio aos poucos a dor foi mudando de características e vi que se tratava de uma cólica renal. Sabia que iria sofrer muito, mas que não iria morrer. Por dois dias fiquei no vilarejo próximo me recuperando e só então tive condições de seguir e reencontrar meu grupo que

consistia em seis instrutores iugoslavos, quarenta nepaleses de várias etnias e eu, além de cem carregadores levando nosso equipamento.

Durante o curso fiquei extremamente isolado, pois não me encaixava em nenhum dos grupos. Os instrutores ficavam em um canto falando em iugoslavo, os nepaleses em outro falando em nepalês e eu sozinho...Além disso, para que os nepaleses pudessem participar do curso, ele era dado durante a estação das monções quando eles não trabalhavam. Resultado: dias e dias na chuva, tanto no acampamento escola quanto em nossas saídas para as montanhas. E quando saíamos eu era sempre o último. Apesar de 3 meses de viagem de bicicleta nas montanhas meu preparo e adaptação à altitude não era páreo para os sherpas. Enquanto eles subiam 2000 ou 2500 metros em um dia com mochilas pesadíssimas conversando, rindo e se divertindo, eu subia ofegante mal aguentando o peso nas minhas costas e chegava com dor de cabeça pelo ganho muito rápido de altitude. Mesmo assim, aquele momento no alto do Cholu East, a alegria de fazer o meu primeiro cume foi mais forte do que qualquer sofrimento que tive naqueles dias. Confirmei o que já sabia: queria estar nas montanhas e queria escalar mais.

Nos próximos 9 meses viajei pela Índia, Tailândia, Malásia e Indonésia. Ao final deste período o dinheiro que esperava que durasse 3 anos estava acabando. O equipamento fotográfico, a flauta transversal e o curso de escalada tinham aberto um rombo no meu apertado orçamento. Mas, mais do que isso, não estava mais com vontade de contar centavos como na outra longa viagem. Me permitia algumas pequenas extravagâncias que somadas acabaram encurtando meu pequeno patrimônio. Era hora de procurar alguma forma de ganhar dinheiro para voltar a viajar. A ideia de voltar ao Brasil não existia. Só queria fazer dinheiro o mais rapidamente possível para voltar para a Ásia. Duas possibilidades de fazer dinheiro rapidamente circulavam entre os viajantes: pesca no Alaska e trabalhar nas minas da Austrália. Como eu estava próximo à Austrália e, na época, tirar o visto australiano era razoavelmente fácil, decidi ir para lá. Além de que a cheiro de peixe sempre foi um dos piores para mim...

A embaixada da Austrália em Bangkok era conhecida por dar vistos sem muitos problemas. Com um amigo consegui US$ 2000 emprestados por um dia. Vendi os dólares, comprei traveler checks no meu nome, exigência da embaixada, fui à embaixada, mostrei o dinheiro, vendi os checks e devolvi o dinheiro para meu amigo. Em um dia estava com o visto na mão.

A ideia era ir para o oeste da Austrália trabalhar como mineiro com o salário de US$ 100 por dia com despesas pagas. Em 3 meses de trabalho juntaria US$ 9000, o suficiente para viajar pelo resto da vida...ou quase.

Os planos mudaram quando a caminho de um centro de reabilitação de orangotangos em Sumatra conheci a Leoni, uma australiana que estava passando as férias da

faculdade com uma amiga na Indonésia. Imediatamente me encantei com seu jeito independente, de opiniões fortes, e apesar de jovem, sabia muito bem o que queria da vida, ou melhor, o que não queria, uma vida convencional. Passamos 15 dias juntos e ao nos despedir-nos prometemos nos encontrar na Austrália. Ela estava cursando o último ano de nutrição em Armidale, uma cidade do interior de New South Wales a 400 km de Sydney. Impulsivo como sempre decidi ir para Sydney para ficar próximo a ela. O problema é que conseguir emprego em Sydney foi muito mais difícil do que imaginava. Nas minas não era necessário experiência prévia, apenas braços fortes e disposição para trabalhar duro. Em Sydney tudo era mais difícil. A cidade era cara e muito rapidamente meus parcos US$ 800 com que cheguei desapareceram. A cada manhã ia para a estação do metro com o jornal, 10 dólares em moedas e ligava para qualquer trabalho que precisasse de gente. A pergunta era sempre a mesma: Você tem experiência? Saia de lá deprimido e mais pobre. Quando a situação já estava crítica me ofereci para trabalhar de graça em um restaurante de um amigo de um amigo. Fiquei lá por uma semana, não havia muito o que aprender, e na próxima vez que liguei para um restaurante respondi com firmeza, sim tenho experiência!
Os trabalhos se sucederam sem problemas, auxiliar de cozinha, pintor de paredes, enfermeiro em um asilo para idosos, limpador de teto de super mercados, faxineiro em um hostal. Após cinco meses já havia juntado uma certa quantia de dinheiro mas ainda não o suficiente para viajar por um longo tempo. Apesar de ganhar bem, gastava muito com alimentação e aluguel do pequeno quarto onde morava. E sempre que podia tirava uns dias de folga e ia encontrar-me com a Leoni. Combinávamos algum lugar, uma praia, um parque nacional, entre Sydney e Armidale e passávamos alguns dias juntos.

Em agosto decidimos que namorar a distância era muito frustrante e fui para Armidale morar com ela e tentar trabalho por lá. Armidale é uma pequena cidade do interior que vive em função da universidade. Os empregos eram poucos e quase todos tomados pelos estudantes. Mais uma vez fiquei sem trabalho por muito tempo. Um dia, ela chegou em casa e me disse que estava com vontade de ir passar 15 dias nas montanhas para esquiar e fazer caminhadas. Apesar de estar sem trabalho e vendo minhas poucas economias acabarem, aceitei na hora. Não podia perder uma oportunidade dessas. Nunca tinha esquiado e tinha conhecido muito pouco da Austrália até então.

Partimos no carro dela para os 1000 km de viagem até Thredbo, um centro de ski nas montanhas, ao sul da capital Canberra. No caminho ficamos em campings e quando chegamos lá nos instalamos em um trailer que alugamos. Estava muito frio mas a aventura compensava. Esquiei por três dias e me prometi que quando pudesse iria aprender de maneira correta a esquiar. Esses dias estão marcados em minha memória, como tudo o que nos impressiona de forma intensa. Depois de esquiar fizemos uma pequena caminhada até o topo de uma montanha de pouco mais de 2000 metros com um nome quase impronunciável: Kosciuszko . Não me lembro de quase

nada deste dia. A caminhada foi bonita, imagino, mas não me marcou de forma alguma. Sem saber, eu tinha feito o primeiro dos meus Sete Cumes...

Os planos que estavam fermentando em minha cabeça, tornar-me um guia de montanha, continuavam, mas o momento ainda não havia chegado. Minha vontade de viajar ainda era grande mesmo após quase dois anos desde que havia saído do Brasil. Após o período de pequenas férias com a Leoni voltei a Armidale e finalmente consegui um emprego no Tall Paul's, um pequeno restaurante familiar onde fazia de tudo. Fazia o preparo da comida que iríamos servir no almoço, lavava louça, mas na hora do almoço era o melhor fazedor de hambúrgueres da Austrália. Desde o meu primeiro emprego na Austrália decidi que a única maneira de me divertir com esses sub empregos era fazê-los da melhor maneira que podia. Transformava limpar, lavar e fazer hambúrgueres em um desafio buscando a perfeição. Descobri que sempre, por mais fácil que fosse a atividade, havia uma maneira mais eficiente de fazê-la. E assim fiz. Com isso, pelo menos por algum tempo, fazer o que tinha de fazer tornou-se uma coisa prazerosa. Era tudo uma questão de atitude mental. Receber 20 ordens de hambúrgueres diferentes ao mesmo tempo, cada um diferente do outro, pode ser uma coisa difícil de administrar. E tornei-me um mestre nisso e acabava o dia cansado, mas feliz. Ganhava oitenta dólares por dia, ou na minha maneira de pensar, oito dias de viagem por dia de trabalho. Morava em uma deliciosa casa com amigos e a mulher que amava, tinha um trabalho que, naquele momento, me satisfazia. A vida estava ótima. E, para melhorar, eu e a Leoni tínhamos marcado para o começo de dezembro nossa longa viagem de bicicleta a caminho do Brasil. O plano era fazer 3 meses na Nova Zelândia, uma ou duas semanas de alguma ilha na Polinésia Francesa, de lá para a Ilha da Páscoa e então do Chile ao Brasil. Uma viagem de ao redor de 6 meses de duração. Depois de nove meses trabalhando na Austrália estava pronto para partir novamente. A vida na Austrália era boa, mas a estrada me chamava. Um pouco antes de partir o Paul, o dono do restaurante onde trabalhava, me chamou e disse que estava abrindo outro restaurante e que queria que eu me tornasse o gerente do restaurante onde eu trabalhava. Eu ganhava US$ 400 por semana e sai de lá achando que, claro, meu salário iria no mínimo dobrar. Ainda não conhecia a maneira como a Austrália funciona. No dia seguinte ele me contou que o salário seria de US$ 450 por semana, um aumento de apenas US$ 50. Na Austrália, ao contrário do Brasil, a diferença entre o salário mínimo e um bom salário era de apenas 2 vezes.

A viagem de bicicleta foi, assim como a outra nos Himalaias, fantástica. Acabamos arrumando empregos em Cabo Frio, eu como pediatra e a Leoni como professora de inglês. Ambos trabalhávamos apenas 3 horas por dia e no restante íamos à praia, jogávamos frescobol, e aprendíamos capoeira.

Enquanto estávamos em Cabo Frio recebemos uma ligação de um amigo da minha turma de faculdade que acabou mudando o rumo de minha vida no sentido que já planejava. Ele me disse que tinha um grupo de nove amigos que estavam planejando fazer um trekking no Nepal e que já estavam quase fechando com um guia brasileiro, mas ele lembrou-se de mim e como sabia que eu já tinha bastante experiência em Nepal resolveu me perguntar se não queríamos guiar o grupo que sairia dentro de seis meses. Claro que aceitamos na hora. Isso vinha de encontro exatamente com o que sonhávamos. A experiência de trabalhar em sub empregos na Austrália tinha sido ótima, tinha me mostrado que poderia sobreviver em qualquer lugar do mundo, mas não era o que gostaria de fazer o resto da minha vida sempre que precisasse de dinheiro. Com a garantia deste trabalho saímos para viajar por seis meses pela América do Sul e eu outubro de 1992 guiei o meu primeiro grupo.

O curso de guia de montanha que tinha feito em 1989 não tinha me preparado para o maior desafio da minha nova profissão. Não sabia manejar os problemas das pessoas dentro do grupo e ainda pensava como um traveler e não como um guia. O que mais aprendi neste primeiro grupo era que tinha muito o que aprender até me tornar um guia competente.

Voltamos à Austrália e abrimos a *Beyond*, uma micro empresa especializada em viagens à Ásia. Por nove meses divulgamos nossas viagens, fizemos inúmeras palestras em nossa casa e finalmente nos rendemos a realidade. Era impossível competir com algumas das maiores empresas de trekking do mundo. Enquanto tínhamos duas saídas por ano para o Nepal, a World Expeditions tinha quarenta...

Ao invés de desistir, voltamos nosso foco para o Brasil. Caminhar por 15 dias nas montanhas e chamar isso de férias ainda era um conceito revolucionário e que poucas pessoas abraçavam no Brasil de 1993. O mercado era mínimo, mas por outro lado não tínhamos concorrentes. Com dois amigos abrimos a Altas Viagens e pouco a pouco fomos conseguindo clientes. Fazíamos o que amávamos e, claro, o resultado veio. No começo vivia do que ganhava na última viagem sem sobra alguma. Mas, aos poucos, fui me tornando mais conhecido e os grupos aumentaram de frequência e de tamanho. Meu relacionamento com a Leoni terminou. Ela estava cansada de viajar, sem ter base, sem ter família e filhos. Do meu lado, a vontade de mudar de país a cada mês nunca diminuiu. Estava feliz com minha nova profissão, feliz de passar boa parte do ano em minha pequena barraca e de seguir conhecendo lugares interessantes do mundo. Mas a promessa que tinha feito quando sai do Brasil continuava sendo respeitada. Acima de sucesso profissional, acima de estabilidade financeira, estava o estilo de vida que eu buscava. Guiava seis meses por ano e tinha seis meses de férias. E assim seguia a vida.

CAPÍTULO DOIS - ACONCAGUA

Adoro algumas insônias. Não aquelas em que deito e, por estar muito agitado por algum acontecimento, não consigo dormir. Me refiro aquelas onde acordo com alguma ideia na cabeça no meio da noite e depois me virar e revirar levanto e decido resolver o que está me incomodando. Nestas horas sinto-me descansado, energizado e com a mente clara. Nesta noite um pensamento insistente me despertou. Eu precisava fazer algo marcante antes de envelhecer. Algo que me marcasse por sua dificuldade e ousadia.

Estava em um pequeno bangalô em uma maravilhosa ilha da Tailândia, pequena o suficiente para ser percorrida a pé em menos de uma hora, afastada de tudo, a muitas horas de ônibus de Bangkok e a cinco horas de barco da costa, no meio de um parque nacional marinho. A vida lá era muito simples: nadar, fazer snorkeling entre lindos corais e uma miríade de peixes tropicais de todas as cores e formas, comer a deliciosa comida tailandesa e ler. E estava lendo a biografia do Sir Edmund Hillary, o neozelandês que junto com o nepalês Tenzin Norgay tinha sido o primeiro homem a escalar a mais alta montanha da Terra, o Monte Everest. Depois desta escalada Sir Hillary passou o resto da vida escalando, viajando, inventando projetos maravilhosos, sempre patrocinado.

Apesar de nesta época, o ano era 2001, já ter escalado bastante na América do Sul e alguma coisa nos Himalaias, pela primeira vez pensei seriamente em fazer um plano para me preparar para escalar o Everest. Por muitos anos ia ao campo base desta montanha guiando grupos. Por muitas vezes tinha olhado para cima e me perguntado o que os escaladores sentiam no campo 4, horas antes de subir ao cume. E a vontade de estar lá começou a aumentar. Fiz um plano de treinamentos que incluía escaladas na Bolívia culminando com a cara oeste do Huayna Potosi, uma das paredes mais difíceis daquele país. De lá iria para o Ama Dablan no Nepal, uma montanha com 6800 metros na época ainda não escalada por nenhum brasileiro, depois o Denali, a mais alta montanha da América do Norte e finalmente o Everest.

Passei um mês na Bolívia escalando com um amigo americano e ao final disso escalei a cara oeste. Me sentia preparado para o Ama Dablan. Comprei a permissão de escalada, me encaixei em uma expedição americana, comprei equipamentos caros e por conta de um mês extremamente atípico onde nevou praticamente o mês inteiro não consegui sequer chegar a campo base. Gastei mais do que podia e não cheguei a nada. Desisti do Everest. Passava pouco tempo no Brasil, não era conhecido, não tinha contatos e as minhas chances de conseguir patrocínio eram muito pequenas. E sem patrocínio não havia possibilidades de escalar o Everest. O momento não havia chegado e os planos foram guardados para quando as condições fossem mais apropriadas.

Com as histórias do livro do Hilary em minha cabeça pensei: e se eu também fizesse algo memorável? Sempre fui atleta. Desde os treze anos nadava e na faculdade competia em natação e atletismo. Mas, com outros interesses e os estudos, nunca consegui ser mais do que um atleta medíocre. Depois disso acabei fazendo inúmeros esportes desde paraquedismo até kayak de corredeira. Sempre fui o que chamo de generalista, aquela pessoa que tem mil interesses, experimenta de tudo um pouco e por consequência não faz nada extremamente bem. Mesmo com escalada em neve e gelo, minha maior paixão, também era assim. E ali, sentado na pequena varanda de bambu olhando o mar se tingir com as cores da manhã que chegava lentamente, pensei que gostaria de fazer uma travessia envolvendo vários esportes. Um nome veio como com vida própria à minha mente: Atlântico ao Pacífico. Faria isso! Percorreria de São Paulo ao Pacífico correndo, remando, pedalando e escalando. Guardei este pensamento e continuei minha agradável vida até que, dois meses depois, cheguei ao Brasil e olhei com cuidado um mapa da América do Sul. Como por encanto a ideia se encaixava perfeitamente. Correria 20 maratonas consecutivas de São Paulo a Florianópolis, pedalaria de lá a Porto Alegre, remaria a lagoa dos Patos em um kayak oceânico, pedalaria de Rio Grande a Viña del Mar no Chile e depois escalaria o Aconcagua. Loucura? Sim, e exatamente era isso que buscava, algo que eu mesmo considerasse uma insanidade, algo além das possibilidades de um ser humano. Mas eu sabia que quando decidia alguma coisa era o ser mais determinado do mundo e se decidisse fazer isso nada me impediria. Mas, se sou decidido, também sou muito cauteloso e decidi transformar este plano em um cuidadoso projeto de longa duração e que contasse com o apoio de vários profissionais competentes que me ajudassem a transformar a loucura em uma ideia viável.

O parte mais difícil seria, sem dúvida, as vinte maratonas consecutivas, uma por dia. Por isso, a primeira pessoa com quem fui conversar foi o Marcos Paulo Reis, um renomado treinador de maratonas e tri atletas. O olhar dele quando terminei de expor minha ideia disse muito, mas mesmo assim perguntei a ele se achava possível. Ele foi franco e direto. Disse que achava possível desde que por muitos meses eu esquecesse qualquer outra coisa, trabalho, vida social, passeios ou fins de semana. Era o que eu precisava ouvir. Convidei um amigo, Fernando Cruz, para fazer a travessia comigo e, embora ele achasse que estava acima do que ele podia fazer, resolveu tentar. Começamos nossa rotina de treinos de 6 horas por dia durante os dias de semana divididos em três treinos de 2 horas cada um, corrida, bicicleta e remo. Nos finais de semana fazíamos um treino longo de corrida aos sábados e um longo de bicicleta aos domingos. As planilhas que o Marcos Paulo Reis nos enviava eram brutais e a cada semana mais exigentes. Apesar de fazer acompanhamento com a excelente nutricionista Tânia Rodrigues e estar consumindo quase 5000 calorias por dia, tinha muita dificuldade em não perder peso. Também era acompanhado por um treinador de remo, um professor de yoga, um massagista, um médico do esporte e um acupunturista.

Marcamos a saída para setembro, sete meses depois, sete meses de treino intenso e focado. Após um mês de treinos decidimos tentar o Aconcagua como treino para a escalada que seria no fim do ano. Voamos para Mendoza e poucos dias depois fazíamos a dura caminhada ao campo base, a chamada *Plaza de Mulas*. De lá seguimos a rotina de aclimatação de alta montanha. Fazer transporte de equipamentos de um campo ao outro e descer para dormir no campo inferior. No dia seguinte fazer mais um transporte e dormir no novo campo. O clima se comportou como sempre no Aconcagua, um ou dois dias de tempo bom seguidos de mal tempo. De manhã, as vezes, acordávamos com o sol brilhando e podíamos caminhar de camiseta de manga curta para dali a poucas horas estar nevando. Mas tudo era compensado pelos entardeceres quando a montanha se tingia de dourado e sentado em uma pedra ao lado da barraca contemplava a paisagem ao meu redor com a satisfação de ter feito um bom trabalho. Sentia-me forte e bem aclimatado e otimista em relação as minhas chances de cume.

Após 12 dias de escalada chegamos ao último campo. Descansamos o restante da tarde nos preparando para a saída as cinco da madrugada para termos muitas horas para chegar ao cume e voltar ao acampamento com segurança. Com a suave luz do amanhecer avançamos lentamente rumo ao nosso objetivo. O frio estava muito intenso, calculo que ao redor de 20 graus negativos, mas caminhando eu me sentia bem. Quando chegamos ao redor de 6500 metros o Fernando que já vinha atrás se atrasou ainda mais e resolvi esperá-lo para ver o que estava acontecendo. Quase em lágrimas me disse que suas mãos estavam doendo muito e que tinha medo de congelamento. Queria voltar. Fiz massagem em suas mãos, que realmente estavam frias, mas mesmo assim ele não se animou a continuar. O tempo estava bom, não havia quase vento, inimigo constante no Aconcagua, e eu podia quase me sentir no cume. Ele estava ao alcance de mim e no entanto teria de tomar uma decisão, subir e deixá-lo descer sozinho ou abandonar o cume e voltar. Por minutos fiquei parado tentando decidir o que fazer e finalmente me levantei e comecei a caminhar de volta rumo à barraca. Estava com o coração pesado mas sabia que esta era a decisão correta. Uma das regras mais importantes da montanha é não abandonar um companheiro que está com problemas mesmo que, como era o caso ali, ele não parecesse sério. Anos mais tarde me deparei com uma situação semelhante no Mustagata, uma montanha de 7600 metros na China onde dois italianos haviam partido para o cume deixando seu parceiro descer sozinho pois ele não se sentia bem. Quando os encontrei estavam chorando ao lado do corpo do amigo encontrado morto nas encostas entre o campo 4 e o campo 3.

No dia seguinte, as condições tinham mudado radicalmente, minha janela de bom tempo tinha ido embora. Mesmo assim não me conformei, acho que a tal da febre de cume tinha se apoderado de mim. No dia anterior tinha estado tão próximo que não conseguia simplesmente ir embora. Saí sozinho, o Fernando estava cansado

fisicamente e destroçado emocionalmente, e enfrentei o vento e o frio intenso. Mas, não fui longe. Depois de duas rajadas violentas que me jogaram no chão achei que seria tolice prosseguir, ainda mais sozinho. Desta vez quem ficou com medo fui eu. O restante do dia passei na barraca com o ensurdecedor barulho do vento sacudindo a parede da barraca e ameaçando nos jogar para o Chile. Pouco dormi esta noite, mas na madrugada seguinte, mais uma vez tentei subir. Acho que apesar de saber que não conseguiria, não queria dias mais tarde pensar que não tinha ido até o fim. Mais uma vez fui derrotado pela natureza. A montanha tinha nos dado a oportunidade e não conseguimos usá-la. Agora ela tinha fechado as portas e não havia nada que pudéssemos fazer. No meio de um fortíssimo vendaval empacotamos a barraca e descemos rumo à Plaza de Mulas e de volta a São Paulo.

Os treinos continuaram cada vez com mais intensidade e o que até pouco tempo considerávamos impossível, como fazer 200 km de bicicleta, agora tinham se tornado rotina. Após 3 meses de treino o Fernando começou a sentir fortes dores no calcanhar e ao consultar um ortopedista foi diagnosticado uma fratura de stress. Não havia o que fazer. Ele tinha que repousar por dois meses até poder retomar os treinos e daí já seria muito tarde para recomeçar e estaríamos muito desiguais.

Assim, de repente, me vi sem parceiro para a travessia e a ideia de treinar tantas horas por dia, sete dias por semana, sozinho e depois percorrer os três meses de travessia sem um companheiro não me agradava de forma alguma. Dois anos antes tinha guiado um tri atleta de 50 anos que no trekking tinha se mostrado uma pessoa cheia de vida e em excelente forma física. Liguei para ele, expliquei do que se tratava o projeto e ele aceitou imediatamente. Era aposentado, vivia para treinar e se entusiasmou com o projeto. Na semana seguinte começamos a treinar juntos e o treino prosseguiu conforme o planejado.

Mas, como em todos projetos que me envolvi, sempre tinha uma lado que acabava se mostrando mais difícil do que realizar o projeto em si: o patrocínio. Eu tinha um projeto arrojado, uma ideia inédita, tinha boas possibilidades de conseguir realiza-lo, mas tudo isso no final acaba contando pouco. Mais uma vez, por não viver no Brasil e ter poucos contatos, não tinha nenhum acesso a diretores de marketing de empresas com porte suficiente para se interessar por um projeto desses. Enviei o projeto para uma dezena de empresas sempre com o mesmo resultado: o projeto é lindo e ousado mas infelizmente não se enquadra com o perfil de nossa empresa...

Desde o começo do projeto tinha solicitado apoio ao Laboratório Fleury que já tinha me apoiado com a parte médico laboratorial do projeto Desafio de Atitude quando levei um grupo de portadores de deficiência física ao Nepal para fazer esportes de aventura. Desta vez o Fleury também me apoiou e pude fazer todo o perfil laboratorial sem custo. Com a data de partida se aproximando e sem nenhum patrocínio resolvi fazer mais uma visita ao Fleury para propor se eles não gostariam de mudar de apoiadores para patrocinadores. Qual não foi meu espanto quando sai

de lá com um novo nome para o projeto: Primeira Travessia Fleury Atlântico ao Pacífico!!

Com a tranquilidade da parte financeira assegurada nos dedicamos ainda com mais vontade ao treino e ao chegar a data da partida tínhamos confiança de que conseguiríamos fazer o que tínhamos planejado. Mas, porque a ideia de correr na BR 116 de São Paulo a Florianópolis não nos agradava muito resolvemos mudar a ordem das atividades e pedalar de São Paulo a Porto Alegre, remar a Lagoa dos Patos e correr as maratonas na estrada muito mais tranquila de Rio Grande a Buenos Aires. Na época a decisão pareceu boa, mas ela provou muito equivocada embora só percebêssemos muito mais tarde, tarde demais. Saímos de São Paulo do estacionamento do restaurante Qualifrut, que também tinha sido um de nossos apoiadores, com a camionete L 200 vermelha que a Mitsubishi havia nos vendido a preço de custo toda coberta de adesivos com os nomes de patrocinadores e apoiadores carregando o kayak oceânico que a Opium, empresa fabricante de kayaks, gentilmente tinha nos emprestado. Os amigos e família vieram para nossa despedida e meu coração batia loucamente de um misto de felicidade e apreensão. Estávamos no topo de nossa forma física, mas o que tínhamos nos proposto a fazer era tão formidável que não podia deixar de me sentir intimidado.

Apesar de alguns sustos com os caminhões na BR 116, a viagem até Porto Alegre, 1260 quilômetros que fizemos confortavelmente em 10 dias, transcorreu sem maiores problemas. Lá iniciamos a parte que tínhamos menos experiência e mais dúvidas, os 400 km entre Porto Alegre e Rio Grande atravessando a Lagoa dos Patos pela margem leste, a mais desabitada. A ideia era costear a lagoa nos mantendo próximos as suas margens por questão de segurança. Mas aos poucos fomos ficando mais confiantes e começamos a cortar as baías indo de ponta a ponta chegando a ficar à 10 quilômetros da costa. Nosso kayak estava carregado de mantimentos além de barraca, sacos de dormir, material de cozinha e de navegação. Se virássemos naquela distância da costa na água gelada da lagoa estaríamos em grandes problemas. Mas, com um pouco de sorte e a habilidade que tínhamos adquirido durante os treinos e que rapidamente aumentavam na prática da travessia, tudo acabou correndo bem e chegamos ao Yacht Club de Rio Grande em 10 dias, metade do tempo que tínhamos previsto para este tramo. Foi divertido ver o expressão no rosto dos velejadores quando contamos que tínhamos vindo de Porto Alegre, uma travessia considerada ousada em um veleiro!

Mas, nem tudo estava bem entre eu e meu companheiro de travessia. Em uma expedição dessas onde você está cronicamente cansado e estressado é fundamental que as pessoas se entendam bem. É fundamental que o trabalho seja dividido de forma igual. Você chega ao final do dia morto e qualquer trabalho extra custa muito. Desde os treinos que sentia que ele não participava com a sua parte do trabalho. Enquanto eu dedicava muito mais horas após treinar a conseguir mídia e patrocínio,

ele ia para sua casa para descansar. A princípio não dei importância, estava motivado e sentia também que tinha mais contatos que ele. Mas, durante a travessia, além de percorrer o trajeto do dia havia uma série de coisas a serem feitas como tirar fotografias, filmar, atualizar o blog, manter a mídia informada de nossos avanços, informar os patrocinadores do que estava acontecendo. E tudo isso eu fazia enquanto ele colocava gelo em seus joelhos e tomava chimarrão assistindo televisão. Também do lado pessoal os atritos aumentaram.

Começamos então a parte mais dura da travessia, as vinte maratonas consecutivas e aí o erro da mudança da ordem de atividades apareceu. Ficamos 10 dias pedalando, 10 dias remando e alguns dias de descanso entre uma atividade e outra. Resultado: tínhamos ficado quase um mês sem correr e agora, de repente, tínhamos 42 quilômetros por dia pela frente. As primeiras 4 maratonas foram bem fazendo os 42 quilômetros em ao redor de 5 horas, um trote rápido, como era nosso plano. Mas comecei a sentir uma dor forte na minha canela que só piorou com as próximas duas maratonas. Junto a isso, nosso relacionamento que já estava ruim degringolou de vez e já nem conversávamos. Após uma semana resolvi que não queria continuar assim. Tinha sonhado com este projeto por quase um ano e trabalhado de forma imensamente dura para que ele acontecesse. Não queria apenas fazê-lo, queria que ele fosse divertido e não estava sendo. Chamei meu companheiro para uma conversa séria e ao final dela decidimos que seria melhor ele voltar para São Paulo e eu continuar sozinho.

Como a dor só piorasse como última alternativa decidi fazer meia maratona por dia para ver se diminuindo a distância conseguiria completar o que havia me proposto ainda que em um tempo maior. Mas, não houve jeito. Após seis maratonas completas e quatro meias maratonas tive de me dar por vencido. Parei em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul e procurei um médico. O diagnóstico foi fratura de stress, o grande inimigo de todo maratonista que abusa de seus treinos. O único tratamento era repouso, tudo o que não podia fazer. Após dois dias pensando no que fazer resolvi dar uma volta de bicicleta para ver o que acontecia e para minha grande felicidade vi que podia pedalar sem dor. Montei na bicicleta e pelos próximos 2000 quilômetros pedalei ao redor de oito horas por dia por uma das estradas mais retas e com menos interesse no planeta. A jornada só ficou mais interessante após Mendoza quando apareceram as montanhas nevadas e comecei a travessia dos Andes passando em frente ao Aconcagua e depois cruzando a fronteira e descer os "caracoles" , uma enorme série de zigzags descendo de maneira abrupta rumo à costa. E, em uma manhã de sol de começo de dezembro, finalmente fiz o que por meses tinha sonhado: mergulhei nas águas geladas do Pacífico!
Depois dos 10 dias de descanso, sentia-me mais preparado do que nunca para esta última etapa. De agora em diante, era contar com a ajuda dos ventos e do clima de uma forma geral!

Minha motivação era grande, já que esta fase não realizaria sozinho! Além do amigo e ótimo companheiro de escalada, Fernando Cruz, estariam conosco os amigos; José Pedro Silva, Neco e Silvia Stickel, Jorge Guimarães e Fernando Rocco.
Seria uma agradável aventura estar na montanha com este grupo tão especial e animado. Finalmente, depois dos muitos momentos difíceis e solitários das fases anteriores desta travessia, me sentia feliz por novamente poder estar em equipe.
Estes últimos 3 dias foram de muita agitação em Mendoza com a chegada do grupo e todos os preparativos finais. Afinal, seriam 20 dias autossuficientes na montanha! A notícia que tínhamos era que este ano havia nevado muito e apesar de já estarmos em dezembro, havia ainda muita neve na montanha.
Esperávamos que a neve realmente houvesse derretido já que o tempo estava bem melhor do que uma semana antes. Os ventos já não estavam tão fortes e a neve já tinha baixado ao nível que deveria estar nesta época do ano.
Apesar disso, todos sabíamos que na montanha em apenas questão de minutos poderia surgir uma mudança repentina nos ventos e o tempo mudar totalmente...então, era torcer para que continuasse bom assim!
Seriam ao todo 20 dias na montanha (subida e descida), e teríamos 6 pontos de parada com até 3 dias de aclimatação para cada ganho significativo de altitude.
O ponto de partida para o início do trekking foi Puente Del Inca (2800 metros), próximo à entrada do Parque Nacional do Aconcagua.
Como o ganho de altitude desde Mendoza até Puente Del Inca é de 2100 metros, dormimos lá esta primeira noite antes de iniciarmos a caminhada, de forma que pudéssemos nos aclimatar a este primeiro ganho de altitude.
Iniciamos nosso primeiro dia de caminhada rumo a Confluência (3400 metros), nosso segundo ponto de aclimatação. Passamos 3 noites em Confluência fazendo caminhadas de aclimatação e então partimos para o campo base chamado Plaza de Mulas (4280 metros), uma dura caminhada de 20 quilômetros de extensão com um ganho de quase 1000 metros verticais.
A Silvia e o Nando nos acompanharam até Plaza de Mulas fazendo conosco a caminhada de aclimatação até o campo 1 – Canadá - e retornando à Mendoza em seguida. Daí em diante, eu e os demais continuamos rumo ao cume.
Os três acampamentos de altitude são: campo 1- Canadá (4900 metros), campo 2- Nido de Condores (5500 metros), campo 3- Berlim (6000 metros) e finalmente o ataque ao cume (6962 metros).
Além do vento, sempre característico nesta parte da montanha, seriam longos dias de caminhadas quando todos faríamos o transporte do equipamento de um acampamento ao outro. Esta etapa é sempre dura, já que o grupo não mais poderá contar com as mulas que não podem subir para fazer o transporte, isso sem contar com o vento que sempre pode estar presente! O fato de fazermos o transporte a cada dia também funciona como forma de aclimatação. Sendo assim, subiríamos um tanto por dia transportando nossos equipamentos deixando-as no acampamento seguinte, voltando ao acampamento anterior para dormirmos. No dia seguinte subiríamos novamente até o acampamento onde deixamos nossas coisas e onde

dormiríamos a noite seguinte.... E assim consecutivamente até o campo 3 – Berlim.
A partir daí, teríamos 3 dias para o ataque ao cume. Apesar desta subida ser feita em um dia de 10 horas, nós dependeríamos totalmente das condições climáticas no momento da subida, por isso reservamos 3 dias no cronograma exclusivos de ataque ao cume para que pudéssemos lidar com a provável instabilidade climática característica desta montanha.
Seguimos de campo a campo com dificuldade devido às mochilas pesadas de vinte quilos cada e por causa da altitude, mas após nove dias havíamos chegado ao campo dois a 5500 metros e nos últimos dois dias o tempo estava excelente o que era bom, mas também preocupava pois as janelas de tempo bom no Aconcagua nunca demoram mais do que três dias. O nosso plano original era no dia seguinte fazer um transporte ao campo 3 e no outro tentar o cume. No jantar coloquei ao grupo minhas preocupações e discutimos a melhor solução. Se seguíssemos o plano corríamos o risco de perder a janela de bom tempo e o cume, mas por outro lado, se saíssemos do campo dois para o cume teríamos um dia dificílimo de 1500 metros de subida e 1500 metros de descida e não sabíamos se seríamos capazes. No final disse ao grupo que se as 3 da manhã o tempo ainda estivesse bom partiríamos para o cume. Fui deitar com muita apreensão pois agora minha decisão não mais afetaria apenas a mim, mas também aos meus companheiros.
Dormi pouco e as 3 da madrugada ao acordar a primeira coisa que prestei atenção foi ver se a barraca estava sacudindo com o vento. Nada...tudo absolutamente calmo. Abri o zíper e olhei para fora. Apesar do frio intenso o céu estava estrelado. Tomei fôlego e chamei a todos.
Saímos rumo ao campo 3 sob as estrelas, mas aos poucos o céu foi clareando e um lindo nascer do sol nos animou a prosseguir. Mas, ao chegarmos ao campo 3 o Fernando disse que não estava se sentindo bem e que tinha resolvido voltar. Como ele estava razoavelmente bem, era já de dia e o caminho entre o campo 3 e o 2 era fácil não vi a necessidade de acompanhá-lo. Seguimos então eu, o Pedro, o Jorge e o Neco. As horas foram passando vagarosamente enquanto avançávamos com dificuldade crescente conforme ganhávamos mais altitude.
Após 10 horas de dura escalada chegamos ao pé da canaleta, a última rampa antes do cume. Estávamos a menos de 200 metros verticais do cume e conseguíamos ver algumas pessoas lá em cima, mas sabíamos que nesta altitude cada metro nos custaria um esforço incrível. Quando nos preparávamos para continuar o Pedro e o Jorge nos disseram que estavam exaustos e que achavam melhor descer. Mas, estávamos tão perto.... já tínhamos investido tanto neste cume....Mas, neste tipo de decisão não se pode opinar, cada um sabe o quanto tem de energia e ainda tínhamos todo o caminho de descida. Com o coração pesado os vi lentamente descerem e se afastarem. Perguntei ao Neco como ele estava e ele me disse que poderia subir. O terreno aqui fica mais íngreme e mais difícil e finalmente os crampons que usávamos desde o campo 3 estavam sendo realmente úteis. Parando a cada passo para respirar seguimos ainda mais lentamente do que antes. Sabíamos que já estava muito tarde e que se não chegássemos logo poderíamos ter problemas para voltar. O tempo havia

deteriorado visivelmente e ameaçadoras nuvens avançavam rumo a nós. Continuamos lentamente e, de repente, o ângulo suavizou e estávamos no cume da montanha mais alta da América do Sul, da montanha mais alta do planeta fora da Ásia, da montanha mais alta por um raio de 20.000 quilômetros!!! O topo do Aconcagua!! O término do projeto Atlântico ao Pacífico, sete meses de treinos, três meses de travessia!
Nos abraçamos emocionados, tiramos as fotos de cume e olhamos ao nosso redor. Repentinamente tudo estava coberto de nuvens e a visibilidade tinha se reduzido a poucos metros. Uma nevasca forte começava a cair. Minha estratégia tinha dado certo. A janela de tempo bom tinha acabado. Se tivéssemos deixado para o dia seguinte teríamos perdido nossa chance. Apesar do esforço de atacar o cume do campo 2 tínhamos conseguido.
O caminho de volta ao acampamento foi uma das coisas mais duras que já tinha feito. A neve caia cada vez mais forte deixando o caminho ainda mais duro. A navegação era complicada e o tempo todo estava nervoso com a possibilidade de me perder no "viento blanco". Errar o caminho nestas condições era morrer. Após 2 horas e meia chegamos ao conhecido campo 3 com um grande alívio e depois de uma hora e meia chegamos à segurança de nosso acampamento. O Fernando tirou uma foto nossa. Não tirei as botas ou os óculos, apenas me joguei com metade do corpo dentro da barraca e as pernas para fora e adormeci profundamente sabendo que tinha conseguido...

CAPÍTULO TRÊS – KILIMANJARO

Um ano antes havia guiado um simpático casal em uma viagem cultural na Índia e Nepal. Eles gostaram de meu trabalho e juntaram um grupo de amigos para fazer uma outra viagem. Deste começo nasceu uma parceria entre a minha empresa e esse grupo de amigos. Eles encomendavam uma viagem, eu ia ao país fazer uma viagem de pesquisa e no ano seguinte os guiava. Assim fomos para a Guatemala, ao campo base do Everest, aos lagos de Gokyo, também no Nepal, a Java e Bali, ao Kyrgystão e Uzbequistão, e a muitos outros destinos exóticos. Eu conhecia o gosto deles e eles me davam carta branca para desenhar a viagem.

Ainda não tínhamos ido para a África e eles tinham interesse nos países sub saarianos. Em maio de 1995 fui para Níger e Mali, dois dos mais pobres países do mundo. Com o deserto avançando a cada ano e devorando quilômetros de terra que de outra forma poderia ser produtiva, os dois países viviam sem esperança. Minha chegada a Niamei mostrou-me que o meu conceito de o que era um país pobre, Índia ou Nepal por exemplo, era totalmente equivocado. Niamei quase não tinha luz elétrica, o esgoto corria pelas ruas e a pobreza estava estampada no rosto das pessoas. Acostumado a associar pobreza extrema com violência passei os dois primeiros dias com muito medo. Aos poucos fui vendo que tinha de rever meus conceitos. A estrutura turística era inexistente. Tinha um hotel 5 estrelas, mas estava muito além do meu orçamento. E os hotéis baratos eram inabitáveis. Minha primeira noite foi em um quarto infestado de baratas e no dia seguinte consegui um quarto em uma igreja católica que dispunha de acomodação para padres que passavam pela capital.

Mas não era na capital que eu estava interessado em sim no deserto de Teneré, uma imensa região ao nordeste do país com dunas majestosas, uma das mais lindas áreas de Saara.

Uma longa viagem de 1000 km me esperava até Agadez, o ponto de partida para o Teneré. Após 900 km o ônibus de repente parou e todos desceram. Sem saber o que estava acontecendo tentei perguntar em meu francês quebrado o que estava acontecendo e finalmente entendi que o motorista tinha dito a todos que estava sem freios... desde que saiu de Niamei!!! Após 900 quilômetros finalmente ele se rendeu... Era final da tarde e não havia nada a fazer a não ser o mesmo que meus companheiros de viagem, colocar algo no chão e dormir a beira da estrada. Na manhã seguinte, na impossibilidade de conseguir outro ônibus acabei pegando um taxi tipo lotação com muitos de meus companheiros de infortúnio e seguir desta forma os últimos 100 quilômetros.

Em Agadez me encaixei em um grupo de franceses e em dois Land Rovers partimos para uma viagem pelo deserto com uma semana de duração.

Apesar de por dois dias ter visto uma das mais lindas paisagens de deserto de minha vida, montanhas de areia dourada com dezenas e dezenas de metros de altura, no final da viagem decidi que o custo benefício do Níger não valia a pena. Dois mil quilômetros de viagem da capital até Agadez e mais dias de paisagem tipo caatinga para apenas dois dias de verdadeiro deserto não compensavam. Segui para o Mali para ver se pelo menos esta parte da viagem poderia se salvar. Desta vez não me desapontei. O Mali não apenas é lindo do ponto de vista arquitetônico e de paisagens, mas riquíssimo do ponto de vista cultural. A mesquita de Djenné, o mercado aos sábados nesta interessantíssima cidade, o passeio de 4 dias pelo rio Níger visitando vilarejos perdidos no tempo, os vilarejos pendurados nas escarpas do Pays Dogon, tudo me encantou. Mas estava com um problema. Apenas Mali não era o suficiente para uma viagem para meu grupo que gostava de viajar por 20 ou 25 dias. Por outro lado tinha gasto quase dois meses nesta viagem de pesquisa e tinha outra viagem em seguida. Não tinha tempo para visitar outro destino para colocar no lugar do Mali. E então veio a ideia de oferecer o Kilimanjaro, a mais alta montanha da África. Apesar de eu nunca ter subido o Kilimanjaro, nesta época já tinha uma grande experiência em montanhas já tendo escalado bastante na América do Sul e na Ásia. Além disso, o Kilimanjaro era mais uma longa caminhada do que uma escalada, um trekking de altitude. Escrevi par o grupo e eles aceitaram a sugestão.

Começamos a viagem por Mali e mais uma vez percorri as ruelas de Djenné, os vilarejos a margem do Rio Níger, os caminhos íngremes do Pays Dogon. Terminamos a viagem na capital de Burkina Faso, uma cidade com o nome mais africano que conheço: Ouagadougou. De lá voamos para o aeroporto internacional de Kilimanjaro. Fomos recebidos com o sorriso amplo de nossa equipe que nos levou para o hotel em Moshi, uma pequena cidade na Tanzânia que serve de base para muitas das expedições ao Kilimanjaro. Após um dia descansando estávamos prontos para a escalada. De Moshi, por entre eternas nuvens vislumbramos a enorme montanha, cinco mil metros acima de onde estávamos.

A caminhada começou por entre uma floresta tropical com muito calor e quase sem vistas já que assim que o sol sai uma camada espessa de nuvens encobre tudo. O grupo estava animado e otimista e eu feliz de estar lá. Apesar de o Kilimanjaro nunca ter sido um grande sonho meu, estava agradavelmente surpreendido com a experiência e estava nas montanhas o que sempre é um grande prazer para mim.

Nos próximos 4 dias fomos ganhando altitude progressivamente até chegarmos no último campo de onde, nesta mesma noite, sairíamos para o cume. Todos estavam bem, sem problemas de altitude e, como sempre, se divertindo muito de estar viajando mais uma vez juntos.

No meio da tarde o Ricardo me chamou e disse que não estava se sentindo bem e talvez estivesse com febre. Talvez por já ter viajado muito, inclusive um longo período na Índia e Nepal quando era jovem e nunca ter tido malária, de todos do grupo ele era o que tinha tomado menos cuidado com os mosquitos. Eu havia instruído para que todos usassem o Exposis, um repelente com muito maior porcentagem de DEET, na época só encontrado na França, e de usar roupas que cobrissem todo o corpo e de cor clara principalmente na amanhecer e entardecer. Mas, o Ricardo era o menos cuidadoso. Então, quando ele me falou que estava com febre logo pensei em malária. E malária na África não é coisa para se brincar. O Plasmódio Falciparum, prevalente na África, pode causar complicações cerebrais comumente fatais. Após confirmar que ele realmente estava com febre iniciei imediatamente o tratamento para malária e pedi que ele não fosse ao cume.
À meia noite saímos para a longa subida de mais de 1000 metros verticais rumo ao Topo da África. O frio estava muito intenso, ao redor de dez graus negativos, e por isso nossas paradas de descanso tinham de ser muito breves. Impus um ritmo de ganho de 200 metros verticais por hora seguidos de uma pequena parada de 10 minutos para hidratar e comer algo. Todos reclamavam e pediam para descansarmos mais, mas sabia que a chave do sucesso era manter-nos caminhando e ganhando lenta, porém constantemente, altitude. A suave luz da lua cheia iluminava o suficiente para podermos caminhar sem as lanternas e cada um de nós foi se fechando em seu próprio mundo e o único ruído que ouvia era de minha própria respiração. Conforme subíamos e a noite avançava, a temperatura foi caindo fazendo com que nossas paradas, apesar do cansaço, fossem cada vez mais breves.
Após 5 horas de caminhada já tínhamos avançado bastante tendo ganho quase 1.000 metros verticais. O cansaço era bastante grande, mas o desejo de chegar ao cume na hora do nascer do sol nos mantinha caminhando. Nos próximos minutos o céu começou a tingir-se de tons de azul e cor de rosa e o branco dos glaciares que agora apareciam a nossa frente contrastavam fortemente com o escuro do céu. Os últimos metros até o Stela Point, o local onde o ângulo da subida decresce e a vista se abre, foram feitos quase correndo de antecipação para a vista que se apresentaria. E ela não decepcionou nossos esforços. De um lado geleiras com mais de 50 metros de

altura com gelo azul, do outro a lua cheia se pondo com sua luz prateada se contrapondo com o sol que nascia trazendo o tão almejado calor. A emoção do momento foi muito forte e as lágrimas correram soltas no rosto de todos. Tinham sido 6 horas e meia de subida quase ininterrupta a uma altitude considerável. Mas ainda tínhamos mais 150 metros até o cume e após um pequeno descanso prosseguimos, agora por uma trilha mais fácil e de inclinação suave. Eu, que até então vinha caminhando com o grupo, me adiantei e fiz o restante do caminho sozinho. Sentia uma forte necessidade de estar apenas comigo, de admirar a beleza desta paisagem em silêncio, de sentir as mudanças nas nuanças das cores, de ficar dentro de mim. Mais uma vez agradeci à vida por ter me dado a oportunidade de viver esses momentos mágicos que as montanhas me oferecem.

Abaixo de nós o mundo estava coberto por uma camada espessa de nuvens brancas, resultado da evaporação da úmida savana que cobre esta região da África. Acima o céu azul escuro de altitude e ao nossa lado os últimos glaciares que restam do Kilimanjaro, uma das montanhas que mostra de forma mais dramática o resultado do aquecimento global. Depois de horas de frio e escuridão, o sol acariciava nosso rosto e finalmente podíamos ver onde estávamos e o caminho que tínhamos percorrido para chegar lá. Por um lado foi bom subir a noite. O caminho é tão íngreme que se pudéssemos ter visto o que nos esperava tenho certeza de que o grupo teria titubeado. Caminhamos os últimos metros saboreando a paisagem de sonho e podia ler no rosto de cada um o grau de exaustão que se encontravam. Mas tinham se comportado bravamente e agora tinham a recompensa. A nossa frente a marca sinalizando que estávamos no nosso objetivo. Às 8 da manhã estávamos no ponto culminante da África, o terceiro dos Sete Cumes, não que eu estivesse preocupado ou até que tivesse notado este fato. Estava apenas no cume do Kilimanjaro e estava feliz com o fato por si mesmo.

Ao voltar ao acampamento encontrei o Ricardo um pouco pior dizendo que estava se sentindo fraco e com dor de cabeça. Após um merecido descanso e almoço continuamos descendo até o acampamento 2. Na manhã seguinte o Ricardo estava ainda pior e após uma pequena caminhada me avisou que não conseguia mais andar. Estávamos ainda há 6 horas de caminhada da entrada do parque e da estrada mais próxima. Não havia resgate por helicóptero e nada a fazer a não ser carregá-lo montanha abaixo. Chamei os dois guias mais fortes e em três começamos a longa caminhada. O Ricardo não é um homem leve e carregávamos em dois enquanto um descansava. Ao mesmo tempo liguei por meu telefone por satélite para o meu operador e ele veio ao portão do parque nos esperar com seu carro. Ao final de muitas cansativas horas estávamos a caminho do hospital em Moshi onde rapidamente confirmamos que a minha suspeita diagnóstica estava correta. O exame de gota espessa mostrou que era malária falcípara. Do hotel liguei para um amigo infectologista em São Paulo e ele me indicou um hospital de moléstias infecciosas em Paris. A partir daí uma grande confusão se instalou. O grupo já tinha chegado ao

hotel e cada um cuidou de uma coisa. Enquanto eu tomava banho após seis dias na montanha e um dia super cansativo, um fechava a mala do Ricardo, outro ligava para a KLM em Moshi, outro falava com o infectologista para saber das últimas recomendações. Conseguimos as últimas duas passagens de Moshi a Paris via Amsterdam e chegamos ao aeroporto no último minuto para o check in. O grupo estava bem, seguiriam para um safári nos parques Serengeti e Ngorogoru e eu senti que o melhor que poderia fazer era acompanhar o Ricardo.

Na manhã seguinte, sob uma forte chuva, desembarcamos no Charles De Gaulle e seguimos diretamente para o hospital. Mais uma vez senti que meu treino de médico, oito longos anos de minha vida, não haviam sido inúteis. O médico que nos recebeu elogiou minha conduta instituindo o tratamento nos primeiros sintomas. Em uma semana o Ricardo já estava à caminho de casa. E eu em Katmandu para mais um grupo, mais uma história, mais pessoas interessantes para conhecer e com quem conviver.

CAPÍTULO QUATRO - MOUNT DENALI

Apesar das montanhas terem sempre me chamado e me emocionado muito mais do que o mar, por alguma razão sempre fui fascinado por veleiros. Não por lanchas, não por navios, exclusivamente por veleiros. Sua forma esguia, seus mastros altíssimos, a ideia de liberdade que eles me transmitem.

Em 1999 viajava pela Austrália namorando a ideia de achar uma cidade na costa leste para usar como base. Já estava viajando por 10 anos e, quem sabe, seria bom parar em algum lugar, pelo menos alguns meses por ano. Mas chegava em alguma cidadezinha, achava bonita, me entusiasmava, mas dois dias depois começava a pensar como seria passar meses lá. E seguia para o próximo lugar..

Em uma cidade avistei uma marina e repentinamente pensei que essa seria a maneira ideal de ter um lugar, um lugar que andasse...Um veleiro seria a solução perfeita para mim. Teria o lugar para usar como base, para deixar minhas poucas coisas, e navegaria para onde quisesse quando chegasse o momento de mudar de lugar. Mas, claro, naquele momento duas coisas impediam que o sonho se tornasse realidade, a

parte financeira e o minha profunda ignorância sobre tudo que se relacionasse a veleiros ou navegação ou mecânica. Se quisesse ter um veleiro tinha muito o que aprender. Embora soubesse que não iria comprar o veleiro nos próximos poucos anos resolvi que poderia usar os meses de férias que tinha pela frente para aprender um pouco. Fui para Whitsundays, um grupo de ilhas ao sul da Grande Barreira de Corais australiana e um dos melhores lugares para vela no mundo. Lá algumas companhias operam passeios de 3 dias de duração em veleiros para 20 e 30 pessoas, normalmente jovens percorrendo a costa da Austrália. Como não tinha experiência alguma expliquei que gostaria de trabalhar de graça como marinheiro em troca de aprendizado. Após alguma relutância consegui um lugar no Southern Cross, um veleiro de 70 pés que já havia nos seus bons tempos participado da America's Cup. Nos próximos dois meses fiquei 3 noites a bordo e uma noite em terra na Airlie Beach. O trabalho era fisicamente duro, mas compensado pelo que aprendia e pelo estilo de vida ao ar livre navegando por ilhas paradisíacas, mergulhando em um mar transparente e me divertindo com os grupos que vinham a bordo. Minhas melhores lembranças destes dias são, logo ao acordar depois de passar a noite no convés, mergulhar em um mar de temperatura ideal e sair para grandes nadadas até chegar a hora de ajudar a preparar o café da manhã. Nesta hora do dia o mar estava absolutamente calmo e com esta paz começava meu dia de trabalho.

Minha próxima experiência com veleiros foi muitos anos depois quando em 2005 resolvi mais uma vez retomar o sonho do veleiro. Financeiramente estava mais próximo de poder comprar um veleiro então busquei na internet algum veleiro que me aceitasse como tripulante pagante em troca de aprendizado. Muitos casais que viajam pelo mundo ajudam a financiar suas viagens levando pessoas que pagam ao redor de US$ 50 por dia em seus veleiros. Após muito pesquisar encontrei um que parecia interessante. Era um veleiro de 45 pés de um casal com dois filhos que estavam viajando pelo mundo há 17 anos. Seus filhos tinham nascido a bordo e nunca haviam morado em terra firme. Me identifiquei com eles e por e-mail marcamos de nos encontrarmos em Chipre do Sul. Como sabia que os dois lados de Chipre tem problemas políticos sérios, procurei me informar em Istambul, onde estava, se era possível cruzar de um lado ao outro. Fui informado que sim, que não haveria problema.

Meu vôo chegou a uma da madrugada e resolvi dormir no aeroporto para de manhã ir para o veleiro. Tomei um taxi para a fronteira e, para meu alívio, o lado norte carimbou meu passaporte sem problemas. Caminhei até o outro lado a ao apresentar o passaporte no lado sul a funcionária me informou que aquela não era uma fronteira aberta e que eu não poderia cruzar. Ao perguntar o que deveria fazer, ela, com uma certa tristeza no rosto, me disse que teria de pegar um vôo de volta a Istambul, de lá outro a Atenas e ainda outro até a parte sul de Nicósia. E meu veleiro estava a 20 quilômetros de distância! Sem saber o que fazer sentei-me na calçada e fiquei pensando em possíveis soluções. De tempos em tempos a funcionária vinha conversar

comigo e assim lhe contei um pouco de minha vida e o que estava fazendo lá. As horas foram passando, mas continuei lá sentado. Não iria fazer a longa viagem para chegar a 20 km de onde estava, mas por outro lado não sabia o que mais poderia fazer. Ao redor das 16 horas ela voltou novamente e me disse baixinho:

- Pegue suas coisas e corra.

- O que??

- Pegue suas coisas e entre no país, não estou vendo nada...

E assim eu fiz só para mais tarde me perguntar o que iria fazer para sair. Mas isso era uma coisa para se preocupar quando o tempo chegasse. Agora eu tinha um veleiro para pegar...

A ideia era velejar de Chipre para Malta, de lá para Gibraltar seguindo então para Londres, ao redor de um mês de vela. Infelizmente as coisas não foram como havia pensado. O barco era velho, mal cheiroso e o capitão estava muito mais anos no mar do que deveria. Bebia incessantemente e à noite, apesar de minha pouca experiência, deixava o barco na minha mão e desmaiava. Às nove da manhã abria a primeira cerveja...

Após dez dias resolvi descer em uma ilha grega e tentar conseguir outro veleiro para continuar meus planos. Na marina fui de veleiro em veleiro até que conheci um italiano que tinha um belíssimo 42 pés impecável. Concordou em me levar pelas mesmas condições que tinha no outro barco, mas por apenas outros 10 dias. Navegamos por algumas ilhas gregas e agora pude relaxar e realmente aproveitar a experiência e ver que realmente poderia ser um estilo de vida para mim. Mais do que aprender muito, o dono do barco era muito ciumento com seu veleiro, pude sentir o que era passar dias a bordo, os lados bons e as dificuldades. Terminei a experiência muito entusiasmado.

Em janeiro de 2006 estava terminando de guiar um grupo na Índia quando nas ruas de Delhi conheci a Andrea, uma jovem guatemalteca que viajava pela Índia sozinha por seis meses. Estava buscando uma nova maneira de viver após ter feito faculdade na Itália e trabalhado em escritórios. Não tinha experiência alguma em montanhas, nunca tinha feito sequer um trekking, mas mesmo assim a convidei para fazer o trekking ao campo base do Everest em março deste ano. Após o trekking seguimos viagem juntos. Fomos para o Paquistão, Kyrgystão, Uzbequistão, de volta à Índia para guiar um grupo grande de peregrinação budista na Índia e aos poucos, ela que era apaixonada pelo mar começou a se encantar com as montanhas. Fizemos trekkings com grupos e outros só nós dois e ela se mostrou não só forte, mas também possuidora de uma enorme facilidade de se adaptar à altitude.

Em julho de 2007 estávamos viajando pela Guatemala juntando a minha vontade de conhecer o país dela com uma pesquisa para uma viagem que pretendíamos oferecer no futuro. Após quase dois meses de viagem e já tendo percorrido o pequeno país de ponta a ponta, estávamos em Rio Dulce, nossa última parada antes de ir para Honduras. Rio Dulce está situada há 30 quilômetros da costa caribenha da Guatemala, mas, apesar da pouca distância do mar, fica protegida dos furacões que assolam o Caribe entre os meses de junho e novembro. Com isso, existem inúmeras marinas que abrigam os veleiros durante esses meses. Como em uma das marinas funcionava um pequeno hotel, resolvemos nos hospedar lá. Minha paixão platônica por veleiros não havia diminuído e assim poderia ficar "namorando" os veleiros. Eu já havia falado para a Andrea de meus planos de comprar um veleiro e passar seis meses a bordo dando a volta ao mundo intercalados por outros seis meses nas montanhas guiando grupos. A ideia parecia perfeita, uma base, diferentes atividades, equilíbrio. Mas, por hora era ainda só um plano que talvez, apenas talvez, acontecesse no ano seguinte na Nova Zelândia.

Ao tomarmos o pequeno barquinho que nos levaria ao hotel vi um veleiro de 38 pés que tinha uma placa à venda. Comentei com a Andrea que este era o tipo de barco que quando chegasse o momento iria buscar.

Dois dias depois, com as mochilas nas costas e já preparados para tomar o ônibus que nos levaria à Honduras tomamos novamente o barquinho do hotel e passamos pelo mesmo veleiro. Daí a Andrea espantada me perguntou se podia adivinhar o nome do veleiro. Desde que pela primeira vez pus os pés em um veleiro na Austrália que tinha decidido que quando tivesse o meu ele se chamaria "Good Karma", um nome completamente diferente do tradicional nome de barcos. Pois, ao me virar para ver o que tinha chamado tanta atenção da Andrea me deparo com o Good Karma, o veleiro que era como o que eu queria e que estava à venda!!!

Não houve outra maneira do que voltar ao hotel, deixar nossas coisas lá e sair em busca do dono do Good Karma. Fazendo uma incrível e deliciosa loucura, dez dias depois assinávamos a compra não do Good Karma que era muito caro, mas de um outro veleiro, este de 36,5 pés que prontamente mudamos de nome para ...Good Karma. Ele pertencia a um simpático americano que navegava pelo Caribe há sete anos, mas que agora estava sentindo-se solitário e queria voltar aos Estados Unidos para passar mais tempo com os netos. O barco era antigo, sólido e muito bem equipado. Seu dono deixou tudo o que tinha a bordo e com isso compramos o barco pronto para navegar. Mas, claro, precisávamos aprender. As minhas experiências anteriores não contavam muito e a Andrea nunca tinha colocado os pés em um veleiro. Contratamos um instrutor de vela que passou quinze dias conosco em nosso veleiro e depois disso estávamos prontos para arriscar-nos sozinhos.

Neste ano passamos quatro meses no veleiro antes de partirmos para as montanhas. Velejamos muito nos lagos próximos a Rio Dulce e por duas vezes fomos para os maravilhosos atóis de Belize.

Em janeiro de 2008 voltei a guiar um grupo ao Aconcagua só que desta vez tive uma experiência muito sofrida. Ao chegar ao campo base comecei a sentir um grande cansaço e falta de ar que dois dias depois foi diagnosticado como pneumonia. Não havia o que fazer, tive de ser resgatado por helicóptero e voltei a Mendoza onde fiquei esperando a Andrea e o grupo voltarem. Contratei um guia de montanha argentino para acompanhar o grupo e a Andrea seguiu com um pequeno grupo que estava fazendo a montanha mais rápido do que o cronograma que tinha planejado para nosso grupo. Como ela não tinha problemas para aclimatar-se seguiu a frente e em poucos dias chegava no cume do Aconcagua. Esta experiência em uma montanha tão alta e sem estar comigo foi fundamental para o que viria depois.

Em maio deste ano estávamos de volta ao Good Karma e desta vez partimos diretamente para Belize e depois para Honduras onde ficamos no mar por três meses sem tocar uma marina. Apesar da maravilhosa vida que tínhamos a bordo, lindos entardeceres, clima perfeito, mergulhos diários nas águas cristalinas do Caribe, golfinhos brincando na proa do barco, happy hours e comidinhas gostosas, a vida era parada demais para nosso gosto. Ambos somos pessoas muito ativas e aos poucos aquela "boa vida" foi nos aborrecendo. Precisávamos de mais, de desafios, de ação e o barco era muito calmo. Mas, o que substitui um plano de dar a volta ao mundo em um veleiro? Tínhamos de ter algo igualmente forte. E as montanhas nos

chamavam. Após anos sonhando com o Everest finalmente eu tinha uma companheira com quem dividir este sonho. Também tinha uma condição financeira mais favorável. Sabia que não queria buscar mais uma vez patrocínio. Se fosse escalar o Everest seria comigo me auto financiando. Decidimos: iríamos escalar o Everest em maio de 2010. Mas, para isso precisávamos adquirir mais experiência. A Andrea era forte e aclimatava bem, mas tinha tido pouquíssima experiência em escalada em neve e gelo. Suas únicas montanha tinham sido o Aconcagua e o Island Peak, uma montanha nevada de 6200 metros próxima ao Everest. Precisávamos treinar.

Levamos o Good Karma de volta a Rio Dulce e o colocamos a venda. Não me arrependo de forma alguma ter tido a experiência com o veleiro apesar de ela ter se revelado diferente do que eu imaginava. Teria passado o resto de minha vida sonhando com ele, com o que poderia ter sido. Assim foi muito melhor, realizei um sonho, tive momentos lindos, mas era hora de ir em busca de outra coisa.

Voamos para a Bolívia e lá a Andrea fez um curso básico de escalada em neve e gelo e passamos mais um mês escalando por lá inclusive o Sajama, a mais alta montanha

da Bolívia. Seguimos então para o Equador onde escalamos o Cotopaxi e o Chimborazo, o mais alto do país.

Voltamos então ao Nepal para mais uma temporada de trabalho guiando, mas sempre com os planos de escalada em mente. Mesmo em trekkings com carregadores levávamos nossas próprias mochilas com muito peso e nos intervalos entre uma viagem e outra fazíamos trekkings pesados sozinhos.

Em maio de 2009 estávamos prontos para o primeiro desafio. Em nosso plano de treinamento decidimos que seria fundamental termos dois tipos de experiência antes do Everest. Uma montanha muito difícil fisicamente e em termos de clima e uma montanha com mais de 8000 metros para termos experiência em altitudes extremas. Estas duas montanhas também serviriam como laboratório para nosso equipamento. No Everest não existe margem para erros. Era preciso estar com tudo absolutamente perfeito. A escolha dessas duas montanhas não foi difícil. O Denali, é considerada a montanha mais fria do planeta. Situada a 63 graus de latitude norte no Alaska e recebendo diretamente as tempestades que vem do extremo norte, temperaturas de quarenta graus negativos são a norma. Além disso, por não contar com a ajuda de sherpas para carregar equipamentos ou montar os campos, é uma montanha dificílima em termos de esforço físico. Além de carregar os 50 quilos de equipamento, comida e combustível, cada escalador tem ao redor de 4 horas de trabalho para montar o acampamento tendo de construir muros de gelo para proteger as barracas dos ventos fortíssimos que chegam sem aviso. Quanto a montanha de 8000 metros escolhemos o Cho Oyu que com 8201 metros é a sexta mais alta do mundo. Apesar disso, é considerada uma montanha razoavelmente segura e tecnicamente fácil. O cronograma estava pronto. Denali e Cho Oyu em 2009 e Everest em 2010. E de repente veio a ideia. Ambos já tínhamos feito o Aconcagua, eu já havia feito o Kilimanjaro e o Kosciuszko . E iríamos fazer o Denali e o Everest. Porque não fazer os Sete Cumes, a escalada da montanha mais alta de cada continente?

Narro a escalada do Denali com meu diário de bordo escrito com a emoção daqueles inesquecíveis dias:

25/maio/09 - Anchorage – Talketna – Campo Base

Desde cedo já estávamos acordados acabando de arrumar o equipamento e deixando prontos os últimos detalhes que sempre ficam para a última hora. Mas, não só isso nos tinha tirado cedo da cama. Hoje era o grande dia, o início de nossa expedição ao Denali, nosso maior desafio desde que começamos nosso projeto "Rumo ao Everest".

As sete da manhã, partimos para uma viagem de 3 horas a Talketna, a pequena cidade de onde tomaríamos o vôo ao campo base. Para minha surpresa, tinha imagens de Alaska como um lugar ermo, viajamos por uma highway americana. Mesmo assim, a viagem foi muito bonita com muito verde e poucos sinais de civilização. No meio do caminho uma parada para nossa primeira visão do Denali aparecendo entre as nuvens e muito acima de todas as outras montanhas do Alaska Range. O cume estava cinco quilômetros acima de nós, inacessível. Dalí era difícil pensar que em talvez menos de 15 dias iríamos estar lá em cima.

Chegamos ao pequeno aeroporto de Talketna, pesamos nossos equipamentos e calçamos nossas botas duplas que por muitos dias seria nosso único calçado. Não havia uma hora fixa para sairmos, dependia do tempo, de quantos grupos havia antes do nosso e da disponibilidade de aviões. Fomos então ao escritório do parque nacional onde nos fizeram uma apresentação em Power Point sobre a montanha com ênfase em segurança e o que fazer com lixo e dejetos orgânicos. E daí nos sentamos ao lado da pista para esperar o vôo. Olhava com fascinação os pequenos aviões com skis nos quais em breve embarcaria. Após uma hora nos chamaram e em poucos minutos estávamos voando sobre uma das paisagens mais alucinantes que já tinha visto. Montanhas e montanhas recobertas por glaciares repletos de cravasses, picos rochosos pontiagudos e tudo isso raspando em nossas asas. Não sabia se filmava, fotografava ou se simplesmente ficava olhando hipnotizado este que era o mais lindo vôo que já tinha feito. No rosto da Andrea e dos outros seis companheiros de escalada podia ver os mesmos sentimentos. Mesmo acostumado com a grandiosidade dos Himalaias, a escala dessas montanhas me surpreendeu. Até onde a vista alcançava só se viam montanhas, glaciares e vales nevados. Estávamos sobrevoando o mais longo glaciar da América do Norte com mais de 90 quilômetros de extensão!!

Após uma larga curva perdendo altitude apareceu um platô de neve, nosso campo base, e deslizamos suavemente até pararmos. Antes que pudesse perceber já estávamos fora do avião com todo nosso equipamento empilhado na neve e o avião já tinha decolado em busca de mais escaladores. Só quando ele se foi e tudo tornou-se silêncio que minha mente se aquietou o suficiente para admirar o lugar onde estava. Só havia duas cores, o branco da neve e gelo e o azul do céu. Chris, nosso guia principal, nos contou o nome das montanhas ao nosso redor, mas neste momento não guardei nenhum. Apenas admirava deslumbrado. Nesta paisagem iria passar semanas. Que felicidade me invadiu!

Mas não tivemos muito tempo para admirar tudo isso. Tínhamos muito trabalho a fazer. Caminhamos alguns metros até onde existiam várias plataformas na neve e ao redor de umas 40 barracas. A primeira missão foi construir uma grande plataforma na neve para montar nosso acampamento, cinco barracas Mountain Hardwear Trango 3, iguais a que tenho e que gosto muito. Por ao redor de uma hora trabalhamos duro até que o Chris ficou satisfeito. Por alguns instantes houve certo incomodo já que

havia duas barracas para três pessoas e três barracas para duas pessoas cada. Os três guias ficariam em uma das barracas triplas, mas precisávamos de voluntários para ficar na outra. Como eu e a Andrea éramos um casal nos deram uma dupla e o Anush, o Richard e o Peter se voluntariaram para dividir a outra tripla. A dinâmica dessa barraca tripla seria motivo de inúmeras brincadeiras durante toda a expedição, pois Anush era sempre o atrasado e culpava o Richard que ocupava muito espaço que culpava ao Peter que tinha o melhor lugar na barraca e assim por diante.

Se pensamos que poderíamos descansar, e de descanso estávamos precisando já que tínhamos dormido muito pouco, estávamos enganados. Ainda havia muito trabalho para fazer para deixar tudo pronto para o próximo dia. Começamos arrumando os trenós que usaríamos para levar parte do equipamento até o campo dois. Arrumamos os cordins que prenderiam o equipamento, o outro que ligava o trenó à nossa mochila de forma que se caíssemos em uma greta ele não nos machucasse. Também fizemos chest harness, um sistema de nós na altura do peito para que se caíssemos em uma greta pudéssemos ficar de cabeça para cima e não ao contrário pelo peso das mochilas. Só terminamos tudo às nove da noite e após comermos pizzas trazidas de Talketna entramos para o conforto de nossos sleeping bags menos 53 graus centígrados para uma curta noite de descanso merecido.

26/maio/09 - Campo Base – Campo 1

Fomos acordados as três da manha, já com a luz do maravilhoso verão do Alaska, uma noite muito curta. Só que entre o acordar e o começar a caminhar teve quatro horas de preparos. Derreter neve para o dia, preparar e comer o café da manhã, desmontar as barracas, preparar as mochilas e os trenós, usar pela primeira vez o CMC, clean mountain container, nossa privada portátil na forma de um cilindro de plástico rígido de 40 centímetros de altura por 30 de diâmetro com um saco plástico biodegradável, se encordar e finalmente partir. Cada tarefa demorava uma eternidade. E pela primeira vez nos deparamos com o frio e os ventos da montanha e isso que estávamos apenas a 2300 metros de altitude.

Na conversa que tivemos em Anchorage nos contaram que este seria um dos dias mais duros de toda escalada, não por desnível vertical, apenas 300 metros, mas pela distancia horizontal de oito quilômetros, bastante neste tipo de terreno e principalmente pelo peso que carregávamos. Eu estava com uma mochila de trinta quilos e mais ao redor de vinte no trenó! Desde o meu trekking no Rowaling Valley no Nepal que não levava tanto peso. O outro problema foi a falta de costume de puxar o trenó. A cada passo ele dava um tranco na cintura e após duas ou três horas eu já sentia dor em músculos que antes nem sabia que existiam e no final do dia contava os minutos para cada descanso que ocorria a cada hora de caminhada. O que compensava era a paisagem maravilhosa que nos rodeava. O dia estava lindo com céu azul e razoavelmente quente e caminhava de camiseta e uma camada só nas pernas.

Não sabia que seria a última vez que poderia me vestir assim em dezoito dias de escalada...

Caminhamos por sete duras horas e os últimos dois quilômetros foram de pura agonia por dor muscular. A mochila pesada descansava de forma muito incomoda sobre os meus ombros já que o cinto dela não dava muito apoio por causa da cadeirinha (harness) que ocupava o lugar onde o cinto normalmente ficava. E o campo não chegava... Ele estava em uma depressão e só quando já estávamos em cima dele que ele se mostrou.
Ao chegarmos ao campo a rotina do dia anterior se repetiu, cavar uma plataforma, montar as barracas, prendê-las o mais solidamente possível na neve com estacas de gelo e daí um trabalho novo, construir a cozinha/sala de estar, um enorme buraco de quatro metros de diâmetro por dois de profundidade no gelo e neve e cobri-lo com uma barraca na forma de uma pirâmide. O resultado final era fantástico, lugar para cozinhar, assentos para todos comerem sentados, prateleiras para guardar mantimentos, tudo de neve e protegidos dos ventos inclementes que nos acompanharam expedição afora. Mas, para isso havia que trabalhar ao redor de 4 horas!

Também neste dia a fome me incomodou bastante e iria me perturbar por toda expedição. Existe uma fina linha entre levar comida suficiente para toda a expedição e não levar coisa demais por causa do peso. Eu como muito e necessito de pelo menos quatro mil calorias diárias para uma montanha como essa. Para mim, a equação não funcionou e perdi muito peso. Também hoje cometi um erro estratégico que ajudou a deixar o dia ainda mais difícil. Estou acostumado em escalar em gelo e andar em glaciares encordado, mas quando paramos, o grupo se junta para conversar e comer juntos. No Denali o perigo de cair em gretas é tão sério que mesmo nas paradas continuamos encordados e com a corda esticada entre um e outro. Tinha deixado meu almoço com a Andrea e quando paramos, ela estava longe de mim.

Jantamos uma comida maravilhosa e fomos dormir exaustos já mais de dez da noite, um dia de dezenove horas com muito esforço e muita beleza.

27/maio/09 - Campo 1 – próximo ao campo 2 – Campo 1

Durante a noite, nas várias vezes que acordei, escutei o suave ruído da neve caindo no teto de nossa barraca e a neve não parou de cair durante todo o dia. A programação de hoje foi levar parte de nosso equipamento para próximo ao campo dois, enterrar na neve lá e voltar ao Campo 1. Eu e a Andrea decidimos não levar o trenó e fazer uma mochila mais pesada. Isso funcionou as mil maravilhas, pois

estamos acostumados a carregar peso nas costas, mas não com o trenó. O dia teria sido mais ou menos tranquilo não fosse o mau tempo. Nevasca acompanhada de uma neblina que cobria tudo nos impediu de ver por onde andávamos e com isso de ter a distração da linda paisagem. Estávamos em uma fila de doze escaladores divididos em três cordadas e muitas vezes não conseguia ver mais do que três ou quatro. Outras vezes, a neblina estava tão forte que parecia que caminhava em um mar de leite. Mesmo assim foi infinitamente mais fácil do que o dia anterior.

Acordamos às cinco da manhã e sem ter de desarmar as barracas estávamos prontos para sair às oito. Caminhamos por cinco horas e ao chegarmos os guias cavaram um buraco de dois metros de profundidade enquanto tiritávamos de frio. Enquanto andávamos o frio estava sob controle, mas a cada pequena parada tínhamos de nos agasalhar muito. Deixamos no buraco, cachê no jargão de montanha, a comida e combustível extra que havíamos trazido além das roupas mais quentes que usaremos nos campos mais acima e voltamos ao Campo 1.

Neste dia, estreamos dois novos equipamentos, os goggles (óculos para nevascas usados também em ski) que se mostraram extremamente confortáveis e também os snow shoes (raquetes de neve). Como estava nevando muito, ficou difícil andar com apenas botas duplas e colocamos os snow shoes. Que diferença! De repente não afundava mais e caminhava com facilidade. Ah, se eu tivesse tido snow shoes na minha última tentativa do Mera Peak no Nepal quando por horas tentamos avançar enquanto afundávamos em neve fofa até os joelhos...

Enquanto caminhava pelo nevoeiro minha mente divagava e pensava nas nossas chances de fazer este cume. Se aqui está assim, lá em cima a coisa deve estar muito difícil. Pensava também no Cho Oyu e nas dificuldades de escalar um 8.000. Será que vou dar conta? Flutuo entre momentos de otimismo e falta de confiança. Agora estou forte, saudável e bem preparado psicologicamente para esses desafios, mas sei por experiências passadas que tudo pode mudar de um dia para o outro. Por ora, o truque é permanecer no presente e curtir cada momento desta linda montanha.

Como chegamos mais cedo tivemos tempo finalmente de conversar e conhecer melhor o grupo que, percebemos, é bem heterogêneo em termos de preparo físico e experiência em montanha. Richard é inglês, gerente de uma fábrica e escala há vários anos nos Alpes, na Escócia e na Inglaterra. A taxa de sucesso do Denali é de 48%. Se nossa expedição tiver essa taxa aposto no Richard para um dos que farão cume. Peter é meu segundo candidato. Escocês e também experiente em escaladas em gelo e rocha está se preparando, assim como nós, para o Cho Oyu em agosto e Everest em março. É policial e mora perto de Manchester. Também tem vontade de fazer os Sete Cumes. Aljosa é da Slovenia, trabalha com importação de bebidas alcoólicas e tem bastante experiência não só em escalada, mas também em vários outros esportes de aventura como paraquedismo e parapente. Outro bom candidato ao cume. Pascal tem a mesma idade da Andrea e é bem menos experiente e bem

preparado, mas simpatizei bastante com ele. É austríaco, mas mora em Londres onde trabalha no mercado financeiro. Anush é indiano de Madras, mas mora em San Francisco. É brincalhão ao ponto de as vezes incomodar e é o palhaço da turma. É garantido escutar ruidosas risadas quando está por perto e acampar ao seu lado significa dormir e acordar com sua voz. É razoavelmente inexperiente e apesar de parecer forte não creio que consiga chegar até o cume. Trabalha com programação de internet como todo bom indiano. George é o mais velho da expedição tendo 55 anos, mas parece ser 10 anos mais velho que eu. Já hoje teve problemas para acompanhar o grupo e o grupo teve que caminhar no seu passo. É canadense e tem várias empresas. É também, sem dúvidas, o mais rico do grupo. Ansi é da África do Sul, tem ao redor de 45 anos e é a mais inexperiente tendo feito apenas o Elbrus, Aconcagua e Kilimanjaro. Nunca fez escalada em gelo e sua experiência com crampons se resume ao Elbrus. Seria outra candidata a não fazer cume. E, claro, que entre os candidatos ao cume na minha avaliação estamos nós dois...

02/06/09 – Campo 2 (3300 metros) – Campo intermediário entre o Campo 2 e o 3 (4000 metros)

Acordamos ansiosos para ver como estava o tempo e para nossa tristeza uma enorme nuvem lenticular, sinal de mau tempo e fortes ventos, estava parada no topo do Denali. Apesar disso havia alguns grupos subindo a encosta de 30 graus que dava inicio ao caminho ao Campo 3. No café da manhã o Chris nos disse que preferia esperar um pouco para ver se o vento acalmava, pois tínhamos pela frente o Windy Corner, uma espécie de Cape Horn do Denali, ou seja, o lugar que poderia permitir ou impedir nossa ida ao Campo 3.

Ficamos andando de um lado para o outro esperando o sinal verde para partirmos, agora mais difícil ainda já que o tempo, pelo menos no Campo 2 onde estávamos, não estava muito ruim. Finalmente ao meio dia o Chris decidiu partir e com muita alegria fomos nos equipar.

No topo desta primeira encosta olhei para trás e pela primeira vez tive uma ideia melhor do tamanho do Campo 2. Durante todos esses dias de mau tempo mal tivemos a oportunidade de andar muito pelo campo e só de cima que vi o tamanho real dele. Tinha ao redor de 50 barracas em um espaço razoavelmente pequeno, todas com seus muros de blocos de neve, algumas com bandeiras de seus países, outras com esculturas em gelo, resultado do ócio forçado dos últimos dias. Foi lindo de ver, mas estava feliz de partir ainda que por algumas horas já que só estávamos indo fazer um transporte e voltaríamos para dormir mais uma noite lá.

Um pouco mais acima o vento voltou a piorar com rajadas fortíssimas que chegavam a me desequilibrar. Depois de algumas aprendi o truque. A Andrea estava na mesma

corda, na minha frente, e quando ela se desequilibrava por uma rajada eu já me preparava para segundos depois recebê-la. Passamos por várias cravasses parcialmente cobertas por pontes de neve sólidas e fiquei feliz de estar escalando em princípios de junho e não mais adiante quando as pontes derretem e as cravasses ficam mais expostas e obrigam a fazer grandes zigzags para seguir o caminho. O Windy Corner fez jus ao seu nome apesar de que o vento forte, mas constante, que enfrentamos era mais fácil do que as fortes lufadas. Por causa do vento e do consequente frio eu estava muito bem agasalhado com duas camadas nas pernas, quatro no tronco, luvas grossas, máscara de neoprene no rosto, gorro e echarpe e me senti muito confortável.

Deixamos nosso equipamento enterrado na neve e voltamos para descer ao Campo 2. De onde estávamos podíamos ver o platô do Campo 3 não muito distante e também o Head Wall, a parte mais inclinada da escalada com cordas fixas que iríamos enfrentar dali a poucos dias. Quase já podia sentir o gostinho de chegar a parte mais alta da montanha. Só dependia do tempo se manter estável. Enquanto descíamos, o tempo foi abrindo ainda mais e lá em baixo, na direção do Campo Base, podíamos ver a tundra, o primeiro verde desde que aterrissamos tantos dias atrás.

Quando fomos dormir, o tempo tinha limpado completamente e dormimos com o coração cheio de felicidade.

03/06/09 – Campo 2 (3300 metros) – Campo 3 (4300 metros)

Acordamos com uma manhã maravilhosa, o céu azul escuro de altitude e o sol refletindo no topo das montanhas. Saímos as 10 da manhã para finalmente deixar permanentemente o Campo 2 que nos hospedou involuntariamente tantos dias. Como não queria subir com o trenó, minha mochila acabou ficando bem pesada, muito mais do que eu esperava. A caminhada foi tranquila até certo ponto quando o George mais uma vez parou e nos disse que não conseguiria seguir. Para evitar o que já tinha acontecido após o Campo 1, acabamos dividindo o peso dele entre alguns de nós e eu fiquei com mais quatro quilos. Como já estava quase no meu limite, a caminhada deste ponto em diante foi muito dura. O que amenizava o esforço era a vista que se tornava cada vez mais espetacular. O Denali finalmente aparecia em toda sua grandeza e quando cheguei tive a nítida sensação de que todos esses dias tinham sido apenas uma caminhada de aproximação e que a verdadeira escalada estava a nossa frente.

O Campo 3 fica em um lindo platô na beira do Head Wall, a encosta de 50 a 55 graus que nos leva até uma fina crista no final da qual se encontra o nosso último campo, o

4. A vista não poderia ser mais espetacular. Atrás de nós o Denali se elevando dois mil metros verticalmente. Ao sul as silhuetas do Mt. Hunter e do Foraker, as duas montanhas que vem nos fazendo companhia desde o início da escalada e que aos poucos estão ficando mais baixas conforme vamos ganhando altitude. E todo ao nosso redor glaciares maravilhosos, imponentes e amedrontadores em sua magnitude.

No campo 3 tem um posto dos guarda parques e em frente de sua barraca colocam a previsão do tempo diariamente e assim que chegamos fomos checar o que teríamos pela frente e as noticias não eram muito boas. A previsão era de dois dias de ventos fortíssimos de mais de 60 quilômetros por hora. Como o caminho entre o Campo 3 e o 4 passa por uma crista muito exposta, o vento é uma preocupação grande.

Após descansarmos um pouco começamos o duro trabalho de montar o campo, aplainar as plataformas para as barracas e fazer a cozinha. O que não precisamos fazem aqui foi o nosso banheiro já que no campo 3 existe a mais peculiar privada que já vi. Um cercado de madeira de um metro de altura ao redor de uma privada, mas com o último lado aberto para a montanha e também para quem quer que passe por ali. O lado bom é que a vista da privada era a mais linda imaginável, montanhas, glaciares e a imensidão do Alaska. Não fosse o frio, seria um bom lugar para apreciar a vista confortavelmente sentado.

Ao chegarmos estava me sentindo muito fraco e cansado mas após comer e me hidratar as forcas voltaram. Mais uma vez percebi o quanto estava sofrendo por falta de comer o suficiente. Eu necessito pelo menos 4000 calorias para este tipo de esforço físico e não creio que esteja comendo mais do que 2500.

Após o jantar tivemos muita dificuldade em entrar em nossa barraca. A vista com a suave luz do entardecer estava absolutamente mágica e apenas o crescente tiritar nos obrigou a buscar refúgio no calor de nossos maravilhosos sleeping bags.

04/06/09 – Campo 3 (4300 metros) – transporte (4000 metros) - Campo 3

Infelizmente o período de bom tempo não foi muito longo. Pela manhã o céu estava coberto e nevava levemente. Para piorar acordei muito cansado após uma péssima noite. Tive dor de cabeça e acordei diversas vezes. A barraca tinha ficado em terreno irregular e o meu lado estava inclinado e cheio de calombos. Ao caminhar para o café da manhã, uma distância de não mais do que cinquenta metros, cheguei cansado e preocupado. Tudo me lembrava minha última experiência no Aconcagua quando após um dia duro, a ida de Confluência para o campo base percorrendo a Playa Ancha, tive uma noite horrível e acordei com o mesmo cansaço e desânimo. Uma profunda sensação de que meu corpo não estava bem em grande contraste do

que vinha sentindo até então. Será que a altitude estava me afetando ou será que alguma coisa mais grave estava começando a se manifestar. O fantasma de minha experiência no Aconcagua, o sofrimento de quatro noites horrorosas no campo base, o diagnóstico de uma pneumonia que acabava minhas esperanças de que melhoraria e que poderia compartir o cume com a Andrea e com o grupo que guiava, o resgate por helicóptero, tudo voltava a minha mente como se tivesse acontecido há poucos dias e não há mais de um ano atrás.

O que seria uma fácil caminhada até onde tínhamos deixado o equipamento, uma descida de meia hora e uma subida de setenta minutos, para mim foi bastante cansativo e cheguei de volta ao acampamento exausto e deprimido. Será que mais uma vez iria começar uma montanha super bem para adoecer poucos dias depois? Chegar ao topo desta maravilhosa montanha era um sonho de muitos anos e agora que estávamos a um passo de chegar lá eu iria ser obrigado a voltar? Decidi não arriscar, se alguma coisa estava começando iria tentar reverter isso. Fui para a barraca e escondido tomei um antibiótico. Não contei a Andrea para não preocupá-la e como o restante do dia era de descanso aproveitei e fiquei lendo na barraca.

No final da tarde já me sentia muito melhor, a lassidão tinha ido embora e apesar de que ainda sentia muito medo, um pouco do pessimismo já tinha ido embora. Passamos uma hora treinando a técnica de subida em corda fixa que usaríamos no dia seguinte e fomos dormir cedo.

05/06/09 – Campo 3 (4300 metros) – transporte (4900 metros) - Campo 3

Considerando que comprei boa parte do equipamento por internet sem ver e tocar, tive muita sorte, pois quase tudo era exatamente o que buscava e o que precisava. Mas não podia esperar que 100% funcionasse. No segundo dia de expedição meu colchonete, um modelo novo da Thermoarest chamado Neo Air, de repente explodiu e uma grande bolha se formou no lado da cabeça. Com o passar dos dias essa bolha cresceu até que ontem quando fui dormir ela estava tão grande que não dava mais para usá-lo. Com isso dormi apenas sobre o meu colchonete não inflável, passei muito frio e a noite foi desconfortável. Apesar disso, acordei bem disposto e sentindo-me, para meu grande alívio, energético. O tempo estava exatamente como eu tinha rezado para que estivesse, encoberto, mas sem nevascas. Hoje seria um dia importante e duro, nossa primeira subida do Head Wall, a parte mais técnica da escalada e estava com medo de sofrer com o calor caso estivesse tempo bom.

Já as oito da manhã estávamos a caminho e a primeira parte foi bem tranquila com um ritmo bom, inclinação constante e neve firme. A cada passo a vista tornava-se mais e mais espetacular e rapidamente nossas barracas foram transformando-se em pequenos pontos na imensidão de gelo. Após subirmos 300 metros, chegamos às

cordas fixas e daí a coisa se complicou. O tempo piorou e o vento aumentou dramaticamente e em pouco tempo estávamos cobertos de uma neve fina que voava horizontalmente queimando nosso rosto. Às vezes tinha a sensação de estar andando em uma superfície móvel onde ondas de neve percorriam velozmente a encosta cobrindo nossas pegadas em poucos segundos. Como estava na cordada mais lenta, quando cheguei à plataforma na base da corda fixa o restante do grupo já estava lá há algum tempo e a Andrea estava gelada e reclamando que não sentia seus pés. O Chris, sempre atencioso e preocupado com a possibilidade de congelamento de extremidades, pediu para a Andrea tirar as botas duplas, tarefa nada fácil quando se está em uma pequena plataforma de gelo em uma encosta inclinada e com um vento fortíssimo. Para nosso grande alívio a cor dos pés estava normal e após um pouco de massagem eles melhoraram e pudemos seguir. A subida das cordas fixas foi um processo muito lento, em parte pelo grande número de pessoas e em parte por causa da inexperiência de todos com o manuseio dos jumars, equipamento que desliza corda acima, mas trava ao se aplicar pressão e com isso dá segurança e apoio para subir grandes inclinações como a que estávamos. A subida desses próximos 300 metros nos tardou mais de uma hora e meia e quando chegamos à crista o vento mais forte que já tinha vivido nos esperava. Tentamos nos abrigar atrás de algumas rochas, mas o vento de mais de 90 quilômetros por hora nos castigava horrivelmente. A cena era caótica com todos gritando um ao outro instruções que ninguém ouvia. A sensação térmica era seguramente inferior a quarenta graus negativos e rapidamente estávamos perdendo a sensação nas mãos. Não houve outra alternativa do que mudar os planos. A ideia inicial era deixar o equipamento na metade da crista, já próximo ao Campo 4, mas seria muito arriscado fazer a crista que é extremamente exposta com caídas de ambos os lados de mais de mil metros. Rapidamente cavamos um buraco na neve e deixamos tudo lá mesmo e voltamos para a segurança do Campo 3.

Não chegamos a correr nenhum risco real, mas pela primeira vez sentimos a fúria dos ventos do Denali e de repente tudo o que tínhamos ouvido falar da dureza desta montanha tornou-se mais real.

Após descermos ao redor de cem metros subitamente o vento acalmou e pude ver onde estava. Nunca em uma montanha tive uma sensação de desnível tão impressionante. Abaixo de nós, praticamente seiscentos metros verticais, estava o Campo 3 que daqui de cima não era mais do que pontos coloridos cercados de pequenos muros de gelo. O cume do Mt. Hunter já estava abaixo de nós e o do Foraker que antes se agigantava, agora estava apenas ligeiramente mais alto. Estava exultante! Tinha feito a parte mais técnica da montanha sem grandes problemas e tinha enfrentado ventos fortíssimos e superado esta prova. Sentia-me extremamente forte, poderia ter continuado a escalada por muito mais horas. Sentia que nada poderia me parar agora. Que diferença em relação há vinte quatro horas antes...

Chegamos de volta ao campo às três da tarde após sete horas de escalada e não havia uma brisa. Dentro da barraca estava tão quente, mais de trinta graus, que tivemos de tirar toda a roupa e abrir as portas. Mais uma vez me surpreendi com a enorme variação de temperatura nesta montanha.

06/06/09 – Campo 3 (4300 metros)

Dormi até as dez graças a Andrea que na noite anterior tinha ido até o guarda parques e conseguido um outro colchonete emprestado. A noite foi extremamente fria, mas com dois colchonetes e meu super sleeping bag dormi muito bem, mesmo com os calombos do chão irregular.

O dia foi dedicado a recuperar as forças, comer e ler. Passei boa parte do dia lendo na barraca e tirando pequenas siestas. Tivemos um excelente brunch e, uma das raras vezes, saí com a deliciosa sensação de barriga cheia. O otimismo geral foi reforçado pela previsão de tempo que dizia que uma frente de alta pressão estava entrando e com isso teríamos ventos mais fracos e aumento da temperatura. Para o dia seguinte, a previsão era de ventos de "apenas quarenta quilômetros por hora". Mas, melhor do que isso era que teríamos pela frente dois dias de bom tempo, exatamente os dias que estávamos planejando ir ao cume. Que felicidade!

Após o jantar tivemos uma surpresa deliciosa: sorvete como sobremesa e o melhor foi a maneira como ele foi feito, com neve e leite condensado!

Ao voltarmos para a nossa barraca a vista estava estupenda com as montanhas tingindo-se de tons pastel com o por do sol às 10 da noite.

07/06/09 – Campo 3 (4300 metros) – Campo 4 (5212 metros)

Acordamos às cinco e levamos três horas para ficarmos prontos e o caminho até as cordas fixas foi razoavelmente tranquilo. Como antes de entrar nas cordas estava muito frio eu acabei me agasalhando muito e acreditando que continuaria frio não tirei nada antes de entrar na encosta e uma vez que você está nas cordas fixas não dá para parar, é muito inclinado e sempre tem gente atrás de você. Com isso acabei ficando com muito calor e isso me roubou toda energia. Ironicamente, eu sempre tenho mais medo de passar calor nas montanhas do que frio. No caminho entre o campo 1 e o 2 no Everest sempre leio do horror que é o calor quando o sol sai de manhã. O Vale do Silêncio, como é chamado o longo vale entre esses dois campos, funciona como um enorme refletor do calor do sol e se antes do sol sair a

temperatura está ao redor de dez graus negativos, após vai a mais de trinta positivos!

A Andrea estava no seu dia de pouca energia. Isso sempre acontece na montanha, um dia você está ótimo e no próximo não tanto. Quando chegamos no topo das cordas fixas ela estava bem cansada e eu peguei vários quilos da mochila dela e acrescentei a minha que já estava pesada. Com isso segui com ao redor de vinte e cinco quilos o que, para esta altitude, é bastante.

O restante do caminho foi por uma longa crista em partes muito inclinada e extremamente exposta. A cada lado podíamos ver espetacularmente as paredes da montanha despencando por centenas e centenas de metros. O Campo 3 estava lá longe, diretamente abaixo de nós. Apesar das lindas vistas, seguíamos muito concentrados sabendo que uma escorregada poderia ser muito perigosa apesar de estarmos encordados.

Chegamos ao Campo 4 após duras sete horas e meia de escalada e bastante cansados. Era a primeira vez nesta montanha que estávamos acima de cinco mil metros e o ar rarefeito se fazia sentir. Mal chegamos e nos pusemos a trabalhar na construção de nosso acampamento que acabou ficando um pouco afastado dos outros grupos. Com a tormenta que enfrentamos no Campo 2 o cronograma de todos que estavam subindo ficou parecido e agora muitos escaladores se encontravam no Campo 4 e tivemos que acampar mais afastados. O que deu mais trabalho foi a construção de um bom muro de blocos de neve e a Andrea me surpreendeu com sua energia e habilidade com a serra cortando blocos por quatro horas. A falta de energia que ela sentia no começo do dia desapareceu e, como sempre, ela não se sentia afetada pela altitude de forma alguma.

Para economizar esforço, nesses dias que passaremos no Campo 4 montamos menos barracas e com isso por noites dividimos a barraca com a Ansi e com isso nosso conforto diminuiu muito. Se fosse nossa escolha teríamos trazido mais uma barraca, pois isso seria compensado pelo melhor descanso nesses dias, mas como tudo o mais nesta expedição, essa decisão não era nossa.

No final da tarde vimos várias pessoas descendo do cume e imaginei a felicidade delas com a sorte de ter um dia assim como hoje com céu azul e razoavelmente pouco vento. Será que para nós também será assim? Será que o bom tempo se manterá?

Dia 08/06/09 – Campo 4 (5212 metros)

O que seria um dia de descanso total para o preparo para o dia de cume acabou sendo apenas parcialmente tranquilo, pois o dia amanheceu com muito vento e decidimos reforçar os muros, fazê-los mais altos para que não tivéssemos surpresas. Não é raro ter barracas destroçadas pelos ventos aqui neste campo e todo o cuidado é pouco. Com isso, trabalhamos mais três horas serrando blocos de neve, um trabalho extremamente pesado.

Ontem o Anush chegou muito cansado no campo e sentindo muito frio e por isso acabou indo para dentro de sua barraca e ficando lá enquanto todos que também estavam cansados, pois o dia tinha sido duro, trabalhavam. Hoje quando decidimos reforçar os muros ele não saiu novamente para ajudar e quando fui à sua barraca para perguntar como estava ele respondeu com uma voz de vítima que continuava se sentindo fraco. Tenho certeza de que estava "quebrando a mão", mas eu nada podia fazer. Cada um decide o quanto quer ajudar. Para mim, essas atividades são sempre bem vindas para quebrar a inatividade desses dias de descanso e também acho que ajudam a aclimatar melhor.

Com o forte vento, todos que planejavam sair para o cume tiveram que desistir e nós que planejamos subir amanhã acompanhamos o tempo durante todo o dia com muita ansiedade. No final da tarde, como tem sido o padrão, o vento amainou e tivemos um lindo fim de tarde.

Jantamos cedo e fomos para a barraca preparar o equipamento para o grande dia. Deixamos tudo já dentro da mochila para evitar esquecer algo já que tudo o que separamos é de importância vital!

Dia 09/06/09 – Campo 4 (5212 metros) – Cume (6194 metros) – Campo 4

Tive uma noite muito agitada com a ansiedade de como amanheceria. Além disso, ao redor de meia noite o vento voltou a aumentar e como a barraca estava completamente congelada por dentro por causa de nossa respiração, por várias horas tivemos uma chuva constante de flocos de gelo deslocados pelas lufadas de vento. Por mais que tentasse me esconder dentro do sleeping bag o gelo encontrava maneiras de entrar e derreter no meu rosto, me acordando. Apesar disso, acordei bem disposto e energético e muito feliz ao ouvir que ainda bem cedo os fogareiros na barraca dos guias já estavam funcionando, sinal de que o tempo estava bom. Abri a barraca e o dia mais lindo de toda a expedição me esperava. Não havia uma nuvem, o céu estava daquele tom escuro que só existe acima de cinco mil metros e não havia nenhuma brisa, o mais perfeito dia de cume que se pode pedir.

Entre acordar e sair foram longas quatro horas de preparação, pois derreter água para o café da manhã de doze pessoas e mais água para o dia todo a esta altitude não é um trabalho fácil. Durante essas quatro horas eu olhava para o topo da montanha torcendo para que as nuvens lenticulares que anunciam mal tempo não chegassem. Às nove e meia estávamos finalmente prontos para sair e o ritmo foi razoavelmente lento, pois todos sentiam a altitude. Subimos por duas horas uma longa encosta que leva ao Denali Pass, uma sela trezentos metros acima do campo. Até então o tempo continuava bom, mas imediatamente após cruzarmos o passo um enorme vendaval nos atingiu com ventos de pelo menos 90 por hora. Infelizmente o grupo estava muito heterogêneo com o George e o Anush andando muito lentamente. Como sempre, o Chris quis juntar o grupo todo, apesar de que no dia anterior ele disse que os grupos seguiriam cada um ao seu passo. Com isso acabamos ficando uma hora parados com um vento absurdo e um frio preocupante. Coloquei tudo o que tinha de roupa, mas mesmo assim quando finalmente saímos, eu estava tiritando. Um pouco mais adiante o vento acalmou e tivemos que parar mais uma vez, agora para tirar roupa e nisso a Andrea se descuidou de sua mochila e para nosso desespero vimos a mochila lentamente deslizar encosta abaixo. Ainda tentei alcançá-la, mas como estava encordado não consegui. Aos poucos ela foi ganhando velocidade e desaparecendo montanha abaixo. Nesses curtos segundos vimos a escalada da Andrea naufragar, pois dentro da mochila havia água, comida e roupas, coisas fundamentais sem as quais seria muito complicado ela seguir. Por uma incrível sorte, um pouco mais abaixo a encosta terminava em um platô sem cravasses e a mochila parou. Muito irritado o Chris se desencordou de seu grupo, se encordou na Andrea e os dois desceram para buscar a mochila enquanto o resto do grupo seguia. Como o ritmo da Andrea era bem mais forte do que o restante do grupo, ao redor de meia hora mais tarde eles nos alcançaram. Quando estávamos prontos para prosseguir, o George e o Anush disseram que não tinham mais condições de continuar. Estavam muito cansados e apesar de saberem que faltavam apenas trezentos metros, teriam que descer. O Chris pediu para uma das expedições que já estava descendo para levar os dois e prosseguimos. Já eram três e meia da tarde, estávamos escalando há seis horas e o tempo ainda estava bom, mas agora iríamos entrar na parte que tradicionalmente venta mais, a crista final que leva ao cume. Eu estimava que iríamos levar ao redor de duas horas para chegar ao cume, mas eu estava muito enganado. Para chegar à crista existe uma encosta razoavelmente inclinada com uma corda fixa e com muitos grupos tentando o cume como nós, havia uma fila enorme de gente subindo e já vários grupos descendo. Com isso demoramos duas horas só para chegar até a crista e lá tivemos também que esperar muito para deixar passarem os grupos que estavam descendo. Finalmente, as oito da noite, estávamos a caminho do cume caminhando por uma crista de não mais do que um metro de largura com quedas de dois mil metros a cada lado. O tão temido vento não veio e pudemos com muita cautela percorrer os últimos metros que nos separavam do tão sonhado cume. Às nove horas, com uma linda luz e acima de todas as montanhas nos abraçávamos

emocionados no topo da montanha mais alta da América do Norte! A vista era fabulosa, mas não durou muito. Como que se o tempo estivesse apenas esperando que chegássemos lá em cima, poucos minutos após chegarmos grossas nuvens cobriram todo o céu e o frio que estava brutal ficou ainda mais forte. Agora que escrevo tenho um pouco de dificuldade em reviver o que senti quando cheguei, mas lembro que naquele momento mais do que felicidade sentia um grande alivio de ter chegado. Em breve estaríamos de volta a Anchorage, ao calor, aos confortos. Tinham sido duríssimos treze dias, com muito frio, vento constante, neve, desconforto, esforço físico e mental e tudo isso tinha acabado. Agora era descer ao Campo 4, de lá ao Campo 2 e então ao Campo Base, cada vez mais quente e mais fácil. A felicidade só veio quando chegamos de volta ao campo três horas mais tarde, à meia noite e entramos no aconchego de nossa barraca. Tinha sido um dia duríssimo de quinze horas e tínhamos logrado chegar ao nosso objetivo. Agora sim podíamos relaxar e realmente curtir nossa conquista. A Andrea era a primeira mulher de seu país a escalar o Denali e eu tinha concluído um sonho de muitos anos.

10/06/09 Campo 4 – Campo 2

Saímos razoavelmente tarde após um muito merecido descanso e fizemos uma longa parada no Campo 3 para comer, reidratar e pegar as coisas que tínhamos deixado enterradas. Com isso acabamos chegando ao Campo 2 bastante tarde e só fomos dormir à meia noite, após prepararmos as plataformas para as barracas, cozinhar e jantar. A descida tinha sido tranquila, mas o cansaço do dia anterior e de todos os outros dias se fazia sentir. Por alguns momentos consideramos não parar no Campo 2 e seguir diretamente para o Base, mas o George não conseguiria chegar lá. Mais uma vez, por causa dele, tivemos que mudar os planos. Um grande trabalho de montar acampamento para duas horas de sono já que as duas da manhã estávamos acordados nos preparando para seguir. A ideia era chegar cedo no Campo Base, tomar o avião para Talketna e seguir este mesmo dia de carro para Anchorage.

11/06/09 – Campo 2 – Campo Base – Talketna - Anchorage

Um pouco grogues de sono começamos o longo caminho de volta, mas fomos recompensados por um dos amanheceres mais lindos de minha vida com o sol dourando o topo das montanhas e os longos vales gelados tingindo-se de cor de rosa. Estava feliz também por ter feito a escalada no período que fizemos. As grandes cravasses que na subida estavam cobertas por neve, agora na volta já estavam começando a se abrir mostrando suas profundezas azuis assustadoras. Em poucos dias a rota seria um pesadelo com mil desvios e zigzags para encontrar pontes de

neve fortes o suficiente para aguentar o peso dos escaladores. Mentalmente enviei desejos de boa sorte aqueles que vinham depois de nós.

Enquanto caminhava revivia todos os momentos desses dias que tão profundamente tinham me marcado. Estava muito feliz de ter conseguido fazer o cume, de ter tido forcas, boa saúde e sorte com o tempo, uma conjunção de fatores não muito fácil de conseguir. Mas também podia apreciar o quanto tínhamos aprendido nesses dezesseis dias e o quão mais preparados estávamos para enfrentar nossos próximos desafios. Sentíamo-nos muito mais preparados para os desafios do Cho Oyu (8201 metros) e confiantes em nosso equipamento para os rigores do clima do Everest. Mas, mais do que tudo, estava feliz de poder ter tido a oportunidade de viver esses dias plenos na montanha, de ter visto as lindas paisagens do Alaska, seus mágicos amanheceres e entardeceres e de ter realizado mais este sonho.

Agora viria o Elbrus, a mais alta montanha da Europa que ainda não conhecia e uma volta ao Kilimanjaro, o ponto culminante da África, por uma rota nova do outro lado da montanha. Essas duas montanhas seriam a trabalho, mas que maior felicidade do que sentir que o seu trabalho é exatamente a sua paixão?

CAPÍTULO QUINTO - ELBRUS

Desde que abri minha primeira agência em São Paulo, a Altas Viagens, mudei várias vezes de fórmula sempre buscando viver de minhas guiadas e ter os meus seis meses de férias para poder me dedicar também aos meus projetos pessoais. A Altas Viagens não durou muito. No começo dos anos noventa, viagens para a Ásia não eram populares no Brasil e o que gastávamos com aluguel, funcionário e divulgação comia todo o lucro e após dois anos decidimos fechar. Me associei à empresa FreeWay, uma conceituada empresa de eco turismo de São Paulo, e eles, por alguns anos, foram meus representantes exclusivos. Eu não precisava ter escritório, funcionários, e trabalho burocrático que sempre abominei. Eles faziam o marketing, juntavam os grupos e eu organizava as viagens e as guiava. Um dia a moeda brasileira deu mais uma de suas frequentes oscilações e a parceria acabou-se. Promover viagens no Brasil era mais vantajoso. As viagens ao exterior se tornaram proibitivamente caras. Me associei então a outra agência de eco turismo, a Venturas e Aventuras e por mais alguns anos a parceria funcionou super bem. Mas, em 1999, mais uma vez o dólar dobrou de preço e fiquei um ano inteiro sem trabalho. Por

sorte, nos anos anteriores com o dólar um para um com o real eu tinha tido muito trabalho e guardado um bom dinheiro e considerei este ano como longas férias. Estava na Austrália e fui para a Tasmânia em busca dos excelentes rios de corredeira daquele estado australiano. Por seis meses minha vida esteve centrada no kayak de corredeira, esporte que já vinha praticando no Nepal sempre que sobrava algum tempo.

Após um ano, os brasileiros se acostumaram com a nova realidade econômica e eu abri uma nova empresa, a Ásia Online, tentando explorar esta nova ferramenta de vendas: o e-commerce. Mas, o Brasil ainda estava um tanto acanhado para isso, pelo menos ao que se referia ao turismo.

Em 2000 já estava viajando há onze anos e começava a sentir falta de ter amigos, meus amigos de longo tempo, por perto. Achei que tinha matado minhas vontades de viajar. Estava pronto para me estabelecer novamente, ou assim eu pensava. Fui para o Brasil passar férias e acabei conhecendo a Celina por quem me apaixonei como um adolescente. Voltei para a Ásia e por alguns meses tivemos um namoro a distância, mas no final deste ano ela foi encontrar-se comigo na Índia e voltamos juntos ao Brasil. Alugamos uma casa, comprei um carro e uma moto, um terreno em Gonçalves, MG, onde passávamos 3 dias por semana, e até dois gatos. Investi meu coração neste projeto. Paralelamente a isso senti que com meu foco exclusivo na Ásia, principalmente Índia e Nepal, estava muito frágil. E se a Índia entrasse em guerra com o Paquistão? Resolvi que precisava ampliar meu leque, mas para isso precisava de um sócio. Não podia sozinho dar conta do trabalho que viria operando em muitos outros países. Convidei um amigo de montanha e ele, que também buscava abrir um negócio próprio, aceitou com entusiasmo. Nascia assim a Latitudes, uma empresa com dois focos, as viagens de aventura e as de conhecimento, como chamamos as viagens temáticas, naquele momento as muitas viagens de yoga que tínhamos com vários professores de yoga que viajavam conosco, comigo guiando. A fórmula estaria perfeita se o ano tivesse dezoito meses...eu guiaria seis meses, trabalharia no escritório por seis meses e teria os meus seis meses de férias... Aos poucos a vontade viajar, apenas viajar, começou a colocar pressão no meu relacionamento e trazer descontentamento. Era hora de voltar ao que eu tinha me prometido em 1989. Deixei tudo e parti mais uma vez para a Ásia. Apesar de ter imaginado que a vida em São Paulo me daria muito em troca da falta de rodar o mundo, acabei percebendo duas coisas. Que via muito pouco meus amigos que estavam em suas vidas de cidade grande trabalhando muito e chegando em casa tarde sem muito ânimo de encontrar outros amigos . E que realmente não estava preparado para fincar raízes. Aqueles poucos anos tinham sido suficiente para me mostrar que viajar estava em meu sangue e se tentasse bloquear isso necessariamente me frustraria. Quanto à Latitudes, também percebi, ou melhor, confirmei, que eu não era feito para ser um grande empresário. Queria uma pequena empresa que não interferisse com meus planos de vida. Vendi minha parte da empresa para um amigo que havia trabalhado

comigo como guia e por três anos trabalhei para a Latitudes como guia. Queria um tempo sem me preocupar com organizar grupos, ver passagens aéreas ou lidar com problemas com hotéis. Queria apenas guiar e viajar...

Após três anos guiando para a Latitudes estava mais uma vez pronto para um vôo solo. O mercado de turismo de aventura tinha amadurecido no Brasil e senti que poderia abrir uma empresa especializada em trekkings e escaladas. Mas, antes disso, tinha mais uma viagem para guiar para a Latitudes, a escalada do Elbrus, a mais alta montanha da Europa. Apesar de ser um dos Sete Cumes, a mais alta de um continente, esta viagem nunca tinha sido oferecida no Brasil e não sabíamos se haveria público para ela. Nesta altura já havia guiado várias vezes o Kilimanjaro e sentia que cada vez havia mais procura para ele. Mas, o Elbrus? Resolvemos arriscar e colocamos no site. Em julho de 2009 eu voava para Moscou depois de 23 anos sem visitar a capital da Rússia. Mas, claro, além de ser mais um destino que poderíamos oferecer, seria para mim o quarto dos meus Sete Cumes e isso já era uma motivação mais do que suficiente para atravessar o mundo.

Nesses anos o mundo havia mudado, mas em nenhum lugar de forma tão radical quanto lá. No caminho do aeroporto para o hotel vi uma infinidade de Mercedes Benz, BMWs e carros esportivos. Mulheres em mini saias, muito maquiadas e com saltos altíssimos andavam pelas calçadas. A cidade respirava dinheiro! Em 1983 estive por dois dias em pleno inverno e o que vi era profundamente deprimente. Senhoras vestidas de preto encasacadas caminhando rapidamente com as cabeças abaixadas se protegendo do frio. Ruas desertas e lojas com enormes vitrines exibindo meia dúzia de produtos iguais. No hotel que a Aeroflot havia nos colocado não havia água quente apesar do frio siberiano e a comida consistia em frango frito gelado, o mesmo que haviam servido no avião. Era tratado com hostilidade e desconfiança.

Eu e a Andrea chegamos ao hotel, um desses gigantescos hotéis construídos para a Olimpíada de 1980 e como estávamos com muita bagagem, equipamento de montanha é sempre muito volumoso, pedimos um carrinho para levar as coisas até o quarto. Nos disseram que eles eram alugados por US$ 15!!! Ultrajado, carreguei tudo até o saguão. Ao receber a chave do quarto me informaram que era um quarto com duas camas. Como nossa reserva claramente mostrava que tínhamos pedido um quarto com cama dupla tentei argumentar, mas sem resultado. A uma da madrugada me acordaram perguntando se ainda queria mudar de quarto. Nervoso perguntei se sabiam que horas eram e desliguei. Na manhã seguinte ao encontrar com dois dos clientes homens soube que tinham dado a eles o quarto com cama dupla e que eles no fim, cansados da viagem e de argumentar inutilmente, pegaram e pagaram por mais um quarto. A Rússia estava se mostrando um lugar um tanto difícil...

Tinha comigo quatro clientes e para todos era sua primeira vez em Moscou. Tínhamos pouco tempo para a capital, e concentramos nossa atenção na Praça

Vermelha. Visitamos a lindíssima catedral ortodoxa de São Basílio, que com suas cores e formas domina a praça e fomos para a fila para visitar o mausoléu do Lenin. Lá nos deparamos com um fato comum de nossa estadia na Rússia, a corrupção. Estava chuviscando e todos na fila estavam se molhando. Todos com exceção dos que pagavam dez dólares a uma das senhoras que abertamente ofereciam com a conivência aberta do soldado que tomava conta da fila para passar à frente. Por entre os rostos impenetráveis de mais soldados olhamos para a figura de cera de Lenin e foi inevitável pensar o que ele estaria sentindo se visse a Rússia de hoje.

À tarde fomos a uma excelente loja de equipamentos para comprar o que faltava percorrendo o lindo metro de Moscou com suas estações de mármore enfeitadas por estátuas e obras de arte.

Na manhã seguinte voamos para o sudoeste da Rússia, para a região dos Cáucasos a 1500 quilômetros de distância. A região toda é uma área de pequenas estâncias de água mineral e o nome do cidade para onde voamos, Mineralniye Vody significa exatamente isso, água mineral. Esta região é de maioria muçulmana e fica ao lado da fronteira com a Geórgia, região de atritos e muito delicada politicamente e por isso é necessário uma permissão especial, além do visto que os brasileiros precisavam na época para viajar pela Rússia. A caminho de Terskol, a pequena cidade aos pés das montanhas que usaríamos de base para a escalada do Elbrus, fomos parados pela polícia que levaram nossos passaportes para inspeção. Todos os turistas tinham de trazer consigo o carimbo dos hotéis onde ficavam e três dos meus clientes que tinham passado alguns dias em São Petersburgo não sabiam disso. Em poucos minutos os soldados voltaram exigindo uma multa de US 100 de cada um deles, mais uma corrupção disfarçada. Sem nada que pudéssemos fazer, pagamos, mas ainda nessa viagem fomos parados mais uma vez e tudo se repetiu.

Passamos três dias instalados em um antigo centro de treinamento de alpinistas da era soviética chamado Elbrus Camp. Lá, por setenta anos viveram, treinaram e usaram como base as estrelas do alpinismo soviético dormindo em quartos comunitários, comendo em tristes refeitórios, acordando de madrugada e escalando utilizando material pesado e ultrapassado. Em fotos branco e preto vimos rostos duros que nos transmitem força e determinação. Para nós tudo é muito mais fácil. Saímos para caminhadas de aclimatação subindo a cada dia um pouco mais tentando preparar nosso organismo para os 5642 metros do cume do Elbrus onde queríamos estar em poucos dias.

Em muitos aspectos a escalada do Elbrus é singular e para mim, para a Andrea e para nossos quatro clientes, foi uma maneira diferente de escalar uma montanha. Normalmente vamos ganhando altitude gradualmente dormindo cada vez mais alto. Aqui estaremos usando apenas duas bases, o Elbrus Camp em um vale a 2000 metros e os "barrels" já na encosta do Elbrus a 3700 metros. Desses dois pontos fazemos

caminhadas cada vez mais altas para aclimatarmos, mas voltamos a dormir nos mesmos dois pontos.

Após três dias caminhando por lindos vales estávamos prontos para nos mudarmos para a montanha propriamente dita. Tomamos três ski lifts carregados com nosso equipamento de escalada e comida para seis dias. E, de repente, estávamos em um lugar que não podia imaginar. Nossa casa para os próximos 4, 5 ou 6 dias, dependendo de nossa sorte com o tempo, era um container de metal com dois grandes beliches para dezesseis pessoas, mas que seria de nós sete contando com Victor, nosso guia local. Ao redor do container estavam estacionados vários snow cats, pequenos caminhões com esteiras para se deslocar na neve que levam esquiadores e escaladores montanha acima e abaixo. Movem-se com grande ruído e lançando uma feia fumaça negra no azul escuro do lindo céu de altitude. Um pouco acima bandeiras da Red Bull anunciavam um campeonato de snow board e a nova afluente juventude russa vestida com roupas que até então associava com grupos de rap saltava rampas de neve fazendo piruetas. Olhando em direção aos dois cumes do Elbrus via filas de escaladores subindo ou descendo e de quando em quando passavam snowmobiles em grande velocidade, zigzagueando entre os escaladores. Tento sem muito sucesso juntar tudo isso com a imagem que tenho de escalar uma montanha. No final do dia, o por do sol na grande cordilheira me reconcilia e me devolve a paz.

Nos próximos dois dias fizemos caminhadas de aclimatação chegando a 4600 metros, o ponto de partida para nossa tentativa de cume, já que neste dia usaríamos o snow cat para o percurso inicial de mil metros acima dos barrels. No dia seguinte, enquanto o grupo descansava, eu e a Andrea decidimos fazer uma tentativa de chegar ao cume para conhecer a rota e também para garantir que teríamos o cume caso precisássemos voltar com algum dos clientes que tenha desistido da escalada. Como essa decisão é feita de última hora acabamos saindo muito tarde, as 10:30 da manhã. Tomamos um snow cat que nos deixa mil e cem metros abaixo do cume e de lá seguimos por uma longa encosta que contorna o cume leste até o colo. Coloco um ritmo forte e em três horas chegamos à parte plana que separa os dois cumes. O tempo normal de escalada para grupos é de oito a dez horas, mas nós estamos em uma forma física excelente e dominamos o mais importante conhecimento de montanha que é conhecer o seu próprio ritmo, aquela velocidade que você consegue caminhar por horas seguidas sem ter de parar e com a máxima economia de esforço.

Quando chegamos ao colo, o tempo começou a se deteriorar e a visibilidade diminuiu para poucos metros. Não conhecemos o caminho, mas a cada vinte metros a rota é sinalizada por marcadores de bambu. Continuamos, mas desde que saímos tínhamos decidido que voltaríamos às 16 horas não importa onde estivéssemos. No dia seguinte subiríamos novamente ao cume com os clientes e desta vez acordaríamos a

uma da manhã para estar começando no máximo as 3. Tínhamos de ter algumas horas de descanso e do cume até os barrels eram mais de 2.000 metros de descida.

A encosta tornou-se mais inclinada a partir do colo e a visibilidade piorou ainda mais e em alguns lugares não conseguimos nem enxergar a próxima sinalização. Subimos em um ritmo bem mais lento já que a altitude se fazia sentir de forma marcante. Não estávamos aclimatados para esta altitude e cada passo exigia um esforço enorme. Não podíamos consumir todas nossas energias, tínhamos que pensar na subida do dia seguinte. A cada passo respirávamos duas vezes. Já eram duas e meia e ainda faltavam 150 metros. Estávamos ganhando apenas dois metros verticais por minuto. Neste ritmo não íamos chegar. Seria tão mais fácil voltar e tentar chegar no dia seguinte com muito mais tempo. Mas, mesmo assim seguimos. Ainda tínhamos tempo. Caminhamos com a cabeça abaixada por causa do vento que estava cada vez mais forte. Nuvens lenticulares envolviam o topo anunciando a piora do tempo. Às 3 da tarde, o altímetro mostrava 5550 metros, mas de repente a Andrea vê bandeiras sacudindo violentamente a nossa frente. Sem sabermos, havíamos chegado ao cume. O altímetro estava errado. Nem podíamos acreditar, estávamos realmente no topo. Dou os últimos passos incrédulo. Fizemos a escalada em quatro horas e quinze minutos, um tempo excepcional! Como se os deuses da montanha estivessem apenas esperando por nossa chegada, um minuto depois, uma fortíssima nevasca nos cobriu de flocos de neve redondos e secos como isopor. A temperatura tornou-se insuportável. A ideia de que do cume poderíamos ver o mar Negro e o Cáspio parece inacreditável. Mal podemos ver um ao outro. Tiramos as habituais fotos, filmamos um pouco com as mãos reclamando do frio e corremos para baixo fugindo da tempestade. Nos quinze minutos que estivemos no cume nossas pegadas desapareceram e aos poucos, conforme descemos, a trilha também foi coberta pela neve que caia abundantemente. Estimulo a Andrea para que ela desça mais rápido. Ela é mais cautelosa nas descidas do que eu, mas as condições estão piorando e quero chegar ao colo o mais rapidamente possível. A partir de lá o caminho é mais fácil e o risco de avalanches menor. Ela entende a nossa situação e perdemos altitude rapidamente. Em meia hora estamos seguros e a partir daí é só colocar um pé diante do outro e seguir baixando. Com a neve fresca escorregamos montanha abaixo como se estivéssemos descendo uma duna de areia. Às cinco e meia da tarde, menos de seis horas de escalada entramos nos barrels para receber os parabéns do grupo. Nossa ida os deixa aliviados. Sabem que podem fazer. Tem mais confiança, pois agora já conhecemos o caminho. Agora e descansar e começar tudo novamente em menos de oito horas.

Acordo com o insistente barulho do despertador sem saber onde estou. Olho ao meu redor completamente confuso. Estava dormindo tão profundamente que não sei por que estou sendo arrancado do conforto do meu sleeping bag tão cedo. Ouço o barulho do vento ao redor dos barrels. Será um dia difícil.

Às três e quinze estamos sentados no snow cat no escuro e frio da madrugada. Ele avança lentamente em direção ao nosso ponto de partida, mil metros acima. Quarenta e cinco longos e frios minutos depois chegamos a 4650 metros e começamos a caminhar. O vento que vínhamos sentindo não era do movimento do snow cat, era da montanha mesmo. O frio intenso e o vento fortíssimo surpreende. Nada nesses dias todos nos havia preparado para isso. O começo é bem confuso. Havíamos combinado de que o Caio seguiria comigo, o Alfredo com o Victor e o Papi e o Bala com a Andrea. Mas, na escuridão e frio da manhã não se vê nada e começo a andar com o Caio e o Bala comigo. Mantenho um passo bem lento para fazer o cume em ao redor de oito horas. Pé direito, respiração, pé esquerdo, respiração, bastão, bastão. Vinte centímetros verticais de ganho a cada passo. Em cinco mil passos estaremos lá. Caminhando vamos nos aquecendo e aos poucos estabelecendo um ritmo. Após meia hora, sinto o Caio diminuir de ritmo e a Andrea nos ultrapassa levando com ela o Papi e o Bala. Sei que eles serão os mais rápidos e sigo no ritmo que planejei. O Caio não conseguiu uma bota dupla do seu tamanho (47) e está usando a minha bota sem a parte de dentro, instável e fria. Foi o melhor que pudemos fazer, mas sei que isso pode ajudar a roubar o tão sonhado cume dele. O Alfredo fica para trás. Não consigo vê-lo, mas sei que está com o Victor e fico tranquilo. O nascer do sol é espetacular com tons intensos de violeta cobrindo todo o leste. Um pouco mais adiante vemos aparecer a sombra do Elbrus no horizonte. A cada três passos paro para apreciar o espetáculo. Todo o esforço vale a pena. Apesar de subir muito lentamente sinto que o Caio está ficando para trás. Diminuo o ritmo ainda mais e proponho respirar três vezes a cada passo. Isso funciona por algum tempo, mas conforme ganhamos altitude mesmo isso se torna muito difícil. O Caio, talvez pelo frio que sobe de seus pés, tem as mãos geladas. Tiro os seus mittens e massageio suas mãos até senti-las quentes entre as minhas. Volto a fazer isso mais duas vezes nas próximas duas horas. Sinto que será muito difícil para ele encontrar motivação e forças para chegar ao cume. Já estamos escalando há quatro horas e meia e ainda nem chegamos ao colo. Serão necessárias outras quatro horas para chegar ao cume. Mas, o que mais preocupa é a volta. Mesmo sem a bota interna seus dedos encostavam-se à frente da bota e a volta será uma tortura. Após cinco horas, chegamos ao começo do passo, uma área um pouco mais protegida onde finalmente podemos parar e comer algo. Antes, com o vento, parar era impensável. Enquanto comemos em silêncio, cada um considerando o que fazer, o Victor chega com o Alfredo. Ele diz que está muito cansado, mas acho que tem energias para continuar. Digo aos dois que aquele é o ponto de se comprometer para mais quatro horas de subida ou voltar. O Caio decide voltar e prefiro não insistir para que continue. Tenho medo da volta e do tempo que está mais uma vez cada vez pior. As nuvens em forma de aranha causadas pelos ventos fortíssimos que passam em cima de nossas cabeças fazem formas lindas e amedrontadoras. Fico com pena pelo Caio, mas acho que é a decisão mais sábia.

A volta demorou quase a mesma coisa que a subida e, se antes tinha dúvidas se havíamos agido corretamente, agora tenho certeza que sim. Também eu estou muito cansado. Caminhar neste ritmo tão inferior ao meu natural deixa-me esgotado. Chegamos aos barrels à uma da tarde, oito horas após havermos saído. Três horas depois chegam todos os outros felizes de haver conquistado seus objetivos. Estamos prontos para voltar, eles para suas casas e eu e a Andrea para nossa próxima montanha, o Kilimanjaro. Nosso objetivo dos Sete Cumes está cada vez mais próximo. Para mim só faltam duas, o Everest e o Vinson e para a Andrea quatro. Mas, mais do que números e conquistas, sinto que estou feliz por ter a oportunidade de estar nas montanhas, de fazer o que amo e de ajudar outras pessoas a realizarem os seus sonhos. Cada montanha me ensina novas coisas, me expõe a novas dificuldades e me deixa mais pronto para os desafios dos gigantes que temos pela frente: Cho Oyu e Everest. O medo vai dando lugar à confiança. Em poucos meses terei a oportunidade de estar no topo do mundo. Cada vez mais acredito nisso...

CAPÍTULO SEIS - MOUNT EVEREST

Poucos meses após escalar o Denali, partia para um desafio ainda maior, a escalada do Cho Oyu que com 8201 metros é a sexta mais alta montanha do planeta. Era o meu primeiro 8000 metros e o nervosismo era intenso. Tradicionalmente me aclimato lentamente e tenho problemas com grandes altitudes. Se em montanhas mais baixas eu já tinha dores de cabeça e passava mal, o que aconteceria acima de oito mil metros?

Mas, desde o começo da expedição resolvi que iria aproveitar cada dia, cada minuto na montanha e que o resultado, qualquer que fosse, seria bem vindo. E, em grande parte consegui manter este estado de espírito e isso me ajudou muitíssimo já que tirou boa parte da pressão que se sofre quando se abraça um desafio tão grande como esse. Hoje, olhando para trás, vejo que o Cho Oyu foi uma das expedições mais agradáveis que já fiz. Se o Everest foi minha maior emoção, o Cho Oyu foi a melhor expedição.

Éramos nove pessoas na expedição, quatro do Brasil, três de Malta, uma guatemalteca, um escocês, pessoas de personalidades muito diferentes, graus de

experiência heterogenia, expectativas variadas, mas mesmo assim quase imediatamente formamos um time coeso que se ajudou do começo ao fim. Uma das razões para que a expedição tenha sido tão memorável foi que raramente estávamos parados. Desde a saída de Katmandu no final de agosto de 2009 tivemos atividades praticamente todos os dias. Um dos aspectos mais difíceis de lidar em longas expedições é a parte psicológica resultante das longas esperas pelo dia ideal de subir ao cume. Parado no acampamento base você começa a sentir de maneira mais direta o deterioramento físico resultante de viver por muitas semanas a um altitude tão extrema. Sem atividade você começa a duvidar de sua capacidade de enfrentar um desafio como este e tem de lidar com as longas horas na barraca. Mas no Cho Oyu tivemos um fluxo contínuo de atividades com caminhadas de aclimatação diárias e avançando de campo em campo sem ter de esperar pela janela de bom tempo. Quando estávamos prontos para o cume, a montanha estava pronta para nos receber. Claro que tivemos períodos de mal tempo, mas eles ocorreram nos primeiros dias da expedição quando mesmo com nevascas podíamos fazer algo ou então em nossos dias de descanso planejado.

Desde que pensei em escalar o Everest sempre tive dúvidas da minha capacidade de fazê-lo. Para mim escaladores de montanhas com mais de 8000 metros eram seres muito especiais e os que tinham escalado o Everest eram meus heróis. Então como é que eu estava me propondo a ser um deles? Foi apenas ao me deparar com o cume do Everest ao chegar no topo do Cho Oyu e vi que ele estava a "apenas" 650 metros acima que pela primeira vez senti que tinha boas chances de chegar lá. A expedição já tinha quase um mês de duração e, apesar de ter passado mal com a altitude várias vezes, eu tinha conseguido chegar ao cume. E, mais do que isso, estava cansado, impossível não estar, mas não exausto. Se precisasse poderia subir mais. Tinha usado apenas um cilindro de oxigênio dos dois que tinha levado e tinha feito o cume em um tempo excelente, apenas sete horas e meia, do campo 2 a 7100 metros ao cume, uma escalada de 1100 metros verticais. Fascinado, olhava para o perfil do Everest a menos de vinte quilômetros de distância se elevando de forma clara muito acima de todas as montanhas ao seu redor. Comecei a dura descida transbordando de felicidade pelo que havia logrado, mas também pela nova auto confiança em relação ao Everest.

Durante os seis meses que se seguiram não houve um momento que não estivesse completamente focado no Everest. Guiando ou não, treinava para o grande desafio. Os meses finais de treino passei na Nova Zelândia onde já havia feito uma longa viagem de bicicleta muitos anos antes. Normalmente ao voltar a países ou locais que estive antes sempre acabo me decepcionando. Os lugares estão mais turísticos, mais cheios, mais sujos, menos originais, com sua cultura mais adulterada. Mas, para minha grande felicidade, não foi o que aconteceu nesses dois meses que passei neste país. A natureza continuava intocada graças a uma consciência ambiental que data de

décadas e que é parte da maneira de pensar de seus habitantes. Fiz caminhadas lindas com mochilas pesadíssimas e nem sentia que estava treinando tamanho o prazer de estar lá. Via com satisfação o quanto estava bem treinado. Despedi-me desse lindo país com uma caminhada que tinha me marcado muitíssimo em 1990 chamado Cascades Saddle, uma pequena sela entre duas montanhas com vistas deslumbrantes do Dart Glacier com sua cascata de gelo despencando quase verticalmente rumo ao vale de um lado e o triângulo perfeito do Mount Aspiring do outro. A caminhada do lugar onde acampamos, o Aspiring Hut, até a sela demora em média 5 horas de subida muito íngreme e outras 4 de descida. No dia anterior havíamos conversado com a simpática guarda parques e ela nos recomendou sair cedo pois havia grande possibilidade de chuvas à tarde. Quando voltamos, tornamos a encontrar com ela e quando lhe contamos que havíamos feito o passeio de ida e volta em apenas cinco horas ela não quis acreditar, disse que era impossível. Só se conformou quando contamos que este era nosso último treino para a escalada ao Everest.

Se até então estava vivendo para o Everest, a partir do momento que cheguei à Katmandu finalmente a escalada adquiriu o ar de realidade. Eu realmente iria escalar a maior montanha do Terra. Depois de mais de vinte anos olhando para sua silhueta negra e pensando como seria estar lá, dentro de menos de dois meses eu saberia, se tudo desse certo. Eu estava pronto como nunca antes estive pronto para qualquer projeto. Tinha feito um cuidadoso plano de treinamento com dois anos de duração, tinha adquirido a experiência que considerava adequada, estava em perfeita forma física, feliz e confiante. Apesar disso tudo, também tinha consciência de que mesmo escaladores experientes e bem preparados morrem no Everest e tinha deixado minha vida acertada caso eu tivesse um acidente. Não estava com medo, mas sabia dos riscos envolvidos em uma escalada deste tipo.

Para ajudar a financiar minha escalada guiei um grupo grande de clientes para o campo base do Everest. Por não morar nem ter muito contatos no Brasil nem tentei buscar patrocínio, sabia que não iria conseguir. Me juntei a quatro dos companheiros do Cho Oyu, Victor, Greg, Marco e Robert em uma expedição pequena, de confortos limitados no campo base, e de custo razoável, "apenas" US$ 40.000. Apesar do trabalho constante de guiar um grupo de 22 pessoas não podia estar me sentindo mais feliz. Estava realizando um sonho no qual havia colocado toda minha energia nos últimos dois anos.

Chegamos ao campo base e mais uma vez olhando pelos olhos dos meus clientes pude ver a loucura que seria passar dois meses naquele lugar. A 5300 metros o campo base é um dos lugares mais inóspitos do planeta. Após a queda quase vertical da Cascata do Khumbu onde o glaciar despenca do campo 1 a 6000 metros, o rio de gelo faz uma curva para o sul e forma uma área razoavelmente plana onde nos meses de abril e maio uma verdadeira cidade de barracas com 300 ou mais escaladores e suas equipes chamam de casa. As barracas são armadas sobre plataformas cavadas no

gelo e tudo o que se vê ao redor é gelo, rochas e o céu de infinito azul. A temperatura varia de poucos graus positivos a até 20 graus negativos. O ar que se respira tem apenas 50% da concentração do ar ao nível do mar. O sono é superficial e o apetite vai gradualmente desaparecendo. Manter-se saudável é uma luta constante o os helicópteros que saem diariamente do campo base rumo à Katmandu levando escaladores doentes são uma constante lembrança de quão árdua é a vida neste lugar. E, apesar disso tudo, não havia outro lugar no planeta no qual eu queria estar...

Desci com o grupo até a última vila do trek, me despedi emocionado deles, voltei a subir e escalei o Island Peak, uma linda montanha com pouco mais de 6100 metros para ajudar em minha aclimatação. Estava pronto para meu grande desafio!

Após dois dias de descanso no campo base fizemos nosso puja, a cerimônia budista onde pedimos permissão aos deuses da montanha para entrar em sua morada e também para pedir proteção. O puja marca o início oficial de toda escalada no Himalaia. Estávamos prontos!

Independentemente da experiência do escalador, o Everest apresenta um desafio impar: atravessar as inúmeras escadas que se usam para cruzar as imensas fendas no gelo. Em outras montanhas se cruzam essas gretas ou por pontes de neve, partes da fenda cobertas com neve de consistência suficiente para aguentar o peso dos escaladores, ou se contornando a cravasse por uma de suas bordas. No Everest isso não é possível. A Cascata de gelo do Khumbu tem tantas e tão enormes fendas que a única maneira de ultrapassá-las é utilizando-se de escadas de alumínio que são colocadas por um grupo de sherpas que abrem e mantém o caminho entre o campo base e o campo 1. E para aprender a lidar com este formidável obstáculo fomos na manhã do terceiro dia fazer um treinamento. Achamos próximo ao nosso acampamento dois blocos de gelo com mais ou menos 1 metro de altura e 4 metros de distância entre um o outro, colocamos a escada e atravessamos cautelosamente de um lado para o outro até nos sentirmos confortáveis com o processo. Não pareceu tão difícil assim...

No dia seguinte, ainda de noite, saímos de nossas barracas para a primeira experiência na Cascata. Meu coração estava na boca. Quantas histórias terríveis já tinha ouvido de avalanches, quedas de seracs, imensos blocos de gelo do tamanho de edifícios, naquela parte da montanha. E chegou então minha primeira escada. A luz do nascer do sol já me permitia ver a profundidade do abismo sob meus pés. Com o coração a mil e a respiração ofegante de medo segui pé ante pé, degrau por degrau em uma lentidão angustiante até chegar ao outro lado. E, nas aproximadamente 150 vezes que durante esta expedição eu atravessei uma dessas escadas, sempre cheguei ao outro lado da mesma maneira, ofegante de medo e agradecendo a todos os deuses por ter sobrevivido a mais uma dessas terríveis travessias.

O que eu não esperava era que iria me apaixonar pela beleza impar deste lugar que não pertence a nosso mundo. Não fosse o perigo extremo ficaria horas sentado em algum bloco de gelo olhando as formas, as texturas, escutando os ruídos, explorando o incrível labirinto de gelo azul ao meu redor. Sem dúvida a Cascata é um dos lugares mais lindos que já estive.

Nas próximas 4 semanas subi e desci para os campos gradualmente mais altos ganhando não mais aclimatação já que no senso estrito da palavra o corpo humano não consegue se aclimatar a altitudes superiores a 6000 metros. Subíamos para ganhar experiência, para adquirir um pouco de tolerância à altitude para em seguida descer para nos recuperarmos no campo base.

Após 40 dias na montanha estávamos prontos para partir para o cume. Já tínhamos chegado ao campo 3 a 7000 metros, já tínhamos feito o *drop down,* a descida a 4000 metros para alguns dias de sono ininterrupto e a volta do apetite, dias importantíssimos de recuperação antes do esforço final. Mas quem determina quando se pode subir é a montanha e no caso do Everest são, em geral, apenas dois dias por ano que se pode tentar chegar ao cume, normalmente na segunda quinzena de maio. Dia primeiro de maio estávamos prontos mas nosso dia de cume só chegou 17 dias depois. E, creio, estes foram os dias mais duros de toda a expedição. A cada dia pela manhã íamos ver o que dizia a previsão do tempo para voltar pouco depois preocupados de volta ao nosso acampamento. Dia após dia víamos que os ventos continuavam soprando selvagemente no cume sem chance alguma de qualquer escalador estar acima de 8000 metros, a chamada "zona da morte".

Os dias passavam e sentia que minha chance de estar na melhor de minha forma física e psicológica escorregava pelas minhas mãos. Quando voltei ao campo base após 4 dias a 4000 metros sentia que podia ir do base ao cume sem dificuldades. Me sentia extremamente forte, aclimatado e otimista. Os dias de espera destruíram tudo isso e minha confiança diminuía a cada dia. Finalmente dia 11 de maio a esperada notícia veio. Cinco dias depois teríamos uma pequena janela, uma noite e uma manhã de pouco vento que duraria até o meio dia, após isso o vento voltaria. Na madrugada seguinte cruzávamos a Cascata pela penúltima vez...

Entre o campo 2 e o campo 3 temos uma magnífica barreira que é a parede do Lhotse, uma subida de 700 metros de 50 graus de inclinação de gelo azul duro como cimento que se tem de fazer com as pontas dos crampons. Em poucos metros a barriga da perna já está tremendo do esforço. No meio da parede o Greg começa a diminuir de velocidade e ao me aproximar dele me conta que está com um cálculo renal. O Greg de longe é o mais forte de nós mas mesmo para ele isso significa o fim de sua escalada. Ele é um excelente médico e um experiente escalador e sabe que a decisão mais sábia é voltar. Mas, para minha grande surpresa, ele se aplica uma injeção na coxa, vira para a montanha e retoma a escalada. Nesta noite nem ele nem eu que dividia a pequena barraca com ele conseguimos descansar nada. Durante a

noite depois de cólicas terríveis ele elimina o cálculo. Na manhã seguinte seguimos para o campo 4 a 8000 metros.

Apesar de termos bom tempo durante a manhã, ao chegarmos ao campo 4 nos deparamos com um vendaval que vai piorando a cada hora que passa. Não posso acreditar, depois de tantas esperanças, tantos esforços, vemos nossa chance de cume desaparecer. Será que a previsão de tempo estava errada?

Estas preciosas horas entre a chegada ao campo 4 as 14 horas e a partida para o cume as 21 horas devem ser usadas para se hidratar, tentar comer um pouco e descansar para o enorme esforço do dia de cume. Apesar de sabermos disso, nada fizemos. Apenas ficamos deitados respirando um pouco de oxigênio e pensando o que faríamos se realmente o vento não parasse. A barraca balançava violentamente com o vento e o barulho era ensurdecedor. E, de repente, o barulho parou! Abrimos o zíper da barraca e o mais lindo por do sol iluminava o vale 3 quilômetros abaixo de nós! Em um frenesi de atividade arrumamos nossas mochilas, derretemos neve e as 21 horas saía para o frio da noite a 8000 metros e partia para o meu tão sonhado cume.

As próximas horas se passaram em uma espécie de sonho. Partes dessa noite me lembro de maneira extremamente vívida, outras são nebulosas. Foi uma longa noite que consistiu de uma sequência infinita de pequenos passos e muitas respirações. As horas passaram em um ritmo infinitamente lento animadas apenas pelo céu estrelado e pela ausência de vento. Encontrei com meus amigos apenas no Balcony a 8500 metros. Eles estavam descansando e me lembro de ter cumprimentado a todos e seguido meu caminho. Estava totalmente imerso em meu mundo e tudo ao meu redor carecia de realidade absoluta. As 4:30 o céu começou a clarear e o horizonte se tingiu de um lindo cor de rosa e pouco depois o sol saiu mudando completamente minha visão do mundo e de onde estava. De repente tudo estava com um brilho incrível e meu coração batia mais rápido. A partir daí cada passo me levava cada vez mais próximo de meu objetivo. A sombra do Everest se projetou sobre o Nepal, a mais linda visão de minha vida! Meus olhos se encheram de lágrimas que instantaneamente se congelaram. Olho para cima e avisto o cume. Estou na foto que tantas milhares de vezes admirei nesses 20 anos em que venho para a região do Everest. A crista do cume com suas lindas curvas de gelo contrastam com o céu mais azul do mundo. Cheio de uma nova energia, cruzo os poucos metros que me separam do cume. Lá está Greg vindo em minha direção com seu generoso abraço, Marco sempre sério, mas de uma amizade constante, Rob com seu bonito sorriso e Victor me recebendo. Eles estão prontos para descer, só estavam esperando por mim. São 8h da manhã do dia 17 de maio de 2010 e eu estou no topo do mundo!

CAPÍTULO SETE - MOUNT VINSON

O ano de 2011 foi um tempo estranho para mim. Um ano onde fui corroído por dúvidas e que em um dia decidia algo para no próximo dia decidir o contrário. Tudo começou quando desci do Everest e conversando com meus companheiros dois deles se entusiasmaram com a ideia de fazer outra grande expedição. Mas o Everest havia sido tão intenso e tão desafiador que quase qualquer coisa seria um ante clímax. Nenhuma montanha conseguiria competir em termos de emoção com estar no topo do mundo. Tínhamos de encontrar um outro destino. A decisão veio quase automaticamente. Estava lendo a biografia do Sir Ranulph Fiennes, um dos maiores aventureiros vivos do mundo e um grande explorador polar. No livro ele relata, entre outras incríveis aventuras, suas travessias na Antártica. A solidão, as temperaturas extremas, o clima inclemente, os horizontes brancos e longínquos, tudo me atraia. Era para lá que eu queria ir. Propus ao Greg e ao Rob e eles imediatamente aceitaram a ideia e ainda ali, no campo base do Everest começamos a sonhar com a próxima expedição.

Comigo no Brasil e eles de volta às suas casas tínhamos acesso a mais informações sobre o que, como e quanto uma expedição como a que imaginávamos poderia ser feita. A ideia que foi tomando forma era de fazer uma travessia da costa da Antártica até o Polo Sul, uma distância de ao redor de 1100 quilômetros com um desnível de mais de 2.000 metros verticais. Havia duas maneiras de fazê-la, com ou sem uso de qualquer método motorizado ou de velas, e com ou sem reabastecimento de comida à caminho. Seria nossa primeira viagem polar e a princípio optamos pelas escolhas mais fáceis. Havia ouvido falar do uso de kite surf em gelo e com alguns meses de férias em minhas mãos resolvi passar algumas semanas na Ilha Bela e em Jeriquaquara aprendendo kite e ao mesmo tempo me recuperando da dura escalada do Everest. Após dez aulas de kite vi que se eu fosse usar na Antártica precisaria muito mais experiência do que o tempo que dispunha para aprender. Mas, adorei o tempo que passei na Ilha e em Jeriquaquara e amei meu novo esporte.

Ao voltar a São Paulo recebi um e-mail do Greg e do Rob dizendo que infelizmente eles não achavam realista a ideia de conseguir patrocínio para este tipo de expedição em Malta que não possuía grandes indústrias ou mesmo empresas de porte. Nesses meses tínhamos feito uma grande pesquisa de custos e vimos que uma expedição como a que queríamos fazer custaria ao redor de US$ 100.000 por pessoa, sendo que grande parte deste gasto seria com o vôo que nos deixaria na costa e nos pegaria no polo. Nesta altura, eu já estava investido emocionalmente no projeto, mas sabia por outras experiências que para fazer algo assim teria de estar com pessoas que conhecesse e que soubesse como se comportariam sob stress. A Travessia Atlântico ao Pacífico tinha me ensinado esta lição. Eu poderia tentar me encaixar em uma expedição estrangeira com pessoas que não conhecesse, mas sabia que essa não seria a melhor maneira. Ao partir para o Nepal para mais uma temporada de trabalho estava de luto por ter de abandonar uma ideia que me atraia muitíssimo.

Por dois meses tentei não pensar muito no cancelamento do projeto, mas sentia um vazio dentro de mim. Claro que planejava novas escaladas. Tinha pelo menos outras cinco montanhas com mais de 8.000 metros que desejava escalar e acabei decidindo que tentaria o Manaslu, a oitava mais alta montanha da Terra sem ajuda de sherpas e sem o uso de oxigênio suplementar. Não era uma questão de purismo e sim saber o que meu corpo conseguiria fazer. Minha nova companheira, Lisete, era escaladora de rocha e também planejávamos passar vinte dias na Tailândia escalando nas magníficas paredes de calcário da praia de Tonsai e Railay no sul do país e a possibilidade de finalmente eu cobrir esta falha em meu currículo de montanhista me entusiasmava muito. Por outro lado, ela também estava entusiasmada em fazer mais alta montanha e começava a pensar em me acompanhar ao Manaslu.

Guiamos dois grupos no Nepal, de lá fomos para a Tailândia onde tivemos maravilhosas férias de escalada em rocha e seguimos para Bali para passar o ano

novo e curtir a beleza desta ilha tão especial. Um dia, à tarde, estou sentado na varanda de nosso delicioso bangalô de frente a uma linda plantação de arroz com o verde mais intenso que existe quando percebi o quanto o fato de ter cancelado o projeto do polo sul estava me incomodando. Por esses meses havia me enganado dizendo a mim mesmo que não havia problema, que outras coisas viriam para substituir a travessia ao polo. Depois de muito pensar chamei a Lisete e lhe contei o que estava sentindo. Ela me sugeriu conversar com dois bons amigos dela, ambos excelentes escaladores de Curitiba, o Irivan Burda e o Marcelo Santos conhecido como Bonga. Ela me garantiu que eu gostaria deles e que eles seriam grandes companheiros de aventura. Apesar de receoso resolvi mandar um e-mail para eles explicando o projeto. O e-mail que recebi ajudou a dispersar um pouco meus medos. Eles se encantaram com o projeto e imediatamente começamos a fazer planos. Como sempre, fui buscar profissionais que se interessassem em participar no projeto. Uma das partes cruciais seria a nutrição, pois tudo que eu lia mostrava que esse poderia ser o calcanhar de Aquiles. Escrevi para minha amiga, a nutricionista Tânia Rodrigues, que já tinha me acompanhado em dois outros projetos com atenção e competência e ela me respondeu que mais uma vez estaria nos acompanhando. Com meus dois companheiros os planos mudaram. Faríamos a travessia sem ajuda de métodos motorizados ou de velas e sem reabastecimento de comida no caminho. Desta forma, menos de 100 pessoas no mundo haviam feito esta travessia. Para tanto, sairíamos da costa com um trenó de 130 quilos e com um plano de consumo de 7.000 calorias por dia!! A logística de uma expedição dessas é simplesmente intimidante, mas o ânimo com que me joguei no planejamento dela mais do que compensou os desafios. Conversei com várias fábricas de comida liofilizada, brasileiras e estrangeiras, entrei em contato com fabricantes de botas e de skis de travessia, com fabricantes de trenós, barracas, sleeping bags e mais que tudo, com pessoas que tinham experiência em viagens polares. A cada conversa um leque novo de possibilidades se abria. Teríamos de ter um site, uma pessoa cuidando das comunicações, de assessoria de imprensa, teríamos de conseguir mídia e, claro, patrocínio. Mas, desta vez estava confiante que conseguiria os fundos necessários, afinal 2011 era o ano do centenário da conquista do Polo Sul por Amundsen. No dia em que ele chegou ao polo, 14 de dezembro, estaríamos a caminho e enviando imagens diretamente da Antártica. Éramos os primeiros brasileiros, os primeiros latino americanos, e eu tinha agora, diferentemente de antes, uma projeção nacional por ter escalado o Everest, por ser o oitavo e mais velho brasileiro a chegar no topo do mundo. Todos os órgãos de imprensa com quem conversávamos nos prometiam cobertura. Fui ao Rio de Janeiro conversar com o diretor do programa Fantástico que prometeu veicular nossa expedição. Claro que conseguiríamos o dinheiro. Trezentos mil dólares para retorno de mídia que iríamos oferecer em retorno era uma pechincha...

Planejei minha vida para o ano todo baseado na premissa de que a expedição era uma realidade. Fiquei no Brasil nos dois primeiros meses do ano trabalhando no projeto e

só guiaria até agosto e deixaria os seis meses seguintes para a fase final de treinamento, a travessia e a mídia pós expedição. Fiz meu calendário de trabalho baseado nisso. E fui atrás de patrocinadores. Primeiramente os que eu tinha contato direto e depois os de amigos e amigos de amigos. Virei um pouco monotemático. Com todos que conversava acabava trazendo o tema a pauta.

- Será que você não conhece alguém em alguma empresa grande que poderia se interessar no meu projeto?

E desabava a falar dos pontos positivos de apoiar nossa travessia.

Mandei dezenas de projetos a diretores de marketing. Fiz uma dezena de entrevistas onde era recebido com palavras corteses que eram seguidas de explicações elaboradas sobre o porque a empresa não apoiaria o projeto. Quando era recebido com - "O seu projeto é maravilhoso" já sabia que viria um mas depois disso e aprendi a odiar a palavra 'aderência" ou melhor, a falta de aderência que em jargão de marketing queria dizer que o projeto não tinha pontos em comuns com os produtos da empresa. Eu contra argumentava que o projeto não precisava estar diretamente relacionado com o que a empresa fabricava e sim que daríamos um retorno de mídia fantástico. O que o Boticário que por anos apoiou o Niclevicz tinha a ver com Alta Montanha. Mas era inútil, não tínhamos aderência. Através de um contato fui chamado para uma entrevista com o representante dos exportadores de suco de laranja, que nos contou de seu interesse em rejuvenescer a imagem do suco no mercado internacional e para isso o interesse em associar a bebida à esportes e com isso atrair um público mais jovem. Fizemos várias reuniões para definir o plano de marketing e um dia antes de assinarem o contrato conosco para ficarem com um terço do patrocínio o gerente de marketing me ligou dizendo que tinham resolvido patrocinar uma equipe estrangeira já que seu mercado estava fora do Brasil. O baque desta notícia foi imenso. Já contávamos com este dinheiro e isso tinha nos mantido em um estado de euforia por um mês.

Do lado do Irivan e do Bonga, as coisas iam da mesma forma. Mil esperanças seguidas de desapontamentos. Tentamos de tudo, empresas privadas, estatais, pequenas, grandes, sempre com o mesmo resultado.

Em março fui para o Nepal e a distância continuei fazendo contatos e subindo e descendo a montanha russa emocional que vivíamos. Mil vezes pensei em desistir para voltar a me animar com o aparecimento de um novo contato promissor. Enxugamos o projeto de todas as formas. Deixamos o Bonga em "lista de espera" para tentarmos conseguir o dinheiro para pelo menos dois de nós irmos. Mesmo assim, nada apareceu.

Em julho, resolvi lançar uma campanha que chamei de "Adote um Quilômetro" onde amigos, conhecidos e quem se interessasse em ajudar poderia adotar um quilômetro

pela quantia de R$ 300 e com isso receber o convite para uma palestra ao final da expedição. Quem adotasse mais quilômetros receberia um DVD, um livro de fotos e até uma palestra privada se adotasse um dia inteiro. Da resposta a esta campanha é que guardo os melhores momentos deste projeto. O carinho e generosidade de amigos me confortou mesmo quando percebi que o que conseguiríamos com a campanha não seria suficiente nem para que um de nós fosse.

Foi neste momento que as piores dúvidas vieram. E se eu fosse com uma expedição estrangeira? E se eu me inscrevesse em uma expedição comercial (sim existe isso também) para fazer a travessia com reabastecimento de comida no caminho? Foram dois meses terríveis onde em um dia acordava decidido a abandonar tudo para no dia seguinte mudar de ideia. Mas, no mesmo momento que decidia uma coisa vinham os motivos de porque eu não deveria tomar esta decisão. O que mais me chateava era que eu nunca fui uma pessoa indecisa. De um modo geral, mesmo na maior encruzilhada, era capaz de decidir uma coisa e ficar em paz com minha escolha. Mas, agora era justamente o oposto.

Fui ao Kilimanjaro ainda sem saber o que faria e tinha marcada minha passagem para São Paulo após esta escalada. Não havia mais como adiar. Ao chegar em São Paulo teria de começar a treinar para a travessia ou então decidir o que fazer com meus próximos seis meses sem trabalho.

Desde o começo dos planos a ideia era fazer a travessia e logo após escalar o Vinson, o último dos meus Sete. Seria o fechamento com chave de ouro a este lindo projeto e a 20 anos de vida nas montanhas. Em termos de custo não seria muito mais já que já estaríamos lá. E durante esses dez dias de Kilimanjaro ainda me agarrei a última esperança de um patrocínio aparecer. O Irivan tinha comentado de uma possibilidade... Quando cheguei a Moshi e abri meus e-mails vi que não, era mais um falso alarme. Tinha chegado o momento de decidir. E finalmente, depois de um ano de dúvidas e apreensões, idas e vindas, ir e não ir, tomei a decisão. Não me envolveria em uma expedição estrangeira, não era como queria fazer e não faria. Depois de meses pensando todas as noites sobre o projeto, esta noite deitei e dormi. Fechei uma porta de uma vez por todas. Mas, na manhã seguinte comecei a pensar no que iria fazer com os US$ 25.000 que as pessoas generosamente tinham adotado, cada um com uma mensagem de apoio, de confiança, de amizade. O fato de escrever a elas dizendo que nada aconteceria me doía o coração. Então veio a ideia. Que tal se eu só fizesse o Vinson. Uma expedição como essa custa ao redor de US$ 35.000. Eu poderia colocar o dinheiro que faltava do meu bolso...Mas, para isso as pessoas que doaram o dinheiro teriam de concordar. Será que aceitariam uma mudança tão grande de planos?

O que aconteceu nos próximos dias foi uma da coisas mais tocantes de minha vida. Recebi a resposta de todos meus e-mails sempre com mensagens emocionantes onde as pessoas me diziam que estavam muito felizes em manter o apoio e me desejando

toda a felicidade no novo projeto. O apoio que não recebi de empresas brasileiras recebi de amigos. Noventa por cento de quem me apoiou foram pessoas que viajaram comigo e que de clientes passaram a amigos nos 20 dias que convivemos nas montanhas. Mais do que o dinheiro em si, recebia através desses e-mails uma coisa muito mais preciosa.

Consultei também o Bonga e o Irivan, afinal esse dinheiro era do projeto. Me propus a dividir o dinheiro por três e cada um de nós colocaria o que faltasse, mas mais uma vez recebi uma mensagem de generosidade. Era meu último Sete Cume e eles estavam muito felizes que eu usasse esse dinheiro para o Vinson.

Desta vez não tive problemas com o fato de que iria ter de me juntar a uma expedição comercial. Não havia maneiras de ir para o Vinson sozinho, teria de me juntar a um grupo. Mas, era uma coisa infinitamente mais simples do que a travessia. Não seriam 60 dias enfrentando um dos piores climas do mundo em uma viagem polar que era uma coisa nova para mim. Seria escalar uma montanha, atividade que eu me sentia muito mais confiante e com duração muito menor. Consultei várias empresas que oferecem a escalada do Vinson e acabei optando por uma da Nova Zelândia por achar que esta empresa teria mais clientes da Nova Zelândia e da Austrália, pessoas normalmente mais tranquilas e bem humoradas. O esquema quase militar da empresa americana com quem fiz o Denali me incomodou muitíssimo. A data estava marcada, dia primeiro de dezembro chegaria a Punta Arenas.

Abaixo trechos do meu diário da escalada:

Cheguei em Punta Arenas há 3 dias para preparar-me para a expedição ao Vinson, a mais alta montanha da Antártica e para mim, a última das montanhas do chamado Sete Cumes, a escalada da montanha mais alta de cada continente. Mas, apenas agora, após uma reunião com o pessoal da ALE, a única empresa que organiza os voos para o continente Antártico (não para península antártica) que realmente estou sentindo que estou indo. A reunião teve um caráter sóbrio. Falou-se sobre preservação ambiental, manejo de dejetos e esse tipo de coisa, mas também falou-se muito sobre o que é ou pode tornar-se esta montanha se as coisas não vão conforme planejado. Foi enfatizado o fato de termos de enfrentar o frio e os ventos terríveis e o risco constante de congelamentos de extremidades. E tudo isso acompanhado de fotos horríveis para fazer "cair a ficha". Claro que tudo isso não é novo para mim. Após o Denali no Alaska, poucas coisas são preocupantes em relação ao frio. Mas, por outro lado, as vezes ao sentir-se experiente é que os descuidos acontecem. De modo que foi ótimo ter tido esta palestra. Ela também me mostrou outra coisa que já sabia, mas que foi reforçada. A complexidade da organização desta operação é imensa. Vamos voar para uma base em pleno coração da Antártica a 80 graus de latitude sul e a pista é de gelo azul. O gelo é tão duro que algumas pessoas estarão a postos para nos ajudar a caminhar até um pedaço com neve onde existe menos chance de escorregarmos. Como não levamos nossos crampons a bordo,

nossas botas triplas são muito escorregadias. Aí seremos transferidos para uma grande barraca onde, se tudo der certo, em uma hora embarcaremos novamente para um vôo de 45 minutos até o campo base do Vinson. Neste campo inicial existem dezenas de pessoas trabalhando durante os 3 meses onde existe a possibilidade de realizar-se escaladas ou travessias, entre elas cozinheiros, mecânicos, pessoal de comunicação, meteorologia e até 4 médicos. Estaremos em contato diário com esta base durante toda a expedição.
Mas não foram só más notícias. O tempo está razoavelmente bom e existe uma boa chance de voarmos amanhã as 7 da manhã. E outra coisa, seremos apenas 14 pessoas na montanha, nosso grupo de 6, um grupo alemão e um grupo inglês. Isso, nos dias de hoje, é uma chance única. No campo base do Everest, quando escalei, estavam ao redor de 500 pessoas, No Aconcagua, a cada ano, uma pequena cidade é montada no campo base com centenas de pessoas. Mesmo no Mustagata, uma montanha com 7600 metros no sudoeste chinês que escalei no ano passado, estavam ao redor de 100 pessoas e isso que é uma montanha remota e razoavelmente desconhecida.
Conheci meus companheiros de expedição ontem e aos pouquinhos vamos nos integrando. Com o cancelamento da travessia da costa ao polo, meu primeiro plano para este final de ano, não tive outra opção que me associar a um grupo internacional para escalar o Vinson e estar em uma expedição assim complexa e razoavelmente longa com gente que não conheço foi nesses últimos meses um fator de preocupação. Mas, creio, tudo correrá bem. Meus companheiros de expedição são fortes e experientes e isso é muito bom. Não é uma coisa boa estar em uma montanha como o Vinson com gente que não sabe o que está fazendo. Isso aconteceu no Denali onde um canadense decididamente não deveria estar lá. Não tinha nem experiência nem forma física para uma montanha difícil como aquela e atrapalhou o andamento do grupo pelos 20 dias que lá estive.
Punta Arenas é uma cidade sem muita personalidade. A beira de um mar gelado e encrespado, com casas nem bonitas nem feias, não deixa muita impressão em quem a visita. Normalmente ponto de partida para as atrações da Patagônia, principalmente as lindíssimas Torres Del Paine, é um lugar de passagem. Mas, apesar disso, o fato de cruzar na rua com muitos mochileiros faz com que imediatamente eu me senta em casa.
O grupo todo está em um hotel confortável, mas como sempre, sinto-me mais à vontade em um simpático hostal para onde pretendo voltar ao final da expedição.

Ontem sai caminhando para comprar um gravador desses pequenos para registrar meus pensamentos durante a expedição. O céu estava azul com poucas nuvens, mas como sempre por aqui, soprava um vento gelado. Apesar disso, estava de camiseta e sem gorro. Acabo de cortar meus cabelos bem curtos para não dar trabalho na montanha onde ficaremos até 20 dias sem banho e sentia o vento na minha cabeça. Um leve cheiro de maresia vinha do mar batido e me sentia vivo e feliz. A poucos dias estava nos Estados Unidos percorrendo o oeste americano em um confortável

carro, depois estava em São Paulo por 3 dias vendo amigos e família e agora estou próximo a sair do planeta rumo a Última Fronteira....amo minha vida!

Acordei com o despertador às 6 da manhã e me surpreendi por ter dormido tão bem. Normalmente, em dias como este, acordo de meia em meia hora com medo de perder a hora. Tudo estava pronto, mas uma estranha sensação de ter esquecido algo me perturbava há vários dias. Uma vez mais abri meu enorme duffle bag e chequei se tudo estava lá. Antártica não é um bom lugar para ir sem alguma peça de roupa ou algum equipamento faltando. Tudo que estava lá era fundamental, nada era extra. Cada grama contava, já que iria carregar tudo isso montanha acima. No total, estava com 50 quilos contando roupas, equipamento, barraca, comida, combustível.
Mas o horário da chamada telefônica veio e foi e nada. O combinado era que poderíamos ser chamados para ir para o aeroporto às 6:30 e se não, a cada duas horas. Fiquei na cama lendo, ou tentando concentrar-me na leitura, e as horas foram passando. Finalmente às 13 horas me ligaram. Tinha chegado o grande momento. Depois de mais de um ano sonhando com a Antártica (isso para não falar com o desejo de anos...) estava finalmente embarcando.

Embora por fora o Iilyushin II-76 não seja muito diferente de um avião convencional, por dentro a história é outra. Apenas duas pequenas janelas deixavam o fraco sol de Punta Arenas iluminar a escuridão do interior. Apesar dos assentos tradicionais, ao redor de 50 ocupando metade do avião, não havia dúvidas de que estávamos em um avião de carga russo. Nenhuma concessão tinha sido feita à estética. Cabos por toda a parte, guindastes presos no teto e um comissário de bordo russo, careca e gordo...
Dentro do vôo uma babel de rostos, línguas, nacionalidades e sonhos. Ao redor de 50 pessoas suando com seus trajes de Antártica com grossos casacos de pena, botas triplas, gorros e echarpes. A maior parte rumo ao Polo Sul para a comemoração dos 100 anos, uns para esquiar o último grau (dos 89 aos 90 graus de latitude sul, o chamado Last Degree), outros para simplesmente voar até o polo pela módica quantia de US$ 65.000 para o prazer de passar uma noite por lá. Quatorze de nós íamos escalar o Vinson, a mais alta montanha do continente branco.

Nos dias anteriores aos poucos fomos nos conhecendo. Somos, em nossa expedição, apenas seis. Dean, o chefe da expedição tem 47 anos e trabalha como guia profissional há 20 anos. Já escalou o Everest sete vezes, o Vinson duas além de inúmeras outras montanhas. De sorriso fácil, como a maior parte de seus compatriotas da Nova Zelândia, transmite imediatamente confiança e simpatia. Imediatamente me identifiquei com ele e, creio, o sentimento é recíproco. O fato de sermos ambos guias e de vivermos nas montanhas cria um vínculo imediato. Peter de 52 anos, australiano, de físico normal para um homem de sua idade surpreende ao

contar que já fez 32 iron man inclusive duas vezes o iron man de Hawaii. Normalmente programa suas férias para coincidir com competições ao redor de mundo. Está vindo agora de duas, uma nos Estados Unidos e outra no México. Nunca escalou montanhas de 8.000 metros, mas tem em seu currículo o Ama Dablan e o Mt. Cook. David, também australiano, de 30 anos, o mais jovem do grupo também parece o mais forte. É corredor de ultra maratonas e veio para a Antártica para fazer uma prova de 100 km e como já estava aqui decidiu escalar o Vinson embora montanhismo seja algo muito novo para ele. Como experiência anterior tem apenas o Kilimanjaro. Marion, 40 anos, é francesa e escaladora muito experiente. Está agora terminando um ano sabático de escaladas ao redor do mundo. Além de inúmeras montanhas nos Alpes escalou o Pumori no Nepal, o Cho Oyu, o Shishapagma, o Ama Dablan e várias outras nos Himalaias. Karsten tem 58 anos, é piloto em seu país, a Noruega, e tem cinco dos Sete Cumes inclusive o Everest no ano passado. Apesar de simpático, é extremamente calado e durante toda a expedição deve ter falado não mais do que poucas frases. Reservado, calado e no mínimo me achando estranho com minha maneira de conversar um monte, fazer perguntas pessoais e sorrir muito. Respondeu às minhas perguntas brevemente e é dessas pessoas que em grupo como que desaparecem.

Como o grupo parece ser uniformemente forte, me questiono se estarei à altura deles, já que nos últimos dois meses não treinei muito na minha viagem aos parques nacionais americanos, pelo menos não no nível que estou habituado.

Logo que pousamos na pista de gelo azul nos comunicam que dentro de 3 horas estaremos embarcando para o campo base do Vinson para um vôo de 45 minutos em um avião de dez assentos. A base da ALE, a empresa americana que organiza os voos para a Antártica, impressiona. Aos poucos vou compreendendo o porque do custo de US$ 35.000 por esta escalada. Ao redor do campo tratores se movimentam levando equipamentos de um lado ao outro, ao redor de 40 staff trabalham para deixar a visita dos escaladores o mais confortável possível e ao lado da pista de pouso vejo uma máquina nova que custou US$ 400.000 para soprar a neve da pista e deixá-la de gelo puro.
Saio do avião como que em transe olhando ao meu redor enquanto caminho cuidadosamente para não escorregar no gelo. A paisagem é grandiosa, deslumbrante. O frio arde no rosto descoberto, mas é um frio bem vindo após a sensação de claustrofobia dentro do avião. Está 20 graus negativos, mas não quero ir para dentro da barraca refeitório, tudo é muito bonito...
Já são 1 da manhã quando finalmente decolamos rumo ao campo base, mas com o sol constantemente como se fosse 4 da tarde é difícil manter uma noção de tempo. O sol roda ao nosso redor sem nunca mudar de altura. A única mudança é quando o sol entra atrás de uma montanha e escurece um pouco e a temperatura desaba mais de 20 graus.

O vôo é deslumbrante e constantemente lembro-me da minha escalada no Denali no Alaska em 2008. Também aqui o pequeno avião quase toca com suas asas o topo das montanhas. Surpreendo-me com a quantidade de montanhas pois sempre imaginei a Antártica praticamente plana. E quase às 2 da manhã chegamos ao nosso campo base, a última ilha de civilização por duas semanas. O lugar não poderia ser mais espetacular. Um pequeno platô cercado de montanhas por 3 lados desabando para uma planície de gelo que se estende por milhares e milhares de quilômetros.
Montamos nossas 3 barracas e nos entocamos dentro de nossos sleeping bags para nossa primeira noite no continente. Como eu e Marion estávamos com casacos azuis e o restante estava com vermelhos resolvemos o impasse de divisão de barracas usando este critério. Fiquei feliz pois sentia que a Marion seria uma excelente companheira de barraca. Não estava enganado.
Os próximos dois dias foram de descanso, preparo do equipamento e espera pela melhora do tempo que desde que chegamos não andava muito bom. Podíamos ver no topo das montanhas um forte vento movimentando velozmente grossas nuvens. A temperatura manteve-se ao redor de 25 graus negativos e resolvemos esperar no campo base ao invés de subir para os campos mais altos onde com certeza a situação seria mais difícil.
No terceiro dia recebemos uma previsão de tempo que predizia diminuição do vento para os próximos dias e finalmente sentimo-nos seguros para subir. Montamos nossas mochilas, carregamos os trenós e com 50 kg de peso seguimos em duas cordadas rumo ao campo 1, nove quilômetros de distância e 700 metros acima. Apesar do frio constante, rapidamente tive de tirar várias camadas de roupas já que o esforço de arrastar o trenó era muito grande. Por oito horas escalamos rumo ao campo 1 e quando chegamos estava exausto. Mas, neste tipo de montanha, a escalada é apenas parte do esforço. Ainda nos esperava montar o acampamento fazendo plataformas no gelo, cavando um enorme buraco para montar nossa barraca cozinha e montando as barracas. Em seguida, derreter neve, cozinhar o jantar e finalmente dormir. Como complicador, quando chegamos ao campo entrou uma ventania muito forte com rajadas de até 50 km/hora o que dificultou muitíssimo todo o trabalho de montar o acampamento. Com ventos deste tipo a sensação térmica desaba facilmente para ao redor de 40 graus negativos e montar as barracas sem o uso de luvas grossas é quase impossível pelo risco de congelamento de extremidades. Por outro lado, manusear com alguma habilidade qualquer coisa com as luvas grossas também é quase impossível...
Apesar da ansiedade em relação ao meu estado de preparo, chegamos todos mais ou menos no mesmo estado de cansaço, inclusive o Dean. Acho que mesmo sem um treino mais intenso, como tenho uma base muito boa de preparo físico, acabo dando conta.
No dia seguinte tivemos um merecido descanso e não fizemos outra coisa do que hidratar e comer e prepararmo-nos para outro dia difícil, o da subida das cordas fixas.

Com 24 horas de sol, não temos pressa de sair a uma hora determinada. Acordamos com calma, tomamos nosso café da manhã que nunca dura menos de 2 horas e desmontamos o acampamento. Nos espera um dos dias mais difíceis da escalada, a subida das cordas fixas entre o campo 1 e o campo 2. Saímos ao redor de meio dia e após uma subida suave, desta vez sem os trenós e só com a mochila que pesa ao redor de 30 quilos, chegamos a base das cordas fixas. São 700 metros de subida com ângulos de ao redor de 45 graus. Colocamos os jumares (ascensores que deslizam corda acima e travam corda abaixo) e começamos a infinita repetição, deslizar o jumar, colocar o ice axe, perna direita perna esquerda. Mais uma vez, apesar do frio, tenho de tirar várias camadas, operação nada fácil em uma parede tão inclinada. Fazemos duas paradas para descanso e aos poucos o Peter vai ficando para trás. Ele está preocupantemente lento e sinto que todos os outros estão pensando o mesmo. Se ele no dia de cume for assim também, pode por em risco o cume de todos. Temos apenas um guia e se alguém tiver de descer, todos teremos de fazer o mesmo. No topo da corda fixa esperamos o Peter por uma hora. Penso de forma otimista que pode ser apenas que ele esteja em um dia ruim, mas sei que não é isso. Da corda fixa até o acampamento são mais ou menos uma hora e eu, a Marion e o David chegamos bem antes dos outros e começamos a montar o acampamento. O frio está imenso com um vento que dificulta tudo. O lugar me parece desolado embora mais tarde, já descansado e com menos vento, possa apreciar o quão belo ele é. Quando o Peter chega ele está mais do que exausto, está com frio, sem energias e não consegue fazer nada sozinho. Deixo o que estou fazendo e vou cuidar dele. Coloco ele dentro de uma das barracas, tiro suas botas, faço ele entrar dentro de seu sleeping bag e lhe dou dois envelopes de gel energético. Volto para a montagem do acampamento.
No dia seguinte o céu está quase sem nuvens e o vento desapareceu. A previsão estava certa e vemos com muito otimismo nossa chance de cume para o outro dia. Passamos o dia descansando e trocando histórias de montanha, a maior atividade de qualquer expedição.

Acordamos às 7, super cedo para nossa rotina de dormir até a hora que dá vontade. Em duas horas nos preparamos e estamos prontos para partir para o grande dia. Eu, a Marion e o David estamos prontos antes e o Dean nos pede para irmos a frente. Após meia hora de caminhada a Marion percebe que deixou seu casaco de pena de ganso na barraca e ficamos esperando por ela ir até lá. Agora não está tão frio, ao redor de 25 graus negativos, mas a previsão é de 32 graus negativos no cume. A outra cordada nos ultrapassa, mas posso ver que o Peter está super lento. Vendo que desta forma ele não chegaria ao cume o Dean coloca parte do equipamento do Peter em sua mochila e o Peter segue mais leve e consequentemente um pouco mais rápido. Mais adiante, mesmo isso não é suficiente e o Dean segue puxando o Peter pela corda. Não haveria outra maneira...
Finalmente, após 6 horas de dura escalada chegamos ao pequeno platô que antecede a crista final. Sento na neve para descansar e após um acesso de tosse vomito

grande quantidade de líquido. Apesar do Vinson ter "apenas" 4900 metros, por causa da extrema latitude e do frio, ele se comporta como uma montanha de quase 6000 metros e a altitude finalmente está me afetando. Nada novo para mim...
A escalada desta crista é deliciosa, apesar do cansaço extremo. Ambos os lados desabam centenas de metros de forma super íngreme. Caminho entre trechos de rocha, gelo e neve e a colocação precisa de cada pé é fundamental. Os crampons deslizam na rocha. As pernas cansadas não ajudam muito nessas manobras. Aos poucos avanço rumo ao cume. Uma subida, um pequeno platô, outra subida. O cume sempre está mais além. Finalmente ouço o grito de vitória do Dean. Apesar de já ter subido outras duas vezes, esta é a primeira vez que ele pode ver a vista do cume, antes só nuvens. Em mais uns minutos chego lá. A emoção até então reprimida finalmente extravasa e choro sem parar. Estou no cume do Vinson e um projeto de 20 anos se concretiza. Em 1990 o Kosciuszco na Austrália, em 2002 o Aconcagua na América do Sul, em 2005 o Kilimanjaro na África, em 2008 o Denali na América do Norte e o Elbrus na Europa, em 2010 o Everest na Ásia e agora a Antártica. Completei os Seven Summits!!! Sou segundo brasileiro a fazê-lo e, como sempre, o mais velho!!
Nos abraçamos, tiramos as clássicas fotos e ficamos meia hora vendo a lindíssima paisagem. A temperatura realmente está ao redor de 30 graus negativos, mas sem vento nos damos ao luxo de ficarmos no cume por mais tempo.
A descida, apesar de longa, não é difícil. Aos poucos vamos respirando um ar mais rico em oxigênio e nos sentimos progressivamente melhor apesar do longo dia. Eu, Marion e David vamos à frente para derreter neve para o outro time que chega mais de uma hora depois. O restante da noite foi de grandes risadas onde cada um contou sua versão das dificuldades e alegrias.
Mais um dia de descanso, mas já que escalamos o Vinson em razoavelmente pouco tempo, porque não aproveitar que estamos aqui e fazermos algo mais. O Peter e o David estão fora, dizem que para eles o Vinson basta. A nossa frente uma linda pirâmide de neve e rocha nos atrai como mariposas à luz. O Mt. Shinn tem 200 metros a menos que o Vinson e é a terceira mais alta montanha da Antártica. Apesar disso, é um tanto mais técnica do que o Vinson e não podemos resistir. O único problema é o vento. A previsão de tempo diz que os ventos iriam aumentar de intensidade durante o dia e mais ainda no dia seguinte. Concordamos que valia a pena tentar e marcamos a saída para o dia seguinte às 9 da manhã.
Acordei com o ruído do vento chacoalhando a barraca, mas com o sol brilhando. Juntei-me aos outros 3 na barraca cozinha e decidimos que, apesar do vento, iríamos tentar. A escalada começou com uma pequena subida de 100 metros seguida de uma descida de 200. Enquanto descia pensava que na volta iria ter de subir esta encosta e comecei a sofrer por antecedência. Ah, se realmente pudesse usar as lições do budismo de viver no presente. Desta forma agora estaria aproveitando a facilidade da descida e deixaria para sofrer com a subida quando ela viesse.

Cruzamos um trecho onde o vento havia deixado a superfície de gelo puro onde caminhamos com cuidado para não escorregar. Em seguida contornamos a montanha nos aproximando da rota que nos levaria ao cume. O vento estava ao redor de 20 km/hora e o frio intenso. Paramos muito pouco já que com qualquer parada esfriávamos rapidamente. Um gole de água morna, uma mordida de uma barra de cereais e já estávamos a caminho novamente. Após 5 horas chegamos a base da pirâmide final de rocha e gelo. O desgaste pelo frio se fazia notar e apesar de já melhor aclimatados, estávamos cansados. Os últimos 100 metros verticais foram bem difíceis por causa da superfície de rocha com gelo, mas após 6 horas de escalada chegamos ao magnífico cume tão afilado que tivemos de nos sentar "a cavalo" nele. A visão era espetacular com o Vinson, diversas outras montanhas e nosso campo ao longe. Mas, ao contrário do Vinson, o vento não nos deixou ficar por lá muito tempo. Tiramos fotos e rapidamente começamos a descida. O vento tinha aumentado terrivelmente e com ao redor de 40 km por hora a sensação térmica era de 50 graus negativos! No colo entre o Vinson e o Shinn senti minha bochecha queimar. Achei que era apenas o frio, mas a sensação foi piorando e resolvi dar uma olhada. Ao colocar o dedo senti uma elevação de meio centímetro de altura por uns 5 centímetros de comprimento. Pedi para a Marion dar uma olhada e ela confirmou que estava com um princípio de congelamento. Rapidamente cobri o rosto com um buff. Tinha tirado a face mask pouco tempo antes porque estava um pouco sufocado por ela. Em poucos segundos de exposição a pele tinha congelado. Bastante preocupado segui rumo ao campo. Quando passei pelo Karsten vi que ele protegia seu rosto com a mão na direção do vento que estava cada vez mais forte.

Para meu alívio, quando cheguei ao campo vi que protegi a tempo meu rosto e apenas uma vermelhidão marcava o lugar onde antes estava como que uma cicatriz. Já o Karsten não teve esta mesma sorte. Sua bochecha estava em carne viva e a ponta de seu nariz apresentava uma palidez preocupante. No dia seguinte vimos que ele realmente tinha tido um congelamento superficial e tanto a ponta do nariz quanto a ponta de um de seus dedos estava negra. Mas, como não apresentava bolhas vimos que realmente eram congelamentos superficiais.

Saímos do acampamento 2 com mochilas muito pesadas e a descida das cordas fixas foi extremamente cansativa. Desmontamos o acampamento 1 e seguimos diretamente para o base. A expedição tinha acabado e agora era só esperar o avião nos pegar. Com o dia 14 sendo o aniversário da conquista do polo, ao redor de 120 pessoas tinham voado para lá e os voos estavam sendo direcionados para buscá-las e nós acabamos presos no campo base por 4 dias.

Esses dias transcorreram de forma arrastada, com muito tempo em nossas mãos e pouco o que fazer. Fizemos um concurso de escultura em gelo, tivemos um jantar com as 14 pessoas das 3 expedições e eu me diverti aprendendo a equilibrar-me em uma slack line (corda bamba), mas após o terceiro dia já estávamos ansiosos para voltar para o Chile. A comida estava acabando e tínhamos que ter criatividade para compor menus com o que tínhamos.

Finalmente dia 18 ouvimos com alívio o ruído do pequeno avião e na madrugada do dia seguinte pousávamos em Punta Arenas.
Uma das mais lindas experiências de minha vida tinha terminado!

A CONTROVERSIA DOS SETE CUMES

Em esportes é comum a busca de recordes, coisas nunca antes feitas e o conceito exerce fascínio em atletas de várias disciplinas e também no público em geral. Alguns desses recordes me parecem genuínos como a busca de melhores marcas em natação e atletismo e outros esportes afins já que esta busca está baseada na superação física, emocional e técnica. Por outro lado outros recordes me parecem que tem como principal fator motivador a busca da notoriedade e não do avanço do esporte. Boa parte dos recordes do Guiness me parecem entrar nesta categoria e os exemplos são inúmeros. A mais alta tacada de golfe do mundo, o mais alto jantar de gala do planeta e por ai afora.

Dentro do montanhismo muitas foram as conquistas dignas de menção, e claro, destaca-se a conquista do Everest por Sir Edmund Hillary e por Tenzing Norgay que tiveram a dignidade de nunca revelar qual dos dois foi o primeiro. Eram um time e sem um o outro não teria logrado. Também é necessário mencionar a primeira escalada do Everest sem uso de oxigênio artificial pelo montanhista italiano Reinhold Messner em 1978 contrariando a visão de que era impossível chegar àquela atitude sem auxílio de oxigênio. Veio então o desafio da escalada das 14 montanhas com mais de 8.000 metros que foi feita também pelo Messner.

O próximo grande desafio é o tema deste texto e antes de entrar nos seus aspectos mais controversos gostaria de traçar um pouco o histórico desta busca. Em boa parte dos países (mas não universalmente) é aceito de forma bastante arbitrária que o planeta está dividido em sete continentes e a busca da escalada da montanha mais alta de cada um dos sete continentes ficou conhecida como Os Sete Cumes.

A primeira pessoa a lograr escalar os Cinco Cumes foi William Hackett, um soldado de Oregon, EUA em 1956. Nesta época, e ainda hoje para alguns, o Mt. Blanc era considerado o ponto culminante da Europa. Suas escaladas foram:
Mt. McKinley (Denali) em 1947
Aconcagua em 1949
Kilimanjaro em 1950
Kosciuszko e Mt. Blanc em 1956

Veio então o escalador japonês que manteve a marca dos Cinco Cumes, mas entre eles o Mt. Everest. Boa parte de suas escaladas foram em solo.

Mt. Blanc e Kilimanjaro em 1966
Aconcagua em 1968
Everest e McKinley em 1970

Vem então Reinhold Messner e quase torna-se o primeiro a escalar os Sete Cumes e só não foi por estar concentrado mais na busca das 14 montanhas com mais de 8.000 metros. De 1971 a 1983 ele já havia escalado seis dos sete cumes e três anos depois escalou o Vinson, o último que faltava, mas no ano anterior um americano milionário iria roubar este recorde.

Dick Bass não era um montanhista profissional e sim dono de empreendimentos nos Estados Unidos, entre os quais uma estação de ski. Mas, a ideia de aos 52 anos conseguir escalar os Sete Cumes tomou forma na sua imaginação e dispondo de muitos recursos e com a ajuda de renomados escaladores profissionais escalou seis deles em apenas um ano, 1983. Faltava apenas o Everest, mas a mais alta de todas necessitou três tentativas para que em 1985 tivesse sucesso tornando-se o primeiro a escalar todos os sete.

Imediatamente este recorde foi contestado pelos que advogavam o que se chamava então de Messner List, a lista do Messner, que incluía ao invés do Kosciuszko, a Pirâmide Carstensz na Indonésia. No ano seguinte, Pat Morrow, um forte escalador canadense, concluía os Sete Cumes com o Carstensz.

E então, qual é o Verdadeiro Sete Cumes? Infelizmente a resposta é: não existe um único Sete Cumes e até posso dizer que não existe consenso em relação a quantos

continentes existem na Terra. O próprio conceito do que é um continente é disputado e visto de várias maneiras em diferentes lugares. A pergunta que cabe então é: o que é um continente? A definição mais frequente é que se trata de uma grande massa de terra contínua separada por um corpo de água. Dos sete continentes, apenas a Austrália (se considerarmos a Austrália um continente e não a versão mais ampla de Oceania) e a Antártida obedecem esta definição.

De acordo com a Wikipédia, os continentes são definidos por convenção e não por um critério e podem existir listas de 4, 5 6 ou 7 continentes no planeta. Se pensarmos que a África, Europa e Ásia são na realidade uma única massa de terra temos a Afro Eurásia e seriam então 4 continentes. Se pensarmos que a África é separada pelo istmo de Suez da Ásia então teríamos cinco continentes. Se pensarmos em África, Ásia e Europa separadas, mas as Américas juntas teremos seis continentes. E se as Américas forem divididas em duas massas separadas novamente por um istmo, o do Panamá, teríamos os sete continentes. Mas ainda assim pode-se considerar um continente apenas a terra que forma a grande massa continental excluindo as ilhas próximas e terras que um dia com o nível do mar mais baixo fizeram parte desta massa de terra. Isto seria a base para os que defendem que o Kosciuszko é a montanha mais alta da Austrália ou os que defendem que o Carstensz é a mais alta, já que o continente seria na realidade a Oceania com Austrália, algumas ilhas e a Papua New Guine e a outra parte da ilha que é a província de Papua onde fica o Carstensz e que pertence politicamente à Indonésia.

O modelo dos sete continentes é ensinado na China e nos países de língua inglesa. O modelo dos seis continentes com Eurásia é aceito pela comunidade de geógrafos, nos países da antiga União Soviética e Japão. O modelo dos seis continentes com uma só América é ensinado nos países latino americanos, e algumas partes da Europa como Grécia, Itália, Portugal e Espanha. E a logomarca dos jogos olímpicos tem cinco...

E alguns usam a depressão Kuma- Manych como a divisa da Europa e a Ásia e com isso os Cáucasos ficariam fora da Europa e assim o Mt. Blanc voltaria a ser o mais alto da Europa.

Então está feita a confusão... em que acreditar? Na realidade, hoje em dia, as duas listas são aceitas e para os que dispõe de dinheiro e tempo (o Carstensz custa ao redor de US$ 17.000) existe também a lista com os que escalaram ambas montanhas. Até janeiro de 2010, 275 montanhistas escalaram os sete cumes pertencentes a uma ou outra lista e 30% deles escalaram os oito picos.

Em minha opinião tudo isso tem muito pouca importância. Eu que escalei os Sete (lista de Bass com o Kosciuszko) Cumes os fiz por paixão de estar na montanha e não por lograr o feito em si. O Kosciuszko subi mais de vinte anos atrás quando ainda nem pensava que um dia escalaria o Everest. Os demais escalei por que eles me atraiam. O Carstensz não me atrai. Uma longa e quente caminhada na selva de Papua

seguida de um dia de escalada em rocha e mais dias e dias de caminhada de volta. Para complicar é uma montanha cara.

FATOS SOBRE OS SETE CUMES

1 - KOSCIUSZKO

O Monte Kosciuszko com 2228 metros é a mais baixa dos Sete Cumes e localiza-se nas Snowy Mountains no estado de New South Wales na Austrália. Sua primeira ascensão foi em 1840 pelo explorador polonês Conde Pawal Strzelecki que nomeou a montanha em homenagem ao herói polonês e herói da Revolução Americana Tadeusz Kosciuszko. Devido a facilidade em "escalar" o Kosciuszko, sem dúvidas, dos Sete Cumes, ela é o mais popular recebendo ao redor de 100.000 visitantes ao ano.

No Kosciuszko acontece desde 2004 uma ultra maratona com 240 quilômetros que se inicia na costa e termina no seu cume.

A subida do Kosciuszko não pode ser considerado uma escalada já que é apenas uma caminhada de poucas horas não exigindo nem preparo físico especial nem técnica alguma. Pode-se subir a montanha em qualquer época do ano embora no inverno comumente esteja coberta de neve.

2 - ACONCAGUA

Com 6959 metros o Aconcagua é a segunda mais alta montanha dos Sete Cumes. É também a mais alta montanha fora da Ásia. Localiza-se na Cordilheira dos Andes, na província de Mendoza na Argentina a quinze quilômetros da fronteira com o Chile.

A formação geológica do Aconcagua deve-se a uma subducção da Placa de Nazca embaixo da placa Sul Americana. A origem de seu nome é debatida. Há quem diga que vem do araucano e que se refere ao rio Aconcagua significando "aquele que vem

do outro lado" ou então do quéchua significando "sentinela de pedra", tradução mais aceita.

A primeira tentativa de escalar o Aconcagua aconteceu em 1883 pelo geólogo alemão Paul Gussfeldt que chegou a 6500 metros. A primeira escalada bem sucedida em 14 de janeiro de 1897 pelo guia suíço Mathias Zurbriggen. A pessoa mais jovem a escalar o Aconcagua foi o americano Tyler Armstrong aos 9 anos de idade em 2008 e o mais velho Scott Lewis em 2007 aos 87 anos de idade. O recorde de velocidade fé do equatoriano Karl Egloff que escalou a montanha em 11 horas e 52 minutos!

O Aconcagua pode ser escalado por várias rotas sendo que a rota normal que segue a crista noroeste é a mais popular por ser a mais fácil tecnicamente e ter a maior infra estrutura de apoio. Outras rotas utilizadas são a Falso Polacos e a Polacos, além da temida Parede Sul com altíssimo grau de fatalidades sendo considerada um dos maiores desafios do montanhismo mundial.

Na temporada de 2009 / 2010 o Aconcagua recebeu 7096 visitantes dos quais 3712 eram pessoas tentando chegar ao seu cume. Apesar da escalada ser feita normalmente em pelo menos 15 dias para proporcionar uma boa aclimatação, o atual recorde de velocidade é do peruano Pantoja Bayona que fez da entrada do parque ao cume e volta em 20 horas e 35 minutos!

A escalada do Aconcagua pela face normal não é tecnicamente difícil, sendo na maior parte uma caminhada em altitude. Isso faz com que muitas pessoas com pouca ou nenhuma experiência em altitude ou montanhismo tente a montanha. Apesar de ser tecnicamente fácil o Aconcagua não deve ser subestimada, assim como nenhuma outra montanha de sua altitude. O clima do Aconcagua é cruel e mudanças abruptas são a regra, não a exceção. As janelas de bom tempo raramente são mais longas do que três dias e há que se tomar muito cuidado com os "Vientos Blancos" quando a visibilidade cai a quase zero e a chance de se perder é grande. Todos os anos lemos de fatalidades na montanha e quase sempre são casos que poderiam ser evitados caso a pessoa tivesse mais experiência ou fosse acompanhado de guias experientes. Outro fator subestimado é a aclimatação que deve ser muito cuidadosa como em qualquer montanha deste porte. Uma expedição ao Aconcagua não deveria prever menos do que 15 dias na montanha e ter um itinerário flexível para acomodar diferentes velocidades de aclimatação para os membros da equipe.

Uma expedição comercial ao Aconcagua custa algo entre US$ 4000 a US$ 5000 e demora entre duas a três semanas. Como toda montanha acima de 6.000 metros é necessário um excelente preparo físico principalmente se o escalador não fizer uso dos serviços de carregadores para transporte de equipamento e comida para os campos altos.

Os melhores meses para sua escalada são entre dezembro a fevereiro.

3 - KILIMANJARO

O Monte Kilimanjaro é um estrato vulcão que começou a formar-se mais de um milhão de anos atrás. A montanha tem 3 cumes distintos, o Kibo com 5895 metros, o Mawenzi com 5149 metros e o Shira com 3962 metros. Uhuru Peak é o cume mais alto da cratera do Kibo. Dos três picos, dois (Mawenzi e Shira) são extintos e o Kibo é dormente sendo que sua última erupção deve ter ocorrido ao redor de 360.000 anos atrás. Apesar de dormente cientistas acreditam que sua magma derretida está a apenas 400 metros da superfície.

O Kilimanjaro situa-se na Tanzânia e está a 325 quilômetros do Equador, próximo da fronteira com o Quênia e é considerada a mais alta montanha isolada da Terra.

A origem do nome Kilimanjaro tem muitas controvérsias e nenhuma das teorias é completamente aceita. O nome de seu cume mais alto, Uhuru, significa Montanha da Liberdade em homenagem á independência da Tanzânia, antiga Tanganica.

A primeira tentativa de escalada aconteceu em 1861 pelo oficial alemão Barão Carl Claus e pelo geólogo inglês Richard Thornton que chegaram a apenas 2500 metros. O alemão fez uma segunda tentativa chegando desta vez a 4280 metros.

Em sua terceira tentativa de escalada finalmente o geólogo alemão Hans Meyer juntamente com o escalador Ludwig Purtscheller chegou ao cume mais alto do Kibo em 6 de outubro de 1889.

O recorde de velocidade de subida da montanha pertence ao espanhol Kilian Jornet Bruno Brunod que subiu do Marangu Gate ao cume em 5 horas 23 minutos. O recorde de subida e descida pertence ao equatoriano Karl Egloff que fez em 6 horas e 56 minutos! A pessoa mais jovem a escalar o Kilimanjaro foi o americano Keats Boyd com sete anos de idade em 2008. A pessoa mais velha foi Richard Byerley com 84 anos.

Existem seis rotas oficiais de escalada do Kilimanjaro: Marangu, Rongai, Lemosho, Shira, Umbwe e Machame sendo que a Marangu é a mais popular. Ao redor de 25.000 pessoas por ano escalam a montanha.

O Kilimanjaro não é uma escalada no sentido mais estrito da palavra. Seria mais bem descrito como uma caminhada em altitude já que não envolve nenhuma técnica de escalada. Apenas o fato de se ir de campo em campo, cada vez mais alto na

montanha, faz com que usemos a palavra escalada. Qualquer pessoa com um preparo físico razoável e grande determinação é capaz de chegar ao topo do Kilimanjaro.

As expedições comerciais custam ao redor de US$ 4000 e duram ao redor de 10 dias. As expedições, no intuito de "cortar" despesas, organizam expedições em cinco dias quebrando todas as regras de segurança. Uma duração de, pelo menos, sete dias na montanha é recomendável.

Os melhores meses para sua escalada são de janeiro a começo de março, final de junho até outubro e o mês de dezembro.

4 - MOUNT DENALI

O Mount Denali tem 6194 metros e é o terceiro mais alto dos Sete Cumes. Localiza-se no Alaska a 63 graus de latitude norte e resulta do levantamento provocado pela entrada da Placa do Pacífico abaixo da Placa Norte Americana. Seu nome local e hoje em dia oficial, que significa "O Grande" . Já o nome McKinley foi dado em homenagem ao vigésimo quinto presidente dos Estados Unidos, Willian McKinley que governou de 1897 a 1901.

O Denali é a montanha com maior desnível do planeta de sua base até seu cume, fato que colabora com que seja considerado o mais difícil fisicamente dos Sete Cumes. Também é considerada a mais fria dos Sete Cumes, ganhando neste tópico inclusive do Vinson na Antártica.

O Denali tem dois cumes principais, o cume sul, mais alto e o cume norte com 5934 metros, as vezes considerado como uma montanha independente.

A primeira escalada bem sucedida do McKinley aconteceu em 1913 após pelo menos quatro tentativas mal sucedidas. O primeiro escalador a chegar no seu cume foi Walter Harper, nativo do Alaska.

Ao redor de 1300 pessoas escalam o McKinley por ano, mas apenas ao redor de 50% logram chegar no cume. Os fatores principais de insucesso são o mal clima e o frio extremo. A ascensão mais rápida foi do Kilian Jornet ao subir e descer a West Buttress em 11 horas e 48 minutos. Em 2001 Galen Johnston com 11 anos torna-se o mais jovem a escalar o McKinley. No outro lado do espectro de idade em 2013 Tom Choate torna-se o mais velho a chegar no cume aos 78 anos de idade.

Existem nove rotas de escalada da montanha sendo que a West Buttress é considerada a rota normal e recebe mais de 90% dos escaladores. Outras rotas em

ordem de frequência são: Muldrow Glacier, Cassin Ridge, Muldrow Traverse, Upper West Rib, West Rib, West Buttress Traverse.

Apesar da via normal não ser muito técnica, o Denali não deve de forma alguma ser o primeiro dos Sete Cumes. É uma montanha muito exigente fisicamente, talvez mais do que o próprio Everest, é a mais fria de todas e é muito difícil o escalador fazer uma expedição ao seu cume sem passar por uma das suas frequentes tempestades que podem e normalmente duram dias. Os ventos são fortíssimos levando a sensação térmica chegar facilmente a 50 graus negativos. Dos Sete Cumes é a montanha com o maior desnível vertical o que significa uma escalada de mais de 4.000 metros verticais. Mas, além de cobrir ao redor de 1.000 verticais entre campo a campo, o escalador tem de construir plataformas no gelo para colocar sua barraca e muros de gelo para proteção contra os fortíssimos ventos.

As expedições comerciais custam ao redor de US$ 7000 e duram ao redor de 20 dias. Os melhores meses para suas escalada são de final de maio a começo de setembro.

5 - ELBRUS

O Elbrus é um vulcão dormente com 5642 metros localizado na cordilheira dos Cáucasos, na Rússia, próximo a fronteira com a Geórgia. Apesar de haver certa disputa sobre se o Elbrus localiza-se na Europa ou na Ásia, geralmente ele é considerado a montanha mais alta da Europa. O Elbrus tem dois cumes, o oeste, mais alto e o leste, apenas 21 metros mais baixo. É a quinta montanha mais alta dos Sete Cumes.

O nome Elbrus deriva da palavra Alborz que por sua vez deriva de Harā Bərəzaitī, uma montanha lendária no Irã.

Apesar de pertencer aos Cáucasos, o Elbrus encontra-se a 20 quilômetros da cordilheira principal. Seu cume permanentemente nevado alimenta vinte e dois glaciares. Apesar de hoje em dia dormente, atividade vulcânica está presente na forma de fontes de água quente. Sua última erupção aconteceu ao redor de 2000 anos atrás.

As lendas contam que foi no Elbrus que Zeus acorrentou Prometheus e foi de onde Titan roubou o fogo dos deuses e deu aos homens.

A primeira escalada bem sucedida do cume leste foi em 10 de julho de 1829 por Khillar Khachirov um guia do exército. O cume verdadeiro foi alcançado em 1874 por uma expedição inglesa comandada por Crauford Grove.

Durante os primeiros anos da União Soviética o montanhismo tornou-se um esporte muito popular e a escalada do Elbrus foi muito encorajada. O acesso à montanha foi muito facilitado com a construção entre 1959 e 1976 de um sistema de teleféricos que leva esquiadores e montanhistas até 3800 metros.

Apesar de que pode-se subir o Elbrus por outras rotas, a enorme maioria dos escaladores usa a via normal pela face sul. As outras vias além de serem mais difíceis tecnicamente não dispõe de nenhuma estrutura.

A pessoa mais nova a escalar o Elbrus foi o americano Mattew Moniz com 10 anos e o recorde de velocidade pertence ao russo Denis Urubko com 3 horas e 56 minutos desde a área de ski de Azau a 2166 metros ao cume.

Apesar de o Elbrus não ser uma montanha técnica, sua escalada deve ser feita por pessoas experientes ou acompanhadas por guias experientes. As mudanças bruscas de clima são razoavelmente comuns e a diminuição da visibilidade pode trazer dificuldades em encontrar o caminho de volta. No dia de cume normalmente os escaladores usam o snow cat, um trator equipado com esteiras que os leva a 4700 metros de altitude de onde se começa a escalada. Mesmo assim este é um dia duro envolvendo 1100 metros de subida e 2000 metros de descida, algo ao redor de 12 horas para um escalador médio.

As expedições comerciais cobram ao redor de US$ 4000 e duram ao redor de doze dias. Os melhores meses para sua escalada são de maio a setembro.

6 – MONT EVEREST

O Monte Everest é a mais alta montanha do planeta com 8850 metros e localiza-se na fronteira entre o Tibete e o Nepal com a divisa passando exatamente em seu pequeno cume. O maciço do Everest inclui o Lhotse com 8516 metros, o Nuptse com 7855 metros e o Changtse com 7580 metros.

A montanha foi inicialmente chamada de Peak XV até que em 1865 o nome Everest foi dado por Andrew Waugh, o diretor do serviço de mapeamento da Índia, em homenagem ao seu predecessor Sir George Everest. O nome usado por séculos pelos tibetanos é Chomolungma que significa "Deusa Mãe da Terra". Após a primeira escalada bem sucedida ao cume pelo neozelandês Sir Edmund Hillary e pelo sherpa Tenzing Norgay em 29 de maio de 1953 os nepaleses cunharam o nome Sagarmatha (Deusa dos Céus) para terem um nome nepalês para a montanha recém escalada.

Na metade do século 19 o mapeamento do himalaia tornou-se um assunto de importância política para os ingleses. O chamado "Great Game", a guerra fria entre a Rússia e a Inglaterra estava ganhando força com a Rússia se expandindo para o sul e a Inglaterra querendo ganhar zonas de influência mais ao norte da Índia. Nesta época tanto o Tibete quanto o Nepal estavam fechados para o ocidente e a maneira que os ingleses encontraram para mapear as montanhas do Himalaia foi construir várias plataformas elevadas na fronteira do Nepal com a Índia a 240 quilômetros de distância onde instalavam teodolitos de 500 quilos cada e que tinham de ser transportados por 12 homens. Até então o Kanchenjunga era considerado a mais alta montanha da Terra. Mas em 1852 um matemático indiano identificou o Everest como a mais alta. Mas a confirmação oficial demorou mais alguns anos até que finalmente em 1856 Waugh anunciou ao mundo que o Peak 15, a partir de então chamado de Everest, tinha 8840 metros e era a mais alta montanha do mundo.

Em 1885 Clinton Dent, presidente do Alpine Club, sugeriu que era possível escalar o Everest, mas a primeira expedição exploratória só aconteceu em 1921 em uma expedição inglesa liderada por George Mallory que se aproximou do Everest pelo lado tibetano já que o Nepal continuava fechado aos estrangeiros. Nesta expedição ele chegou ao colo norte a 7.000 metros.

No ano seguinte os ingleses estavam de volta, desta vez com uma expedição mais bem preparada e com intenções de chegar ao cume. George Finch escalou pela primeira vez utilizando oxigênio suplementar e chegou a 8320 metros, a primeira vez que um humano superava a marca dos 8.000 metros. Mallory fez mais uma tentativa, também frustrada, e foi pego em uma avalanche na descida que matou sete carregadores., as primeiras vítimas da montanha.

A próxima expedição foi em 1924 sempre pelo lado tibetano. Mallory e Bruce fizeram a primeira tentativa, mas que foi abortada por mal tempo. Em seguida Norton e Somervell tentaram sem oxigênio chegando a 8558 metros, novo recorde. Em 8 de junho Mallory voltou a tentar novamente com oxigênio suplementar, desta vez em companhia de Irvine. Foram avistados com binóculos ao redor de 8.500 metros em direção ao cume, mas depois disso nunca mais foram vistos e para sempre ficou a dúvida se teriam morrido na subida ou após chegar ao cume. Em 1999 o corpo

de Mallory foi encontrado, mas não sua câmara fotográfica que tiraria as dúvidas de uma vez para sempre. A fotografia de sua esposa que ele teria levado para deixar no cume não foi encontrada.

Depois destas expedições e antes da Segunda Grande Guerra, outras três expedições foram organizadas, uma em 1933, outra em 1936 e ainda outra em 1938, todas sem sucesso.

Com a invasão chinesa do Tibete em 1951 a rota utilizada até então não mais era possível e os escaladores voltaram seus olhos para o Nepal que em 1950 abriu suas fronteiras para os estrangeiros. Em 3 de junho de 1950 o Annapurna, a décima mais alta montanha da Terra, era escalada pelo francês Maurice Herzog, a primeira montanha com mais de 8.000 metros. Com isso, corrida pelo Everest se intensificou. Os dois pólos já tinham sido conquistados, o mundo quase que completamente mapeado. O último grande desafio era a mais alta montanha da Terra.

Em 1950 a primeira expedição exploratória pelo lado nepalês foi organizada por Bill Tilman. Existia um caminho...

Em 1952 uma expedição suíça liderada por Edouard Wyss-Dunant recebeu permissão para escalar o Everest pelo lado nepalês. A rota pela temida Khumbu Ice Fall (cascata do Khumbu) foi aberta e Raymond Lambert e o sherpa Tenzing Norgay chegaram a 8595 metros, novo recorde, mas tiveram de descer.

Em 1953 os britânicos organizaram mais uma expedição liderada por John Hunt. No dia 26 de maio Charles Evans e Bourdilon chegaram até o Cume Sul a apenas 100 metros do cume, mas tiveram de desistir por problemas com seu equipamento de oxigênio. Três dias depois foi a vez do segundo par de escaladores escolhidos pelo líder da expedição, Hillary e Tenzing. Ambos chegaram ao cume do Everest as 11:30 da manhã tornando-se os primeiros homens a escalar o Everest. As notícias da conquista do Everest chegaram em Londres no dia 2 de junho, dia da coroação da Rainha Elizabeth II.

Desde então o cume do Everest foi alcançado 5652 vezes por 3425 pessoas (muitos sherpas tem múltiplos cumes) e 223 pessoas, na maioria sherpas, morreram tentando.

A primeira mulher a escalar o Everest foi a japonesa Junko Tabei em 1975.

O primeiro cume sem o uso de oxigênio suplementar foi em 1978 pelo italiano Messner e pelo austríaco Peter Habeler. Em 1980 Messner chegou ao topo do Everest sem oxigênio e escalando solo. Neste mesmo ano uma equipe polonesa escalou o Everest durante o inverno.

A pessoa mais jovem a escalar a montanha foi o americano Jordan Romero com 13 anos. Pelas regras publicadas após sua escalada este recorde não pode ser batido já que o Nepal não permite escaladores com menos de 16 anos e a China mudou suas regras não permitindo desde então pessoas com menos de 18 anos. A pessoa mais velha é o japonês Youshiro Miura com 80 anos.

O recorde de velocidade no Everest é de 8 horas e 10 minutos desde o campo base até o cume feito por Pemba Dorjee Sherpa embora este recorde seja um tanto controverso. A recorde anterior pertencia a Lhakpa Gelu Sherpa com 10 horas e 56 minutos. O recordista em números de cumes é o nepalês Apa Sherpa com 21 cumes!

Existem duas rotas de escalada tradicionais do Everest, pelo lado tibetano seguindo a Crista Noroeste e a nepalesa seguindo a Crista Sudoeste. Além dessas pelo menos outras 16 rotas já foram utilizadas para chegar ao cume do Everest. As duas rotas normais apresentam graus semelhantes de dificuldade embora cada uma tenha problemas diferentes. A rota nepalesa tem como maior obstáculo a escalada da Cascata do Khumbu, um glaciar que despenca por uma encosta razoavelmente inclinada quebrando-se em imensos blocos de gelo de maneira caótica. A Cascata é o caminho que leva do campo base a 5.300 metros ao campo 1 a 6.000 metros e está em constante movimento. A fato de funcionar como uma "roleta russa" faz com que experiência tenha pouca valia para superar este obstáculo e a Cascata é necessariamente percorrida várias vezes durante uma expedição. Já o lado tibetano tem como principal perigo o fato do último campo ser muito alto a 8.300 metros, 300 metros mais alto do que o último campo do lado nepalês. Para complicar as coisas, a rota deste campo ao cume é razoavelmente longa horizontalmente e com isso os escaladores levam muito tempo em perder altitude após terem chegado ao cume e iniciarem sua descida. Isso os deixa expostos a uma grande altitude por muito tempo favorecendo a terem problemas com altitude. A taxa de mortalidade de ambas as vias é semelhante sendo na média ao redor de 4,5%. Esta taxa é calculada pelo número de cumes dividido pelo número de mortes. Entre as maiores causas estão avalanches, exaustão, quedas em cravasses e quedas de seracs.

Uma expedição média ao Everest custa ao redor de US$ 65.000 e demora ao redor de 60 a 70 dias. A grande maioria das expedições tenta chegar ao cume do Everest no mês de maio e para isso partem de Katmandu no final de março.

7 - VINSON

O Vinson, a mais alta montanha da Antártica com 4892 metros, localiza-se na Sentinel Range das Ellsworth Mountains que fica acima do Ronne Ice Shelf próximo a base da Península Antártica a 78 graus e 31 minutos de latitude sul, 15 graus mais distante do equador do que o Denali.

A montanha foi avistada pela primeira vez há apenas 54 anos e sua primeira escalada bem sucedida foi em 1966 por uma expedição americana liderada por Peter Schoening. Até hoje ao redor de 700 pessoas escalaram o Vinson, a grande maioria pela face oeste partindo do Brascomb Glacier.

Seu nome foi dado em homenagem a um senador americano que teve grande envolvimento na exploração americana da Antártica.

O atual recorde de velocidade de escalada do Vinson pertence a Christian Stangl que escalou da base ao cume em 9 horas e 10 minutos. Christian também é o recordista de velocidade dos Sete Cumes tendo escalado todos os sete em um acumulado de 58 horas e 45 minutos (Everest em 16 horas e 42 minutos, sem oxigênio).

O custo de uma expedição comercial ao Vinson é de ao redor de US 40.000. Boa parte desta quantia é para pagar o vôo de Punta Arenas até a base da ALE, única empresa aérea que oferece voos ao interior da Antártica. De sua base no Glaciar Union o escalador pega um outro vôo até a base do Vinson. A escalada demora em média ao redor de 20 dias, mas atrasos de muitos dias no vôo de ida para a Antártica e na volta à Punta Arenas são normais.

Embora a escalada não seja tecnicamente muito exigente, é recomendável experiência anterior com temperaturas extremas e também um excelente preparo físico. Cada escalador sai do campo base com ao redor de 50 quilos distribuídos entre sua mochila e o trenó. Mesmo mais acima da montanha o escalador estará sempre com uma mochila de ao redor de 30 quilos. Temperaturas de quarenta graus negativos são normais e pelo menos em algum momento da expedição o escalador enfrentará tempestades e ventos fortíssimos que levará a sensação térmica ainda mais abaixo dos 40 negativos.

Apesar de não ser muito alta, menos de 5000 metros, a latitude elevada e a temperatura muito baixa fazem com que a pressão atmosférica seja menor, deixando a escalada mais difícil quando comparada com uma montanha mais próxima ao equador e menos fria.

Os únicos meses do ano que pode-se fazer a escalada são os meses de novembro a fevereiro quando a ALE disponibiliza voos para sua base.